

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais: Relatório de Pesquisa

Mariana Miggiolaro Chaguri, Gêssica de Freitas, Marcia Rangel Candido, Otávio Z. Catelano

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6128>

Submetido em: 2023-05-22

Postado em: 2023-05-23 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

FUTUROS DO TRABALHO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. RELATÓRIO DE PESQUISA

Mariana Miggiolaro Chaguri, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5201-360X>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, Brasil, e-mail: chaguri@unicamp.br

Géssica de Freitas, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3303-6793>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, Brasil, e-mail: gessicafreitas.mm@gmail.com

Marcia Rangel Candido, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3466-000X>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, email: marciarangelcandido@gmail.com

Otávio Z. Catelano, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4535-3232>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, Brasil, e-mail: ozcatelano@gmail.com

RESUMO: Este relatório apresenta resultados da pesquisa "Futuros do trabalho nas ciências sociais". O estudo se baseou em um survey e na realização de entrevistas em profundidade com a comunidade acadêmica e teve como objetivos investigar as percepções acerca dos usos do tempo e das rotinas de trabalho acadêmico na área; conhecer percepções e expectativas de múltiplas gerações de cientistas sociais sobre a profissão; investigar desigualdades de geração, gênero e raça que atravessam a prática profissional na academia. Os resultados proporcionam um retrato abrangente de distintas gerações que integram a comunidade de trabalho acadêmico na área.

Palavras-chave: ciências sociais; trabalho acadêmico; desigualdade; gênero; raça.

English title: FUTURES OF WORK IN SOCIAL SCIENCES. RESEARCH REPORT.

ABSTRACT: This report presents the results of the research "Futures of work in the social sciences." This study was based on a survey and in-depth interviews with the academic community. Two main points were investigated: perceptions of the profession and work routines. It also addressed questions on generational, gender, and racial inequalities in the area. The results provide a broad overview of academic work in the Social Sciences in Brazil.

Keywords: social sciences; gender; race; inequalities; academic work.

FUTUROS DO TRABALHO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS. RELATÓRIO DE PESQUISA

Equipe de pesquisa

Mariana Miggiolaro Chaguri (ANPOCS|Unicamp)

Géssica de Freitas (Unicamp)

Marcia Rangel Candido (IESP-UERJ)

Otávio Z. Catelano (Unicamp)

Apoio técnico

Isolda Santiago dos Santos (Unicamp)

Thaís Fernanda Rabelo (Unicamp)

Consultoria

Magna Inácio (ANPOCS|UFMG)

Vanessa Elias de Oliveira (UFABC)

Danusa Marques (UnB)

Bárbara Castro (Unicamp)

ANPOCS - Gestão 2021-2022

Presidente

André Pereira Botelho (UFRJ)

Secretária Executiva

Mariana Miggiolaro Chaguri (Unicamp)

Secretária Adjunta

Lilia Katri Moritz Schwarcz (USP)

Diretor de Publicação

Gilberto Hochman (COC/Fiocruz)

ABA - Gestão 2021-2022

Presidente

Patrícia Birman (UERJ)

Vice-Presidente

Cornelia Eckert (UFRGS)

Secretária Geral

Carla Costa Teixeira (UnB)

Secretária Adjunta

Carly Barboza Machado (UFRRJ)

ABCP - Gestão 2020-2022

Presidente

Luciana Veiga (UNIRIO)

Secretária- Executiva

Marjorie Marona (UFMG)

Secretário- Executivo Adjunto

Bruno Bolognesi (UFPR)

SBS - Gestão 2021-2023

Presidente

Jacob Carlos Lima (UFSCar)

1º Vice-presidente

Edna Maria Ramos de Castro (UFPA)

2º Vice-presidente

Helena Maria Bomeny Garchet (UERJ)

Secretário Geral

Luiz Gustavo da Cunha de Souza (UFSC)

Sumário

APRESENTAÇÃO	10
PARTE 1 -	13
PERFIL RESPONDENTES.....	13
1.1. Perfil respondentes do survey	14
1.2. Perfil de entrevistados(as).....	21
PARTE 2 -	24
MODOS DE MORAR, USOS DO TEMPO, TRABALHO E CUIDADO - PANDEMIA E ALÉM DELA	24
2.1. Modos de morar, parentalidade e cuidado	25
2.2. Usos do tempo	31
2.3. Impactos do trabalho remoto nas rotinas e atividades de cientistas sociais.....	38
PARTE 3 -	50
TRABALHO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE CIENTISTAS SOCIAIS NA ACADEMIA	50
3.1. Panorama do trabalho acadêmico na área de Ciências Sociais.....	51
3.2. Ciências Sociais como profissão: escolha pela área e estratégias de construção de carreiras acadêmicas para recém-doutores(as)	70
3.3 Recém-doutores(as) e mercado de trabalho: balanço a partir das entrevistas.....	77
CONCLUSÕES	83
REFERÊNCIAS	84
DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA	85
FINANCIAMENTO.....	85
CONTRIBUIÇÃO DOS(AS) AUTORES(AS).....	85
ANEXO I	86
Pessoas autodeclaradas amarelas.....	86
Pessoas autodeclaradas indígenas.....	91
ANEXO II.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da identificação de gênero dos respondentes (%).....	14
Tabela 2: Distribuição da identificação racial dos respondentes (%)	15
Tabela 3: Distribuição da faixa etária dos respondentes (%).....	16
Tabela 4: Distribuição da década de titulação na graduação dos respondentes (%).....	16
Tabela 5: Distribuição da área de concentração dos respondentes (%).....	19
Tabela 6: Distribuição das respostas à pergunta “Você cuida de algum familiar?” (%).....	25
Tabela 7: Distribuição das respostas à pergunta “Quantos(as) filhos(as) você tem?” (%)	25
Tabela 8: Distribuição da idade dos filhos(as) dos respondentes (%).....	26
Tabela 9: Distribuição das respostas à pergunta “Além de você, quantas pessoas moram em sua casa?” (%).....	28
Tabela 10: Distribuição das respostas à pergunta “Como se organiza seu local de moradia?”, recategorizada (%).....	29
Tabela 11: Distribuição da ocupação principal dos respondentes (%)	51
Tabela 12: Distribuição das respostas à pergunta “Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?”, de acordo com a identificação racial dos respondentes (%).....	61
Tabela 13: Identificação racial e de gêneros dos respondentes que disseram ter usufruído de bolsa de produtividade em pesquisa entre os anos de 2018 e 2022 (%)	62
Tabela 14: Distribuição das respostas à pergunta “Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?”, de acordo com a identificação de gênero dos respondentes (%) ..	62
Tabela 15: Distribuição das funções desempenhadas pelos respondentes entre os anos de 2018 e 2022 (%).....	63
Tabela 16: Distribuição das respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” (%).....	68
Tabela 17: Distribuição das ocupações dos recém-doutores(as) (%)	75
Tabela 18: Distribuição das respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” por recém-doutores(as) (%)	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Identificação racial dos homens e mulheres respondentes (%)	15
Gráfico 2: Década de titulação na graduação dos homens e mulheres respondentes (%).....	17
Gráfico 3: Década de titulação na graduação por identificação racial dos respondentes (%)	18
Gráfico 4: Distribuição regional dos respondentes (%)	19
Gráfico 5: Distribuição da década de titulação na graduação por área de concentração dos respondentes (%)	20
Gráfico 6: Distribuição da identificação de raça e gênero por área de concentração dos respondentes (%)	20
Gráfico 7: Distribuição regional por área de concentração dos respondentes (%).....	21
Gráfico 8: Distribuição da área de concentração por região dos respondentes (%).....	21
Gráfico 9: Parentalidade de acordo com década de titulação na graduação dos respondentes (%)	27
Gráfico 10: Parentalidade de acordo com identificação racial dos respondentes (%).....	28
Gráfico 11: Impactos do trabalho remoto no espaço adequado para trabalho/estudo e queda de produtividade, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	30
Gráfico 12: Impactos do trabalho remoto no espaço adequado para trabalho/estudo e queda de produtividade, de acordo com década de titulação na graduação dos respondentes (%)	31
Gráfico 13: Tempo dedicado para trabalho acadêmico em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	32
Gráfico 14: Tempo dedicado para trabalho administrativo em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	33
Gráfico 15: Tempo dedicado para trabalho de cuidado em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	34
Gráfico 16: Tempo dedicado para trabalho doméstico em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	35
Gráfico 17: Contratação de trabalho doméstico remunerado em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	36
Gráfico 18: Tempo dedicado lazer em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)	37

Gráfico 19: Tempo dedicado ao sono em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	38
Gráfico 20: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	39
Gráfico 21: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%).....	40
Gráfico 22: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com a principal ocupação profissional atual dos respondentes (%).....	41
Gráfico 23: Percepção da deterioração da saúde mental como impacto da pandemia, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%).....	42
Gráfico 24: Percepção da deterioração da saúde mental como impacto da pandemia, de acordo com a principal ocupação profissional atual dos respondentes (%).....	43
Gráfico 25: Submissão de artigos para periódicos científicos em 2021, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	44
Gráfico 26: Submissão de artigos para periódicos científicos em 2021, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%).....	45
Gráfico 27: Publicação de trabalhos escritos em outro idioma entre 2018 e 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	46
Gráfico 28: Realização de palestras em universidades do exterior entre 2018 e 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	47
Gráfico 29: Ter deixado de participar de eventos acadêmicos virtuais por causa da rotina de trabalho em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	48
Gráfico 30: Respostas à pergunta “Particpei de eventos nacionais que não participaria se fossem presenciais”, de acordo com a região dos respondentes (%).....	49
Gráfico 31: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%).....	52
Gráfico 32: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%).....	53
Gráfico 33: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a principal ocupação atual (%).....	54

Gráfico 34: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a identificação de raça e gênero dos respondentes (%) 55

Gráfico 35: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%) 56

Gráfico 36: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a principal ocupação atual (%) 57

Gráfico 37: Faixa de renda domiciliar mensal dos respondentes (%) 58

Gráfico 38: Faixa de renda domiciliar mensal de acordo com a identificação de gênero dos respondentes (%) 59

Gráfico 39: Faixa de renda domiciliar mensal de acordo com a identificação racial dos respondentes (%) 60

Gráfico 40: Respostas à pergunta “No momento atual, você recebe alguma bolsa, financiamento, salário ou possui algum tipo de renda principal que esteja ligada à área acadêmica?” (%) 60

Gráfico 41: Respostas à pergunta “Você prestou serviços de forma GRATUITA nos últimos 12 meses?” de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%) 64

Gráfico 42: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” (%) 65

Gráfico 43: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%) 66

Gráfico 44: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” de acordo com a principal ocupação atual dos respondentes (%) 67

Gráfico 45: Respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” recategorizada em "Não" e "Sim/Encontra dificuldades", de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%) 69

Gráfico 46: Respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” recategorizada em "Não" e "Sim/Encontra dificuldades", de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%) 70

Gráfico 47: Valores de Investimentos do CNPq (2000-2022)	71
Gráfico 48: Valores de Investimentos da CAPES (2000-2022)	72
Gráfico 49: Faixa de renda domiciliar mensal dos recém-doutores(as) (%).....	76
Gráfico 50: Palavras mais frequentes nas entrevistas com recém-doutores.....	78
Gráfico 51: Análise de correlação entre as palavras presentes nas entrevistas com recém-doutores	81

APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta resultados da pesquisa "Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais", conduzida no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), com apoio da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

Os objetivos da pesquisa foram organizados em 3 frentes principais: (1) aprofundar a sondagem e análise sobre as percepções acerca dos usos do tempo e das rotinas profissionais do trabalho acadêmico nas Ciências Sociais, explorando temas como o impacto da pandemia de Covid-19 e do trabalho remoto na organização das atividades de cuidado e nas tarefas domésticas, assim como nas práticas de ensino, pesquisa, participação em eventos e produção intelectual; (2) conhecer percepções e expectativas de múltiplas gerações de cientistas sociais sobre o mercado e as condições de desenvolvimento da carreira; (3) dimensionar os problemas ocasionados pelos cortes de investimento em Educação e em CT&I vividos nos últimos anos, com especial atenção para desigualdades de geração, gênero e raça.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2022 e os dados aqui apresentados foram coletados por meio de um survey e de entrevistas semi-estruturadas. O survey foi aplicado no mês de março de 2022, tendo sido feito por amostra de conveniência utilizando mailing e redes sociais da ANPOCS, com um total de 1380 respondentes. As respostas ao survey foram tratadas e recodificadas, gerando uma base de dados sobre a qual foram aplicadas análises descritivas e inferenciais. Para evitar enviesamentos causados pela amostra de conveniência, uma vez que os dados não foram coletados de maneira aleatória e nem constituem uma amostra representativa da população de cientistas sociais, realizamos todas as análises observando a proporção das respostas Y dentro de cada categoria X. Um exemplo é a diferença entre os gráficos que tratam de área e região, a partir dos quais foram feitas duas análises: a primeira, de proporção de região dentro de cada área; e a segunda, a proporção de área dentro de cada região.

Para verificação de significância estatística na correlação entre as variáveis foram realizados testes de qui-quadrado. As análises foram feitas através dos softwares R e SPSS. Ademais, mobilizamos também o Excel como editor de planilhas. As entrevistas, 29 no total, foram realizadas entre abril e novembro de 2022, tendo como recorte um grupo de recém-doutores(as)¹, selecionados conforme indicação e critérios de diversidade regional, de gênero, cor e disciplina.

¹ Definidos como pessoas tituladas entre janeiro de 2015 e março de 2022, com teses defendidas em Programas de Pós-Graduação em Antropologia, Ciência Política, Ciências Sociais e Sociologia.

Alguns recortes preliminares da base de dados foram objeto de artigos para periódicos científicos revisados por pares e para jornais da grande mídia (Candido e Chaguri, 2022; Candido et al., 2023). Resultados parciais foram apresentados em diferentes congressos e seminários no Brasil e no exterior e ajudaram a refinar as análises aqui tratadas. Destacamos a parceria com o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-Iscte), que culminou no seminário "Sociologia e Ciência Política no Brasil e em Portugal: trajetórias e práticas profissionais", ocorrido em 30 de setembro de 2022. Agradecemos a co-organização do sociólogo Rodrigo Vieira de Assis, bem como a participação da diretora do CIES, Teresa Patrício, do presidente de ANPOCS, André Botelho, do responsável pelo Atlas Digital das Ciências Sociais², Luiz Augusto Campos, de Madalena Ramos, ex-presidenta da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) - responsável também por conduzir pesquisas similares a nossa em relação à comunidade acadêmica portuguesa (Abrantes et al., 2022) -, Inês Tavares e Sara Franco da Silva, todas as três igualmente vinculadas ao CIES-Iscte³.

Agradecemos também aos comentários e contribuições de Alice Rangel de Paiva Abreu (UFRJ) e Jacob Carlos Lima (UFSCar e presidente da SBS), realizados em sessão especial de apresentação da pesquisa no 46º Encontro Anual da ANPOCS em Campinas⁴. Agradecemos também à Bárbara Castro, Danusa Marques, Magna Inácio, Oswaldo Amaral, Vanessa Elias de Oliveira e Flávia Biroli por colaborações em articulação de redes, revisões cuidadosas de nosso questionário, apoio na condução de pré-testes do survey e auxílio na análise de dados.

A realização desta pesquisa não seria possível sem a colaboração de tantos respondentes e participantes da pesquisa. Agradecemos muito a quem dedicou seu tempo para colaborar com nosso estudo, sobretudo ao conjunto de recém-doutores(as) que se voluntariou a participar na etapa de entrevistas. Não os(as) mencionamos nominalmente para preservar o caráter anônimo das entrevistas, mas a disponibilização de seus tempos foi fundamental para enriquecer a investigação. Agradecemos, ainda, a Isolda Santiago dos Santos e a Thaís Fernanda Rabelo pelo cuidadoso trabalho de transcrição e revisão das entrevistas.

Igualmente, esta pesquisa não teria sido realizada sem o apoio e confiança dos(as) colegas que integraram o Comitê Gestor da Articulação das Ciências Sociais (A4) no período 2021-2022. Agradecemos especialmente a André Botelho, Cornélia Eckert, Edna Castro, Jacob Lima, Luciana Veiga, Marjorie Marona e Patrícia Birman.

² Consulte o projeto aqui: [Atlas Digital das Ciências Sociais](#), acesso em 3 mai. 2023.

³ Disponível no canal da ANPOCS no youtube: [Sociologia e Ciência Política no Brasil e em Portugal: trajetórias e práticas profissionais](#) acesso em 3 mai. 2023.

⁴ Disponível no canal da ANPOCS no youtube: [SE07. Futuros do trabalho nas Ciências Sociais - 46º Encontro Anual da ANPOCS](#) acesso em 3 mai. 2023.

O presente relatório está dividido em três partes e dois anexos. Na **Parte 1**, apresentamos as características sociodemográficas dos participantes do survey e das entrevistas. Já na **Parte 2**, descrevemos dados sobre usos do tempo e rotinas de trabalho, com especial ênfase para diferenças e desigualdades de gênero e raça. Na **Parte 3**, analisamos as percepções da comunidade de cientistas sociais sobre a profissão e trabalho na área acadêmica. Para a exposição desses dados, optamos por um recorte geracional, apresentando resultados separados para o grupo de recém-doutores(as). Tal recorte é justificado para que possamos apreender tanto os desafios percebidos pelos jovens profissionais que buscam posições mais estáveis na carreira, quanto os salientados por professores(as)/pesquisadores(as) que têm enfrentado novas condições de trabalho. Finalmente, os **Anexos** a análise descritiva dos respondentes do survey autodeclarados indígenas ou amarelos (as)⁵ e o roteiro utilizado para as entrevistas semi-estruturadas.

O acesso à base de dados oriunda do survey está disponível em Catelano et al (2023), no link: <https://doi.org/10.7910/DVN/CLPGAA>.

⁵ Dada a baixa quantidade de respondentes em nossa amostra de pessoas amarelas (9 respondentes) e indígenas (6 pessoas), optamos por não incluir os dois grupos nas análises anteriores pois os números não eram suficientes para verificar variações intragrupo.

PARTE 1 -

PERFIL RESPONDENTES

1.1. Perfil respondentes do survey

Este item apresenta o perfil sociodemográfico das pessoas que responderam ao survey. A amostra compreende um total de 1380 participantes.

PERFIL DE GÊNERO

Quando indagados sobre com qual gênero se identificavam, 52,82% dos respondentes indicaram mulher cisgênero, 42,89% homem cisgênero, 2,61% preferiram não responder. Mulher transgênero, homem transgênero, pessoa não-binária e pessoa agênero somaram 1,67% das respostas. Os percentuais específicos de cada grupo estão descritos na tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Distribuição da identificação de gênero dos respondentes (%)⁶

Com qual gênero você se identifica?	%
Mulher cisgênero	52,82
Homem cisgênero	42,89
Mulher transgênero	0,15
Homem transgênero	0,15
Pessoa não-binária	1,08
Pessoa agênero	0,29
Prefiro não responder	2,61

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PERFIL ÉTNICO RACIAL

Quando indagados sobre sua cor ou raça, 71,2% das pessoas se declararam brancas; 19,4% pardas; 8,4% pretas; 0,7% amarelas; 0,3% indígenas, como sintetizado na tabela 2 abaixo.

⁶ Para o restante das análises de gênero feitas neste relatório, mulheres cisgênero e transgênero foram combinadas em uma única categoria "mulher", homens cisgênero e transgênero foram combinados em uma única categoria "homem", e aqueles que responderam "outro" ou "prefiro não responder" foram retirados da análise por constituírem pequena minoria.

Tabela 2: Distribuição da identificação racial dos respondentes (%)

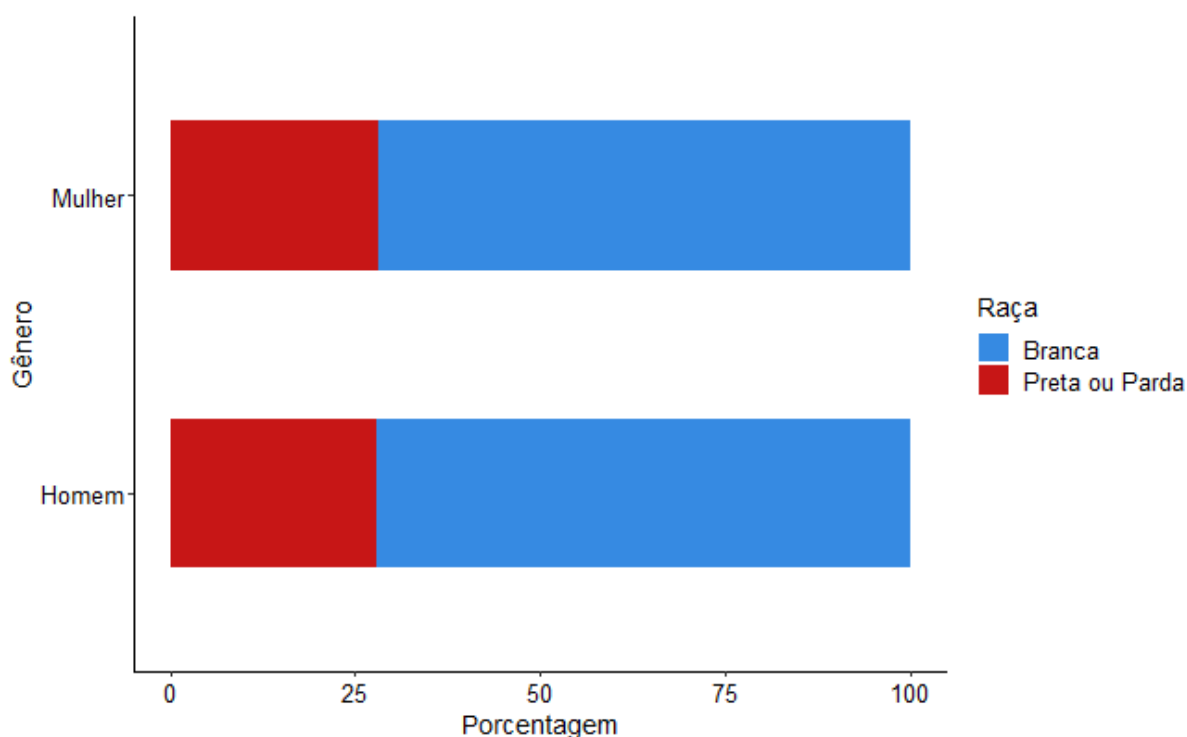
Como você se identifica quanto à raça/cor?	%
Amarelo	0,7
Branco	71,2
Indígena	0,3
Pardo	19,4
Preto	8,4

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

SÍNTESE RAÇA E GÊNERO

A proporção entre mulheres brancas e mulheres pretas ou pardas é de 71,7% para o primeiro grupo e 28,2% para o segundo. Entre homens, a proporção é de 72,2% sobre 27,8%, respectivamente.

Gráfico 1: Identificação racial dos homens e mulheres respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PERFIL ETÁRIO E PANORAMA GERACIONAL

Quanto à faixa etária, os respondentes se concentram principalmente em dois estratos: de 25 a 34 anos (35,07%) e de 35 a 44 anos (31,52%). O menor percentual de respondentes possui 65 anos ou mais (4,06%). A distribuição completa está indicada na tabela 3 abaixo:

Tabela 3: Distribuição da faixa etária dos respondentes (%)

Qual é a sua faixa etária?	%
18 a 24 anos	5,58
25 a 34 anos	35,07
35 a 44 anos	31,52
45 a 54 anos	14,85
55 a 64 anos	8,85
65 anos ou mais	4,06
Prefiro não responder	0,07

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A partir do perfil etário acima descrito e para traçar um panorama geracional geral da amostra, reagrupamos as respostas sobre o ano de conclusão do curso de graduação em 5 categorias: graduados antes da década de 1990, graduados na década de 1990, graduados na década de 2000, graduados na década de 2010 e graduados na década de 2020. A distribuição encontrada foi a seguinte:

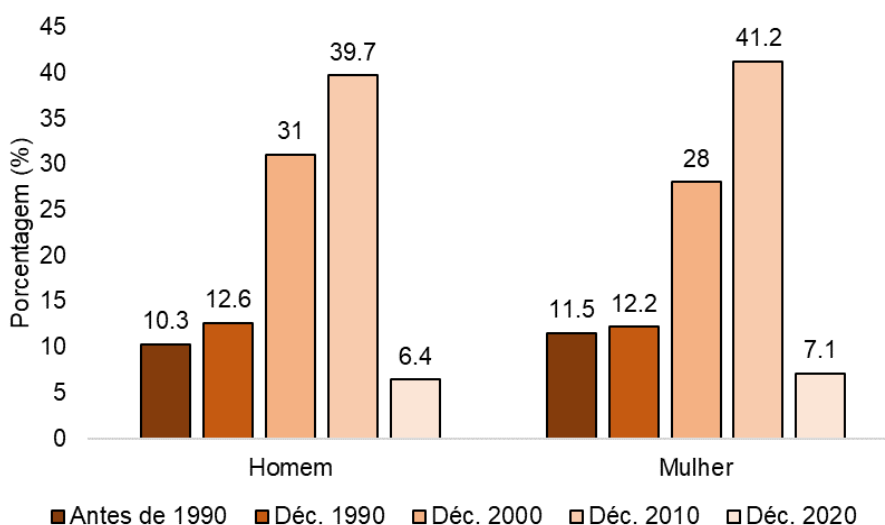
Tabela 4: Distribuição da década de titulação na graduação dos respondentes (%)

Década de titulação na graduação	%
Antes de 1990	10,72
Década de 1990	12,75
Década de 2000	29,5
Década de 2010	41,1
Década de 2020	6,89

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando observamos a distribuição de gênero a partir das décadas, encontramos o seguinte padrão:

Gráfico 2: Década de titulação na graduação dos homens e mulheres respondentes (%)

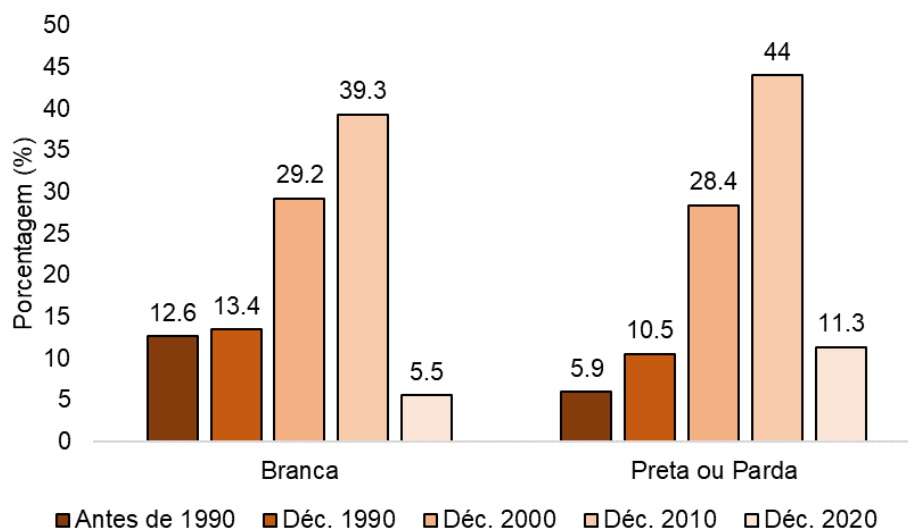


Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Entre as mulheres, a porcentagem de respondentes que obtiveram diploma de graduação em Ciências Sociais (11,5%) era ligeiramente maior do que entre os homens (10,3%) antes da década de 1990. Nas décadas de 2000 e 2010 foi possível notar disparidades um pouco maiores: entre os homens, há maior proporção de graduados na década de 2000 (31%) do que entre as mulheres (28%); e o contrário na década seguinte, tendo 41,2% das mulheres obtido seus diplomas durante os anos 2010, frente a 39,7% dos homens.

Quando observamos a distribuição étnico racial a partir das décadas, encontramos o seguinte perfil:

Gráfico 3: Década de titulação na graduação por identificação racial dos respondentes (%)

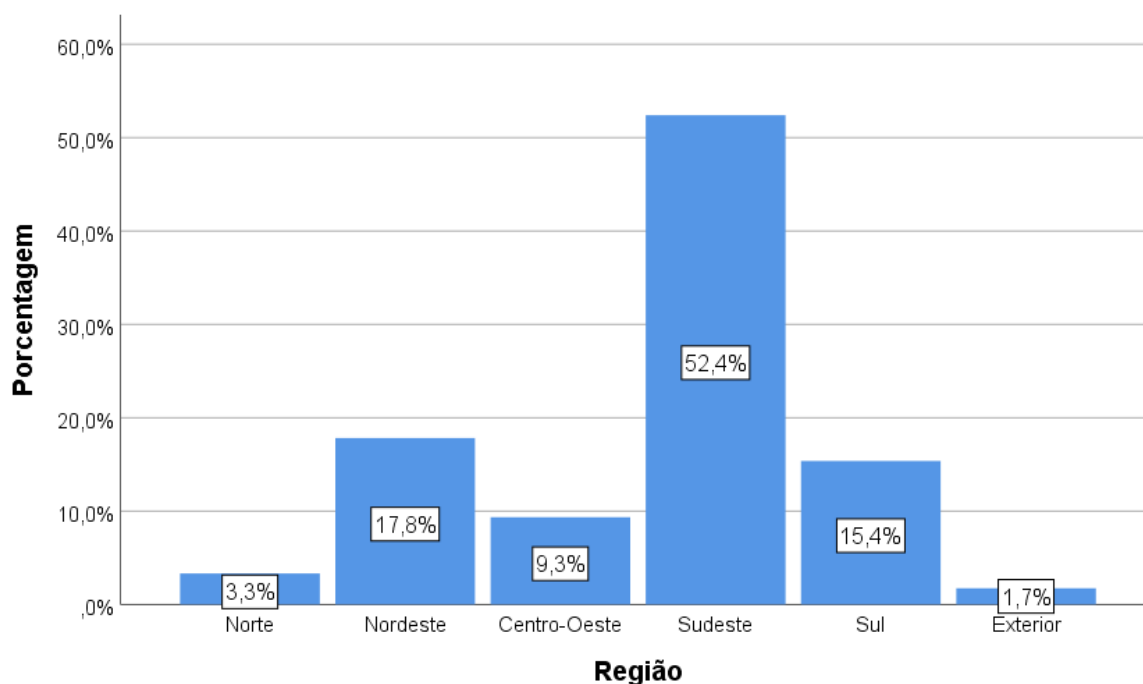


Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

De forma geral, é possível notar que respondentes pretos ou pardos têm maiores números de obtenção do diploma mais recentemente quando comparados aos respondentes brancos. As maiores desproporções aconteceram no período anterior à década de 1990 (12% dos diplomas obtidos por brancos foram nesse período, frente a 5,9% dos pretos ou pardos) e no período após a década de 2010, quando passa a ser possível observar maior concentração dos diplomas obtidos pelos respondentes pretos ou pardos.

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL

A maior parte dos respondentes mora e trabalha na região Sudeste (52,4%), seguido do Nordeste (17,8%), do Sul (15,4%), do Centro-Oeste (9,3%) e do Norte (3,3%). Esta distribuição acompanha o tamanho das comunidades acadêmicas no que diz respeito à distribuição de seus docentes em programas de pós-graduação do Brasil, como é possível consultar no [Atlas Digital das Ciências Sociais](#). Cerca de 1,7% dos respondentes moram e trabalham no exterior. Os dados também estão apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 4: Distribuição regional dos respondentes (%)

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

DISTRIBUIÇÃO POR ÁREA

Quando indagados sobre sua principal área de concentração dentro das Ciências Sociais, a maioria respondeu Sociologia (45,3%), seguido pela Antropologia (31,2%) e pela Ciência Política (21,4%). 13% dos respondentes afirmaram atuar na área de Ciências Sociais, sem indicar qualquer área de concentração específica. Os dados completos estão apresentados na tabela 5:

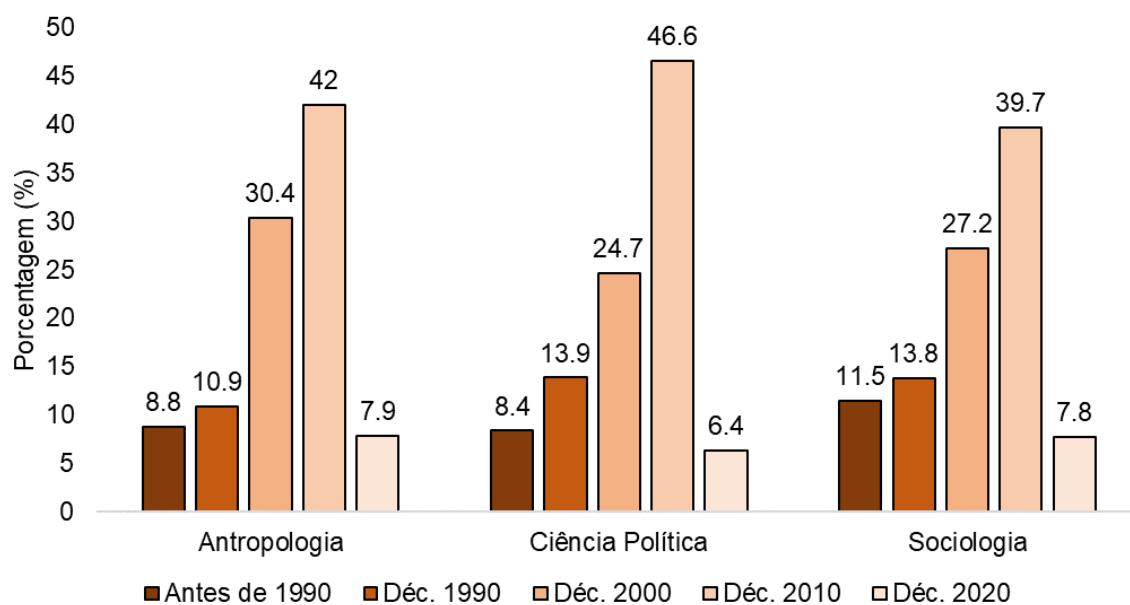
Tabela 5: Distribuição da área de concentração dos respondentes (%)

Área de Concentração	%
Antropologia	31,2%
Ciência Política	21,4%
Ciências Sociais	13,0%
Sociologia	45,3%
Relações Internacionais	4,6%
Outras	9,4%

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

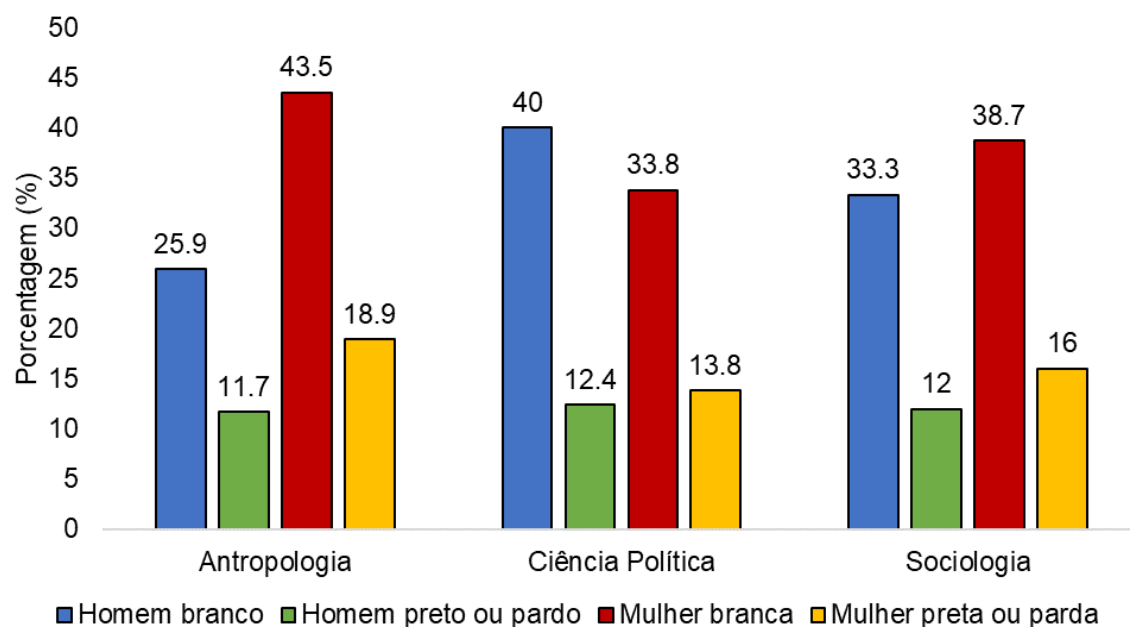
Os gráficos 5, 6 e 7 apresentam respectivamente a proporção de titulados em cada área por década; a proporção de raça e gênero interna a cada área; e a proporção de região dentro de cada área.

Gráfico 5: Distribuição da década de titulação na graduação por área de concentração dos respondentes (%)



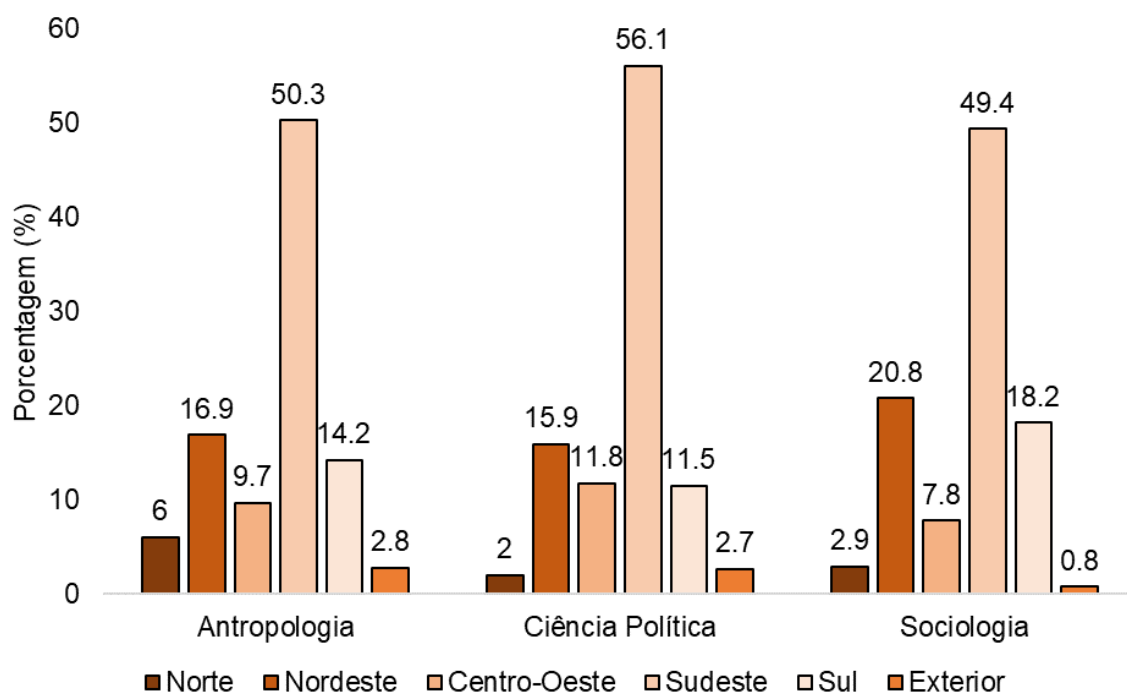
Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Gráfico 6: Distribuição da identificação de raça e gênero por área de concentração dos respondentes (%)



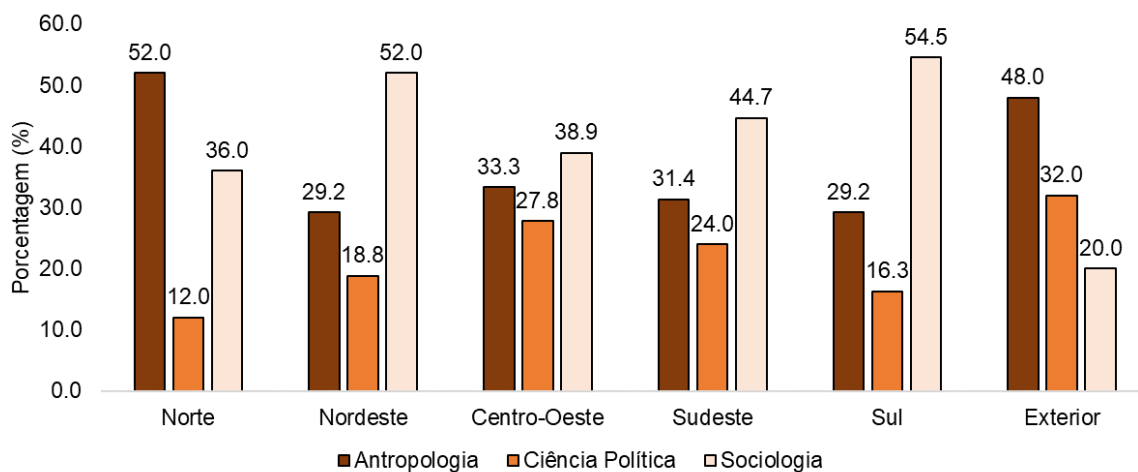
Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Gráfico 7: Distribuição regional por área de concentração dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Gráfico 8: Distribuição da área de concentração por região dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

1.2. Perfil de entrevistados(as)

A escolha do quadro de entrevistados(as) na pesquisa privilegiou a diversidade e adotou a amostragem não probabilística de bola de neve. A partir do recorte de recém-doutores(as), definidos pelo grupo de titulados em doutorado a menos de sete anos, conforme mencionamos

acima, balanceamos características como região de vínculo profissional ou de formação, gênero, raça e área. Ademais, buscamos incluir pessoas com e sem filhos(as) entre os convidados(as). A distribuição de gênero e raça obtida foi a seguinte: 12 mulheres brancas; 1 mulher amarela; 8 homens brancos; 4 mulheres pretas ou pardas e 4 homens pretos ou pardos.

As regiões, por seu turno, variaram levemente em termos de local de formação e de trabalho. Vale pontuar que nosso contato inicial era feito por indicações que priorizavam como parâmetro o vínculo institucional momentâneo da pessoa. Para evitar a quebra do caráter anônimo das conversas que estabelecemos, optamos por informar nesta etapa somente a região geográfica. Assim, no que diz respeito à origem de titulação, a divisão foi de 1 para a região Norte, 6 para a região Nordeste, 3 para a região Centro-Oeste, 14 para a região Sudeste e 5 para a região Sul.

No caso do local de trabalho, por sua vez, embora a dimensão de comunidades acadêmicas possa ser muito grande em universidades brasileiras que reúnam as três grandes áreas das Ciências Sociais, o mesmo não ocorre para os casos estrangeiros. Dentre as regiões do Brasil, a distribuição ficou em: 2 da região Norte; 8 da região Nordeste, 4 da região Centro-Oeste, 8 da região Sudeste, 3 da região Sul, e, 4 do exterior. A divisão entre as áreas de profissionalização foi igual para a Ciência Política e a Sociologia, ambas com 10, tendo a Antropologia somado 9 entrevistados(as).

Cabe ponderar que a despeito de todas as pessoas selecionadas para entrevistas possuírem alguma relação com instituições de ensino e pesquisa, consideramos diferenças consistentes entre os tipos de contratação, sendo uma parcela com contratos mais estáveis, outra de curto prazo, ou mesmo precarizada. Além disso, quatro entrevistados(as) declararam posições de trabalho em mais de uma localidade.

As ocupações indicadas consistiam em bolsas de pesquisa (total de 9, sendo a maioria delas de pós-doutorado, mas também bolsas de treinamento técnico etc.); docência como substituto em ensino superior público (5 casos), docência como concursado público estável (2 casos), docência em ensino superior privado (2 casos), docência em educação básica pública (4 casos), pesquisa em instituição estrangeira (4 casos), pesquisa de pós-doutorado sem bolsa (1 caso), atuação fora da área acadêmica (1 caso) e desemprego (1 caso). Mesmo com tais distinções, o referido grupo tinha em comum o objetivo de consolidar carreiras na academia.

A maior parte dos casos que selecionamos não tinha filhos(as) - 21 no total, sendo 13 do gênero feminino e 8 do masculino. Este recorte conflui com os resultados do survey para as gerações de jovens pesquisadores(as), que em geral não exercem maternidade/paternidade (ver

Gráfico 9). Dentre as entrevistadas que eram mães/pais, a proporção de gênero foi igual, 4 do feminino e 4 do masculino. Para a informação de casamento, união estável ou moradia com namorado(a), a resposta afirmativa foi maior que a negativa: 17 pessoas tinham companheiros(as) contra 12 que eram solteiras.

PARTE 2 -

MODOS DE MORAR, USOS DO TEMPO, TRABALHO E CUIDADO - PANDEMIA E ALÉM DELA

2.1. Modos de morar, parentalidade e cuidado

Este item apresenta os resultados da bateria de perguntas do survey relativas ao trabalho de cuidado e aos modos de morar dos cientistas sociais.

Quando indagados se cuidavam de algum familiar, 12,5% responderam negativamente. 59,3% disseram cuidar dos filhos, 18,3% de pessoas idosas e 2,7% de familiares que são pessoas com deficiência.

Tabela 6: Distribuição das respostas à pergunta “Você cuida de algum familiar?” (%)

Você cuida de algum familiar?	%
Sim, filho/a (s)	59,3
Sim, idoso/a (s)	18,3
Não	12,5
Outro	5,6
Sim, cuidado de familiar(es) que é/são Pessoa Com Deficiência	2,7
Prefiro não responder	1,7

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Não encontramos significância estatística ao cruzar tais dados por raça e gênero, o que pode ter sido causado pelo caráter amplo da pergunta "Você cuida de algum familiar?", isto é, a pergunta não delimita questões como se a pessoa é a principal responsável pela função ou mesmo quanto tempo despende para ela.

Delimitando as questões ligadas à parentalidade, 67,1% informaram não ter filhos. Entre aqueles que têm filhos, 16,7% possuem 1 filho; 11,8% possuem 2 filhos; 3,2% possuem 3 filhos e 0,6% possuem 4 filhos ou mais. A distribuição está sintetizada na tabela 7 abaixo.

Tabela 7: Distribuição das respostas à pergunta “Quantos(as) filhos(as) você tem?” (%)

Quantos(as) filhos(as) você tem?	%
Não tenho filhos	67,1

1 filha(o)	16,7
2 filhas(os)	11,8
3 filhas(os)	3,2
4 filhas(os) ou mais	0,6
Prefiro não responder	0,6

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quanto à idade dos filhos, a maioria respondeu que seus filhos possuem 21 anos ou mais (33%), enquanto 11% informaram terem filhos menores de 2 anos. A distribuição completa está na tabela abaixo.

Tabela 8: Distribuição da idade dos filhos(as) dos respondentes (%)

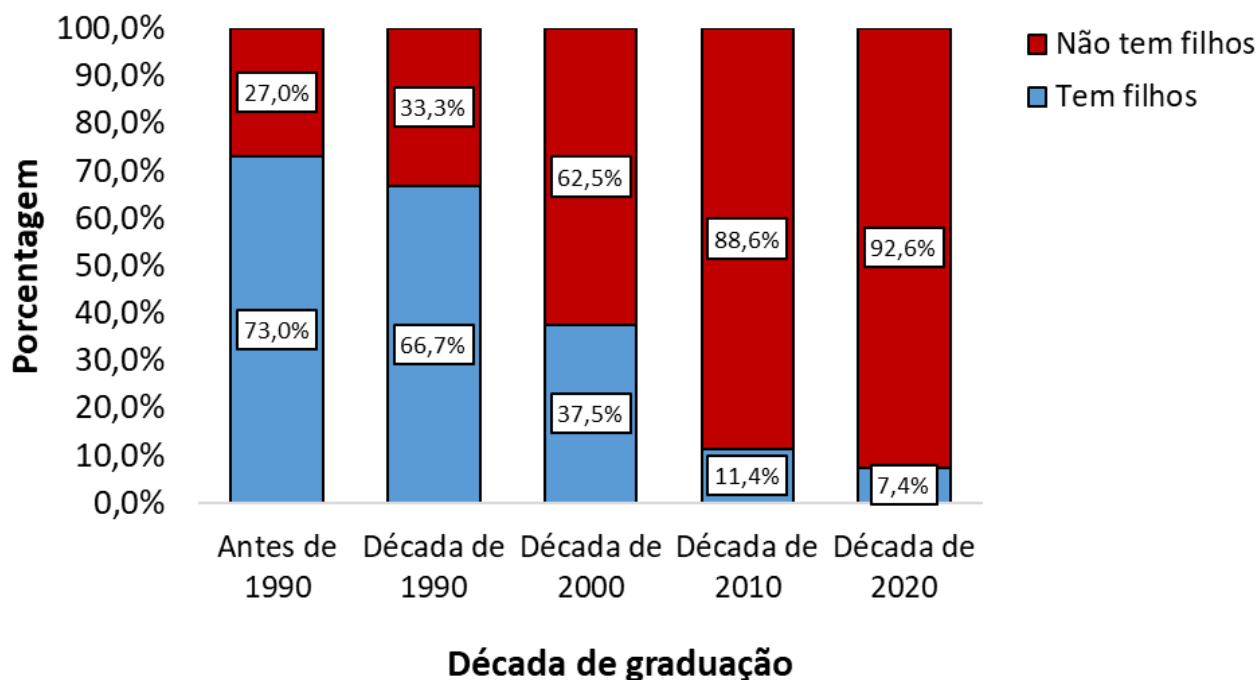
Idade dos Filhos	%
Até 2 anos	11%
Mais de 2 até 4 anos	13%
Mais de 4 até 7 anos	16%
Mais de 7 até 10 anos	15%
Mais de 10 até 12 anos	11%
Mais de 12 até 15 anos	12%
Mais de 15 até 18 anos	12%
Mais de 18 até 21 anos	11%
21 anos ou mais	33%
Prefiro não responder	5%

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Os gráficos e tabelas listados abaixo demonstram o peso da questão geracional nas respostas afirmativas ou negativas sobre parentalidade. Jovens pesquisadores(as) são os que

menos declaram ter filhos(as). Dado que a carreira acadêmica demanda altos investimentos de tempo para aqueles que querem atingir estabilidade ou conquistar postos mais seguros de trabalho, isto era esperado.

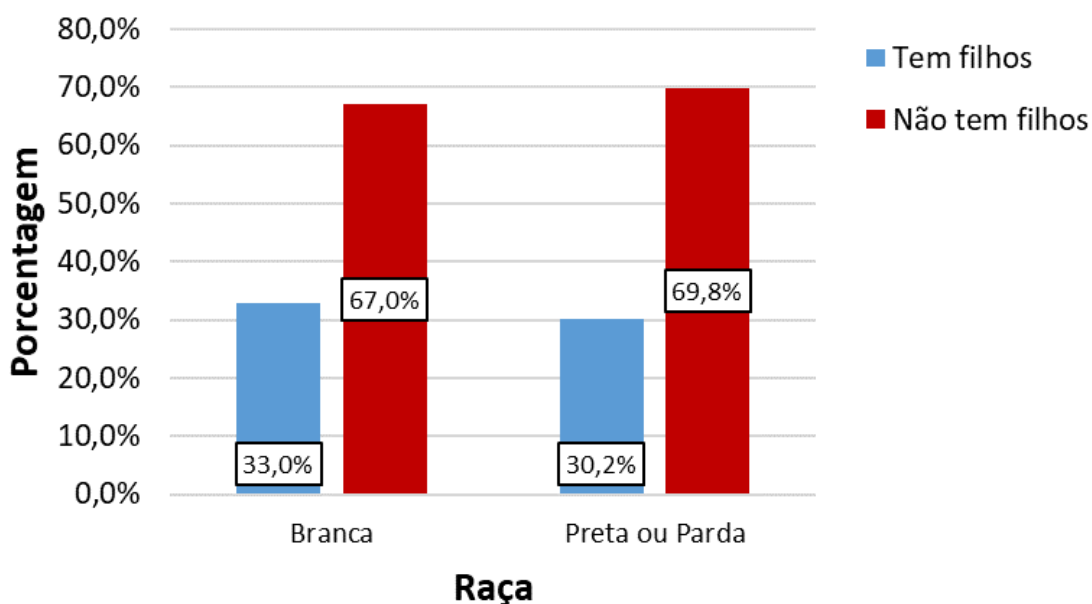
Gráfico 9: Parentalidade de acordo com década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Às diferenças geracionais se somam também questões raciais. O grupo que se autodeclarou branco tem uma proporção levemente maior de respondentes com filhos (33%) que à de autodeclarados pretos ou pardos (30,2%).

Gráfico 10: Parentalidade de acordo com identificação racial dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quanto à moradia, a maioria dos respondentes (40,9%) disse morar com mais 1 pessoa e 14,9% afirmaram morar sozinhos(as). A distribuição completa está na tabela abaixo.

Tabela 9: Distribuição das respostas à pergunta “Além de você, quantas pessoas moram em sua casa?” (%)

Além de você, quantas pessoas moram em sua casa?	%
1 pessoa	40,9
2 pessoas	23,7
3 pessoas	14,2
4 pessoas	4,3
5 pessoas ou mais	1,6
Nenhuma, moro sozinho(a)	14,9
Prefiro não responder	0,3

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quanto aos arranjos de moradia, entre aqueles que declaram morar com parceiro(a), 27,5% vivem em uma união heterossexual e sem filhos(as) e 20,3% com filhos(as); enquanto 4,7% declaram viver em uma união homoafetiva sem filhos(as) e 0,2% com filhos(as). 3,3% declaram morar sozinhos(as) com os(as) filhos(as). Arranjos de moradia que envolvem viver com amigos(as) estão presentes em 5% das respostas e com os pais ou outros(as) familiares em 17,8%. 13,8% dos respondentes declaram morar sozinho(a). A distribuição completa está na tabela abaixo:

Tabela 10: Distribuição das respostas à pergunta “Como se organiza seu local de moradia?”, recategorizada (%)

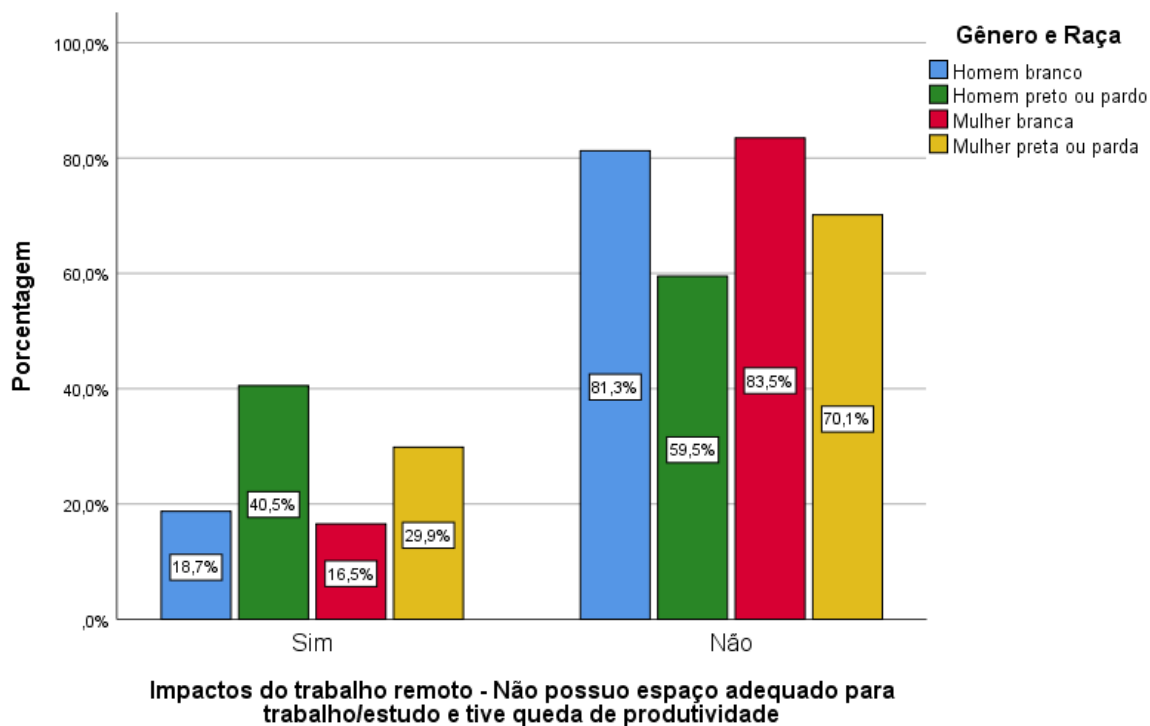
Como se organiza seu local de moradia?	%
Vivo em uma união heterossexual e sem filhos(as)	27,5
Vivo em uma união heterossexual e com filhos(as)	20,3
Vivo com pai e/ou mãe e/ou outro(a) familiar	17,8
Vivo sozinho(a) e sem filhos	13,8
Vivo com amigos(as)	5,0
Vivo em uma união homoafetiva e sem filhos(as)	4,7
Outro	4,4
Vivemos eu e meu(s) filho/a(s)	3,3
Prefiro não responder	1,7
Vivemos eu e meus filho/a(s), cuja guarda é compartilhada com meu(minha) ex	1,4
Vivo em uma união homoafetiva e com filhos(as)	0,2

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando perguntados sobre a adequação de suas moradias para a rotina do trabalho remoto adotado em função da pandemia de Covid-19, os dados apontam um impacto proeminente da raça na ausência de espaços adequados. Homens pretos ou pardos tiveram menos acesso a espaço adequado para trabalho/estudo, o que, de acordo com eles, acarretou queda de

produtividade (40,5%); do mesmo modo mulheres pretas ou pardas (29,9%) também fizeram afirmação semelhante frente a 16,5% das mulheres brancas.

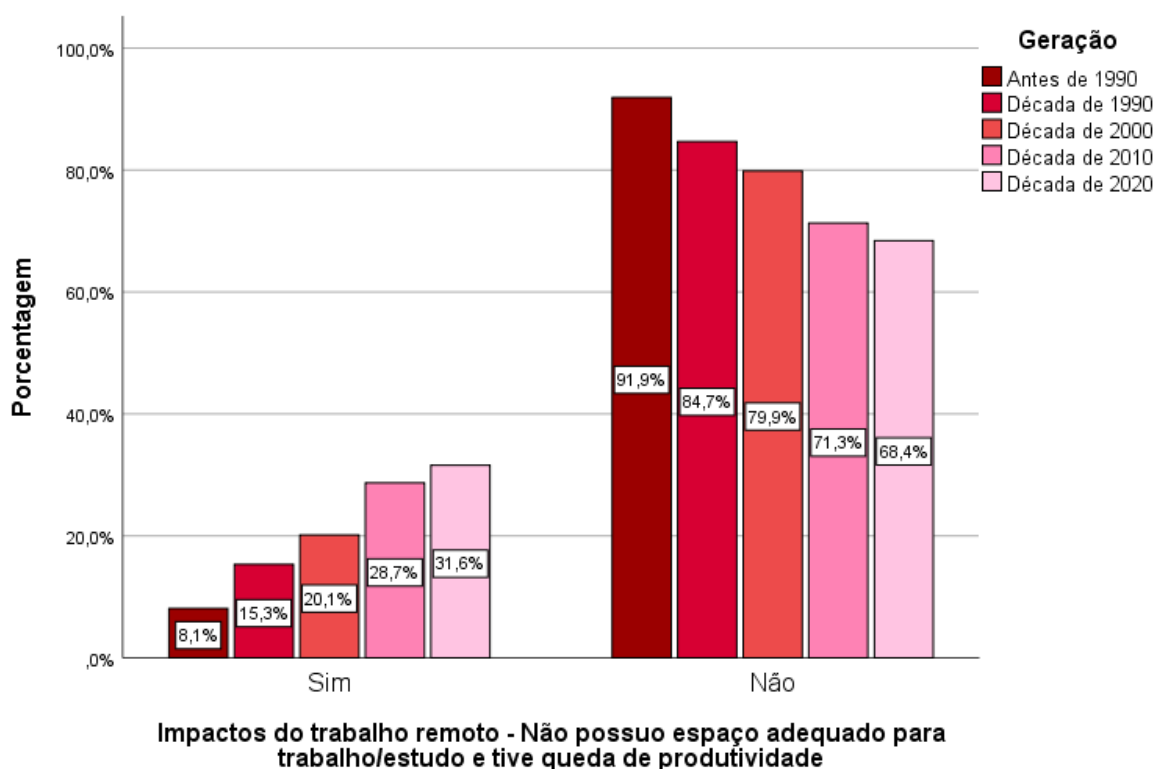
Gráfico 11: Impactos do trabalho remoto no espaço adequado para trabalho/estudo e queda de produtividade, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Em termos geracionais, grupos menos experientes afirmaram mais não possuírem acesso a espaço adequado para trabalho/estudo, o que implicou na queda de produtividade. Os dados estão expostos no gráfico abaixo.

Gráfico 12: Impactos do trabalho remoto no espaço adequado para trabalho/estudo e queda de produtividade, de acordo com década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

2.2. Usos do tempo

Este item apresenta dados de percepções sobre os usos do tempo entre cientistas sociais de diferentes áreas. Inicialmente, os indicadores aqui listados consolidam respostas de dois surveys. O primeiro, "O impacto da pandemia nas rotinas de trabalho acadêmico nas ciências sociais"⁷, foi realizado entre 10 de junho e 15 de julho de 2020; enquanto o segundo, "O futuro do trabalho nas Ciências Sociais", objeto específico deste relatório, foi difundido entre 2 e 28 de março de 2022. O total de respondentes para cada iniciativa foi, respectivamente, 1.073 e 1.380.

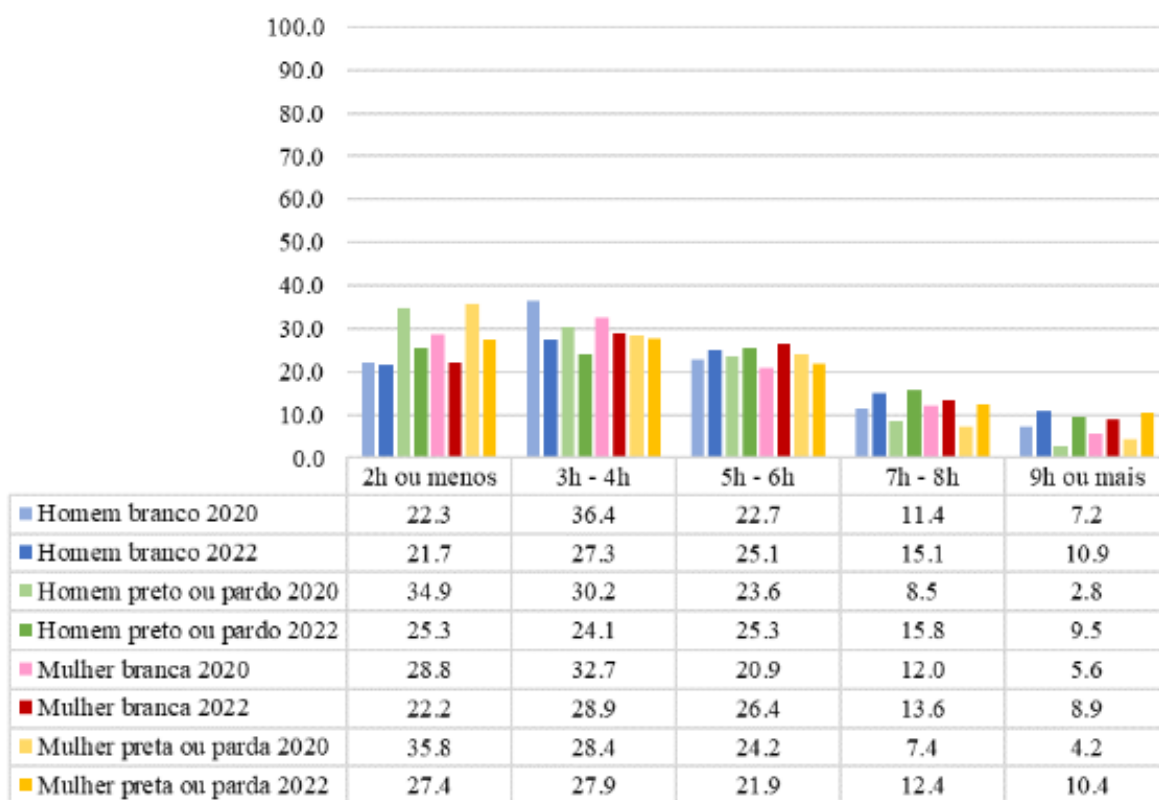
Em artigo publicado na *PS: Political Science & Politics*, exploramos a comparação de tais períodos temporais a partir do recorte da comunidade de cientistas políticos (Candido, Catelano, Chaguri, Marques, Elias de Oliveira e Biroli, 2023). Neste relatório, por outro lado, abrangemos o escopo, averiguando as tendências para o conjunto da comunidade da área das Ciências Sociais.

⁷ Survey realizado pela ABCP na gestão de Flávia Biroli, com apoio da ANPOCS, na gestão de Miriam Grossi; da ABRI, na gestão de Deisy Ventura; da ABA, na gestão de Maria Filomena Gregori; e da SBS, na gestão de Jacob Lima. Alguns dos resultados específicos deste survey foram publicados em (Candido, Marques, Oliveira & Biroli, 2021).

Os distintos períodos avaliados permitiram comparar as condições de exercício profissional com e sem isolamento social, ou seja, em um primeiro momento, com a instituição do trabalho remoto, e, na sequência, com a retomada - mesmo que diferencial - do trabalho presencial. Abaixo, dispomos seis gráficos que contrastam as respostas dadas aos surveys em 2020 e 2022.

O **Gráfico 13** aborda a percepção de tempo gasto por pesquisadores(as) no trabalho acadêmico. Há diferenças substantivas entre os estágios temporais analisados e os grupos sociais considerados. Destaca-se, por exemplo, que as pessoas autodeclaradas pretas ou pardas, especialmente as mulheres, eram as que relatavam despende menos tempo para tal atividade durante a pandemia (até 2 horas).

Gráfico 13: Tempo dedicado para trabalho acadêmico em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)

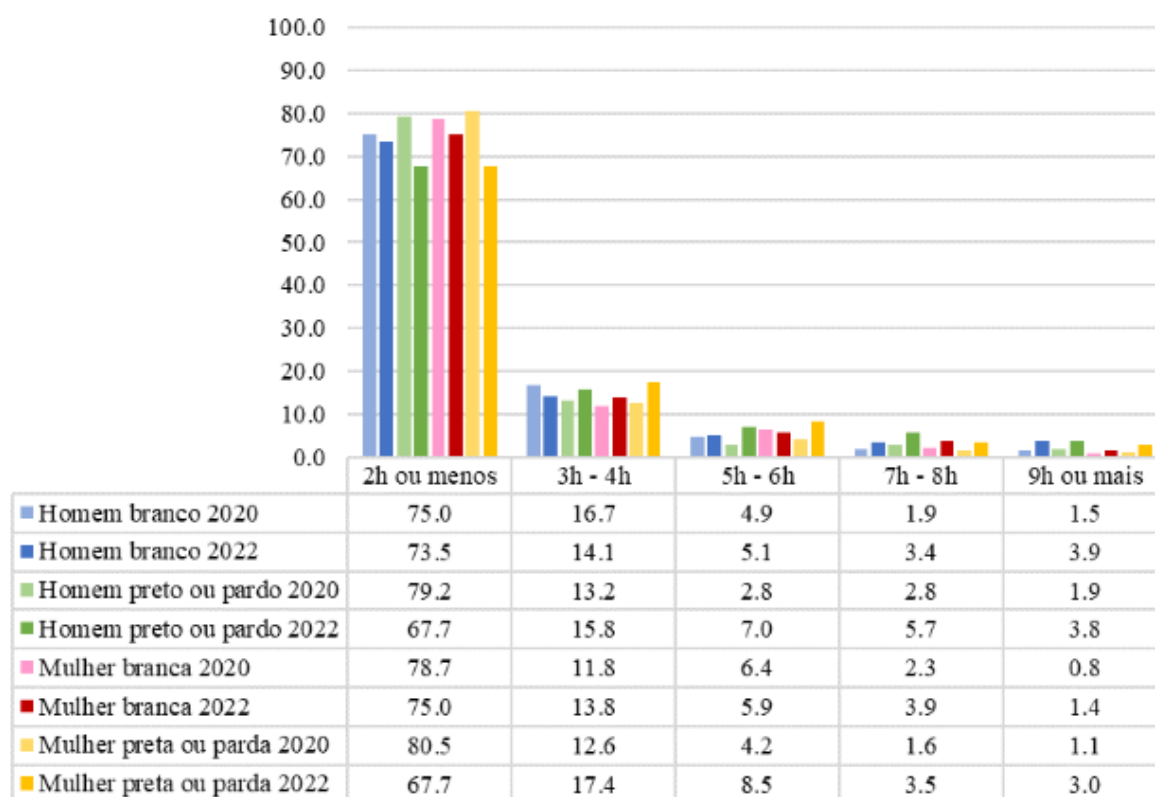


Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Enquanto a dedicação ao trabalho acadêmico varia bastante entre gênero e raça, a maior parte dos(as) respondentes do survey indicou que gastava até 2 horas em trabalho administrativo. O peso desta atividade, contudo, passou a ganhar maior relevância na gestão de tempo das pessoas pretas ou pardas no período de retorno ao trabalho presencial. Como o **Gráfico 14**

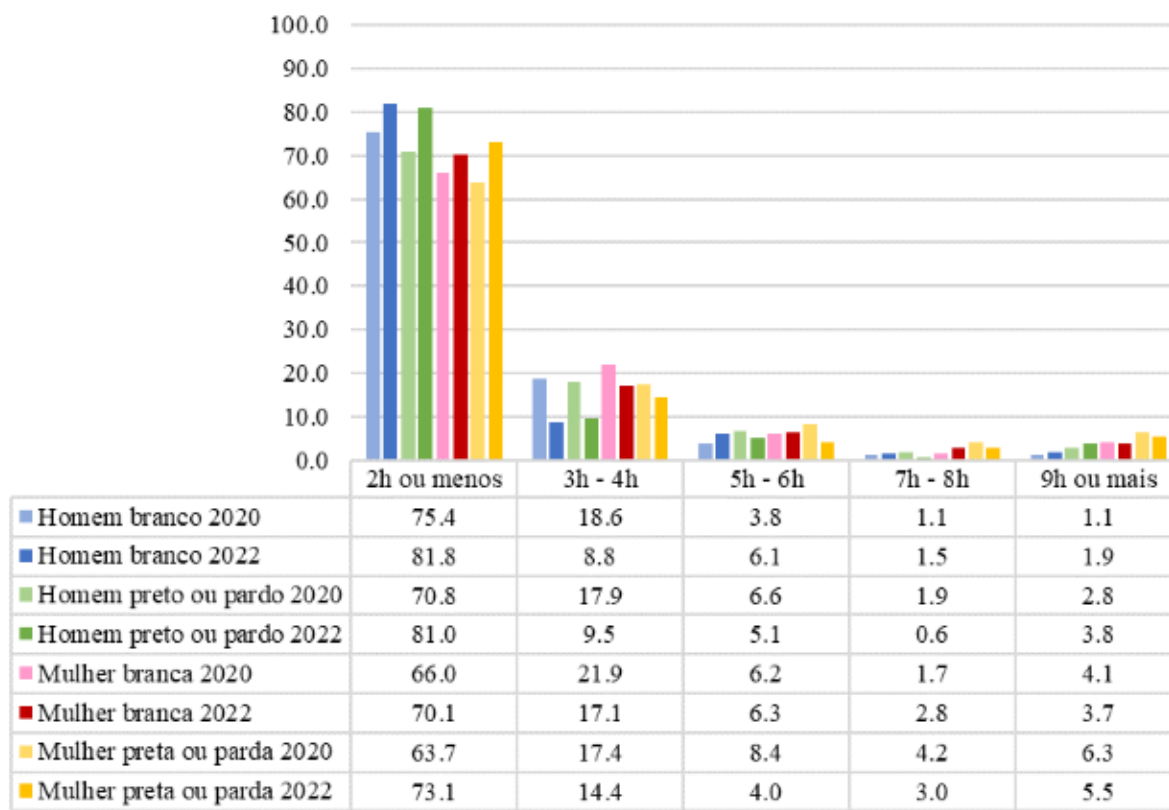
mostra, em 2022 os homens e as mulheres pretas ou pardas foram os(as) que estiveram mais presentes nas faixas de tempo acima das 2 horas. Dentre os poucos que declararam desprender mais de 9 horas em questões administrativas, os homens brancos, pretos ou pardos sobressaíram.

Gráfico 14: Tempo dedicado para trabalho administrativo em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



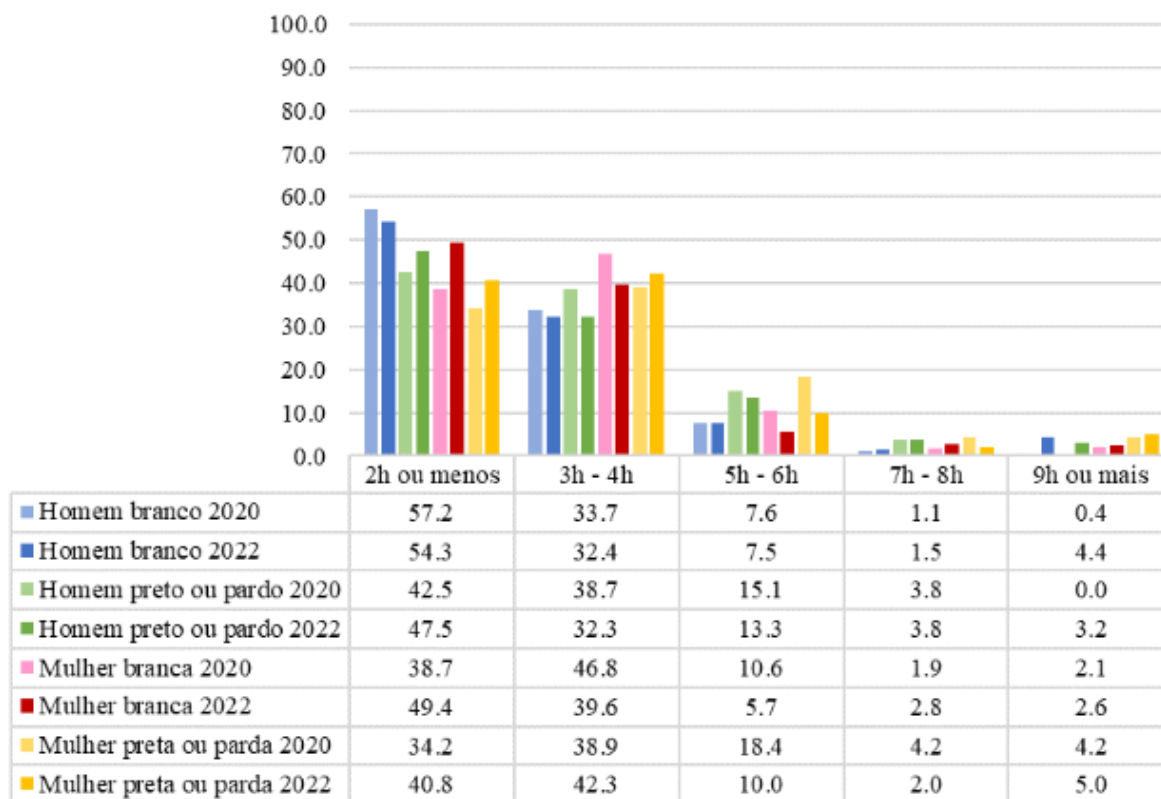
Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

O resultado inverso ocorre para a função de cuidado. O pequeno grupo que se destaca gastando mais de 9 horas em tal atividade é o de mulheres pretas ou pardas, tanto na pior fase da pandemia quanto no período em que as medidas de isolamento eram afrouxadas. Os homens, por sua vez, são os que menos declararam dedicar seu tempo às tarefas de cuidado, independente da raça ou do momento observado, conforme vemos na faixa de tempo de "até 2 horas" no **Gráfico 15**.

Gráfico 15: Tempo dedicado para trabalho de cuidado em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

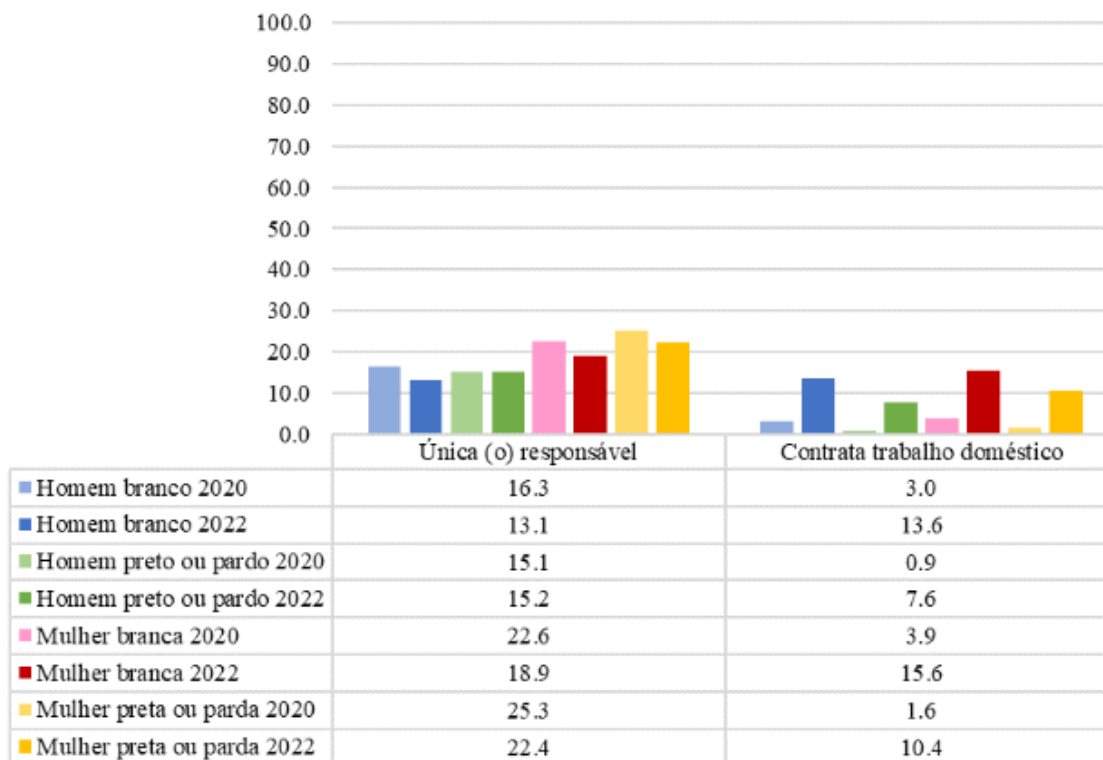
A diferença entre homens brancos e pretos ou pardos aparece de modo acentuado, em contrapartida, na divisão do trabalho doméstico (**Gráfico 16**). Enquanto os homens brancos são os que menos exercem tarefas de tal porte, os homens pretos ou pardos se aproximam de formas variadas das mulheres brancas e pretas ou pardas. Entre 2020 e 2022, esses três grupos apresentaram a mesma tendência de aumento na indicação de que gastavam até 2 horas em trabalho doméstico, ou seja, com o retorno ao trabalho presencial, eles passaram a despende menos tempo na gestão da casa. Ainda assim, as mulheres pretas ou pardas são as que mais uma vez despontam como as mais sobrecarregadas.

Gráfico 16: Tempo dedicado para trabalho doméstico em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Em relação ao primeiro ano da adoção de medidas de distanciamento social em função da pandemia de Covid-19 (2020), todas as categorias reduziram a carga de trabalho doméstico, mas a redução se deu principalmente entre os homens. Também em relação aos dados de 2020, todas as categorias aumentaram a contratação de trabalho doméstico no ano de 2022, mas principalmente as pessoas brancas o fizeram. A terceirização do trabalho doméstico é o parâmetro que volta a demarcar diferenças raciais pronunciadas entre os cientistas sociais. Com a queda de medidas de isolamento, já em curso em 2022, foram os homens brancos (13,6%) e as mulheres brancas (15,6%) os que mais indicaram contratar serviços domésticos. O percentual para as mulheres pretas ou pardas foi de 10,2%. Vale ressaltar, entretanto, que são as mulheres, independente de raça, que mais apontaram serem as únicas responsáveis pela casa (**Gráfico 17**).

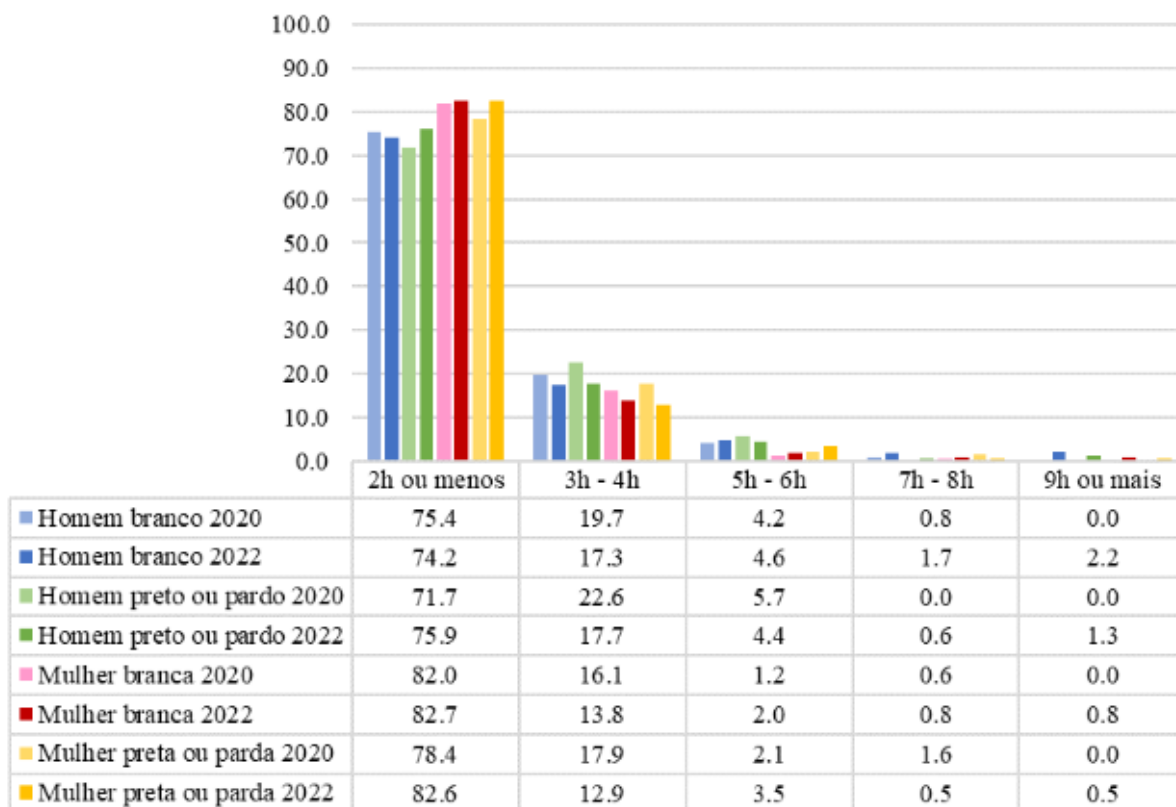
Gráfico 17: Contratação de trabalho doméstico remunerado em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

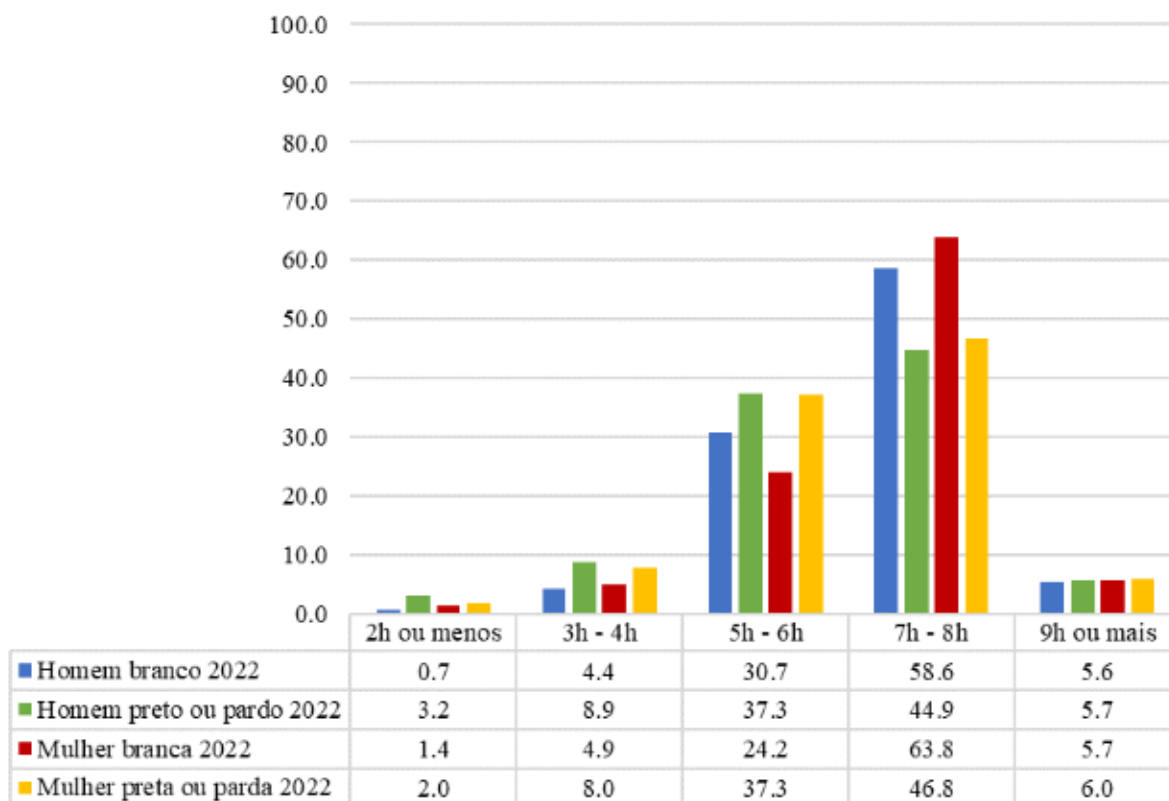
A percepção de tempo diária gasta em lazer é relativamente diminuta para todos os grupos sociais, correspondendo a até 2 horas. Não obstante, são os homens brancos, pretos ou pardos que mais relataram faixas de hora maiores. Neste quesito, portanto, as disparidades de gênero são mais sobressalentes, como demonstra o **Gráfico 18**.

Gráfico 18: Tempo dedicado lazer em 2020 e em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

O **Gráfico 19** apresenta o resultado de uma pergunta que apenas foi realizada no survey de 2022. Quando questionados(as) sobre a percepção de horas diárias em sono, os cientistas sociais voltaram a se diferenciar em termos de raça. A maior parte dos(as) pesquisadores(as) fica entre a faixa de 7h a 8h. Todavia, a proporção maior dentre os que dormem bem é a de pessoas brancas. Pretos ou pardos são os que dedicam menos horas de sono.

Gráfico 19: Tempo dedicado ao sono em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)

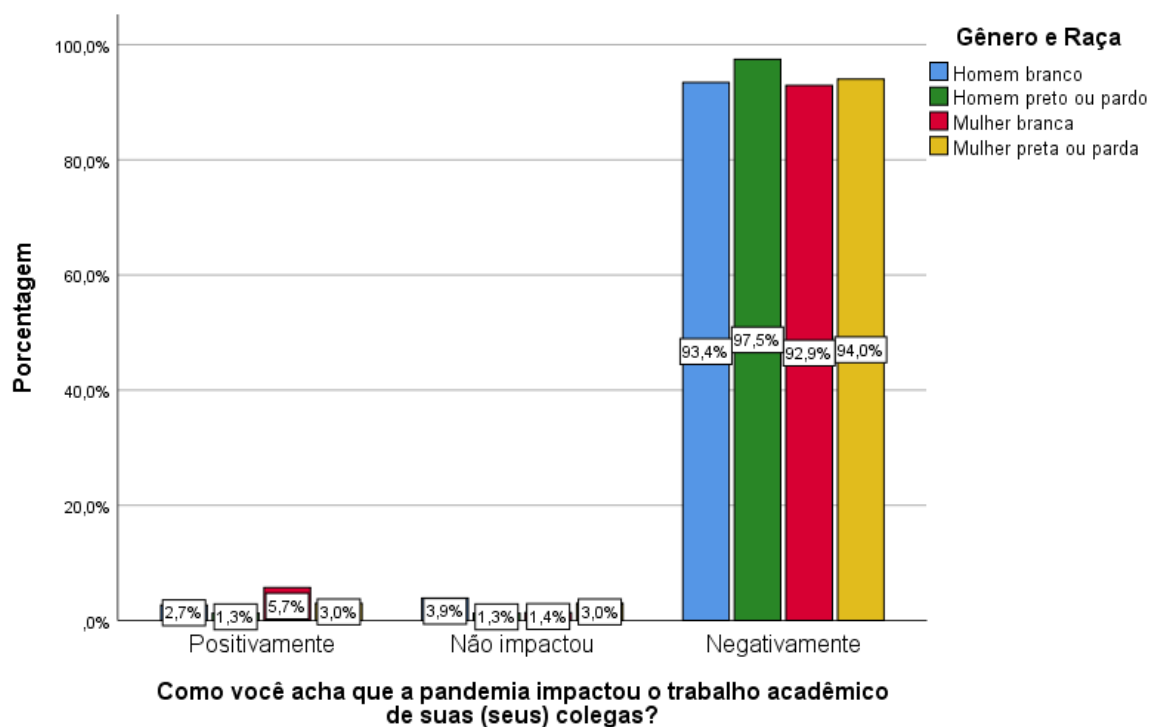
Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

2.3. Impactos do trabalho remoto nas rotinas e atividades de cientistas sociais.

Os dados apresentados neste item foram coletados em março de 2022, ou seja, quase dois anos após a adoção das medidas de distanciamento social tomadas em função da pandemia de Covid-19 e que resultaram na adoção do trabalho remoto para atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Ao serem questionados sobre a percepção do impacto da pandemia sobre o trabalho acadêmico dos colegas, a percepção generalizada é a de que houve um impacto negativo; apenas houve uma taxa de respostas positivas mais alta por parte de mulheres brancas e uma taxa de respostas negativas mais altas por parte de homens pretos ou pardos (**Gráfico 20**).

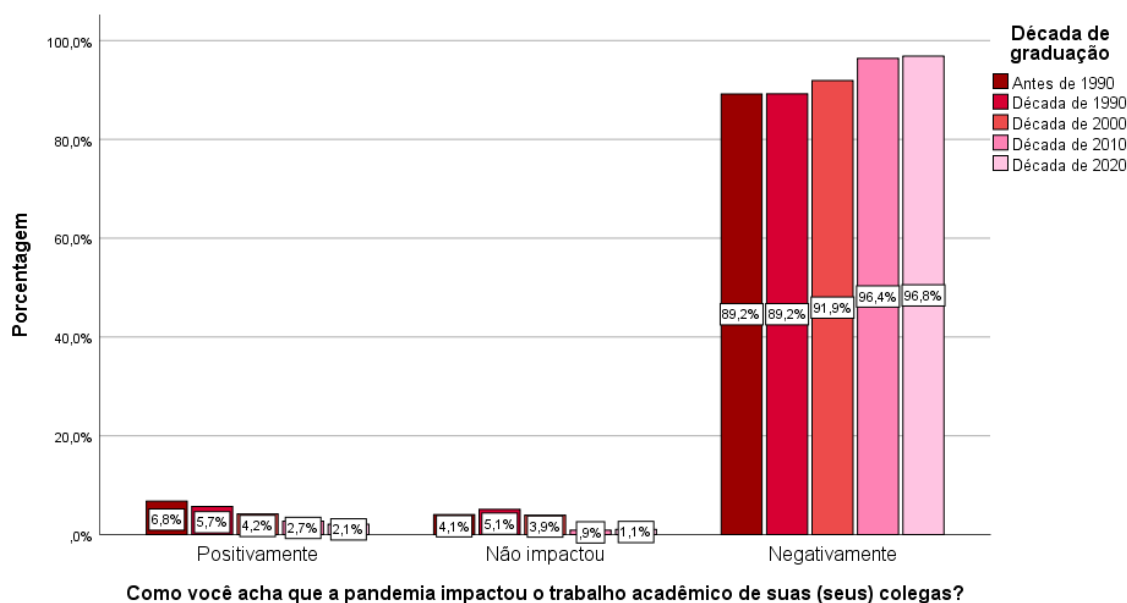
Gráfico 20: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando observamos as respostas a partir do recorte geracional, a avaliação geral negativa se mantém. No entanto, grupos mais experientes tendem a considerar o impacto da pandemia no trabalho acadêmico de forma um pouco mais positiva do que outros grupos etários. A distribuição completa está no **Gráfico 21**.

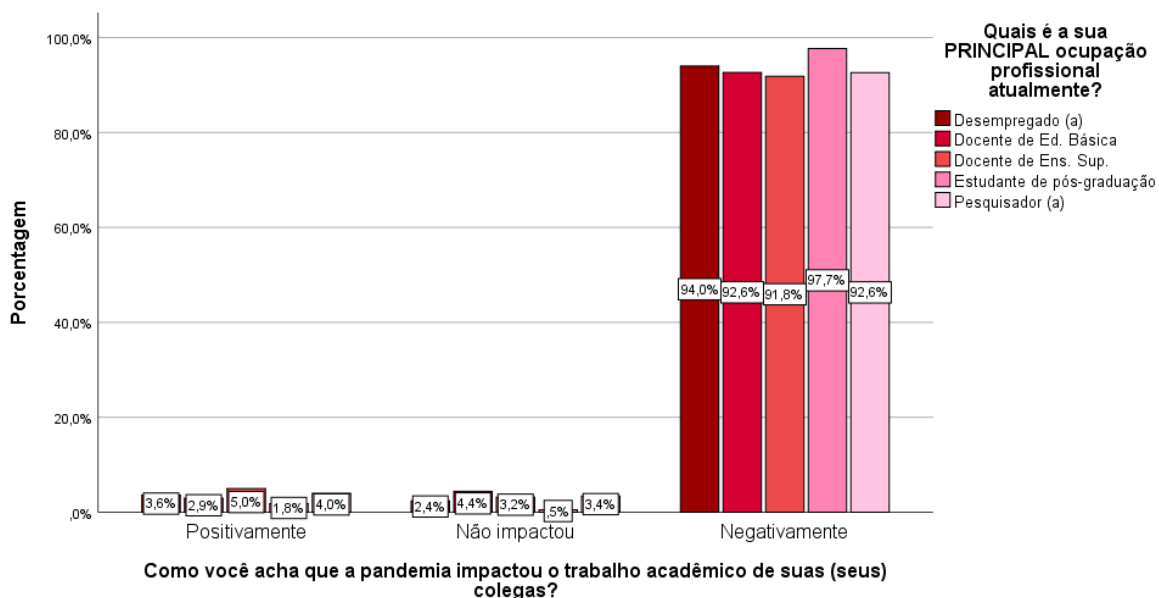
Gráfico 21: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Ao observarmos o impacto da pandemia a partir do recorte de ocupação, temos que estudantes de pós-graduação correspondem à categoria que avaliou pior os impactos da pandemia na rotina de trabalho dos colegas, enquanto docente de Ensino Superior foi a categoria com maior incidência de avaliações positivas. A distribuição completa está no **Gráfico 22**.

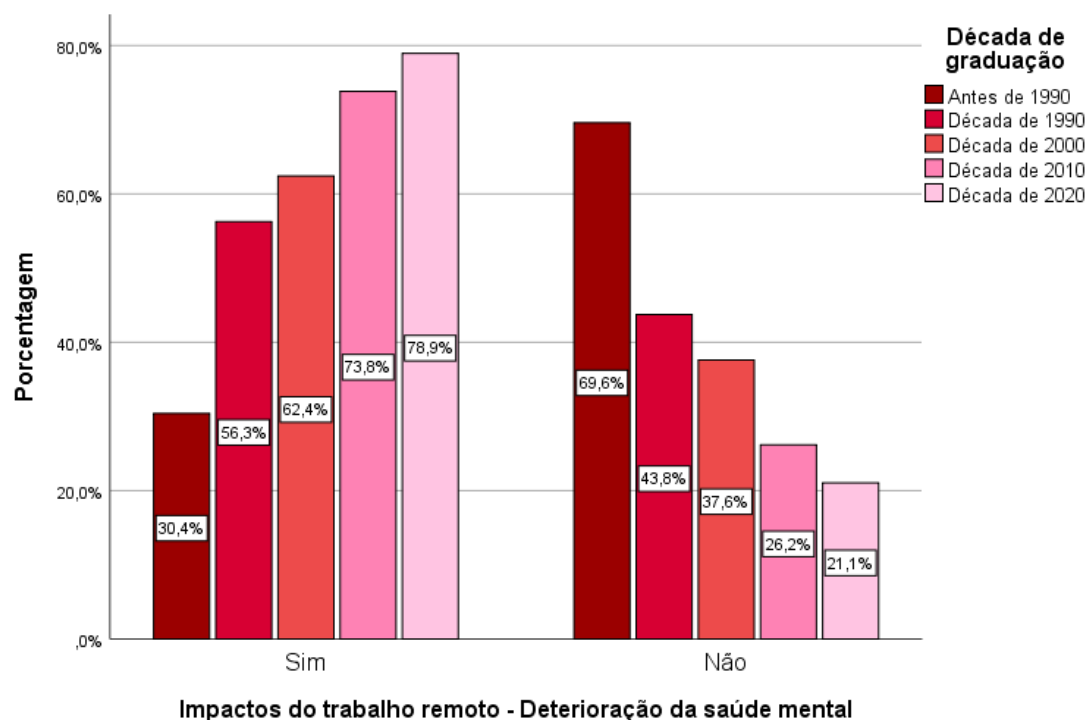
Gráfico 22: Percepção do impacto da pandemia no trabalho acadêmico de colegas, de acordo com a principal ocupação profissional atual dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

O survey também questionou sobre as percepções quanto à saúde mental no período de adoção do trabalho remoto. Grupos menos experientes declararam mais terem percepção de piora da saúde mental, como indica o **Gráfico 23**.

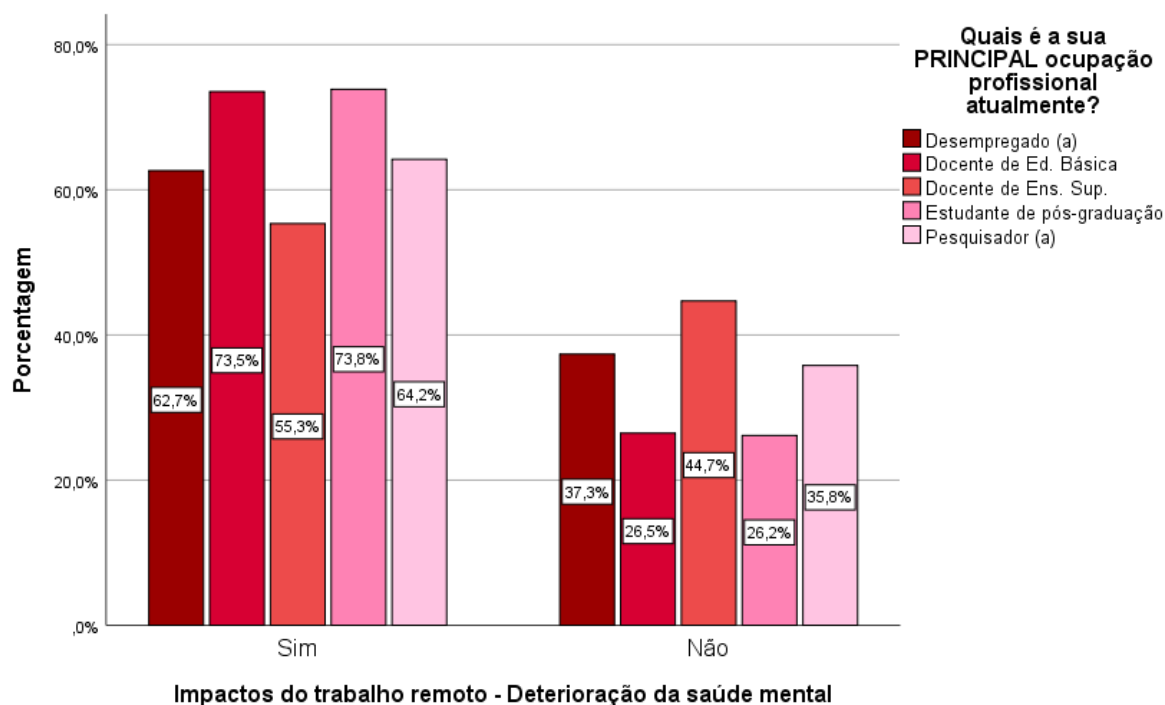
Gráfico 23: Percepção da deterioração da saúde mental como impacto da pandemia, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quanto à ocupação, estudantes de pós-graduação (73,8%) e docentes da Educação Básica (73,5%) foram as categorias que mais declararam perceberem piora da saúde mental. Ainda que num percentual majoritário (55,3%), docentes do Ensino Superior foram os que menos assinalaram a percepção da deterioração da saúde mental (**Gráfico 24**).

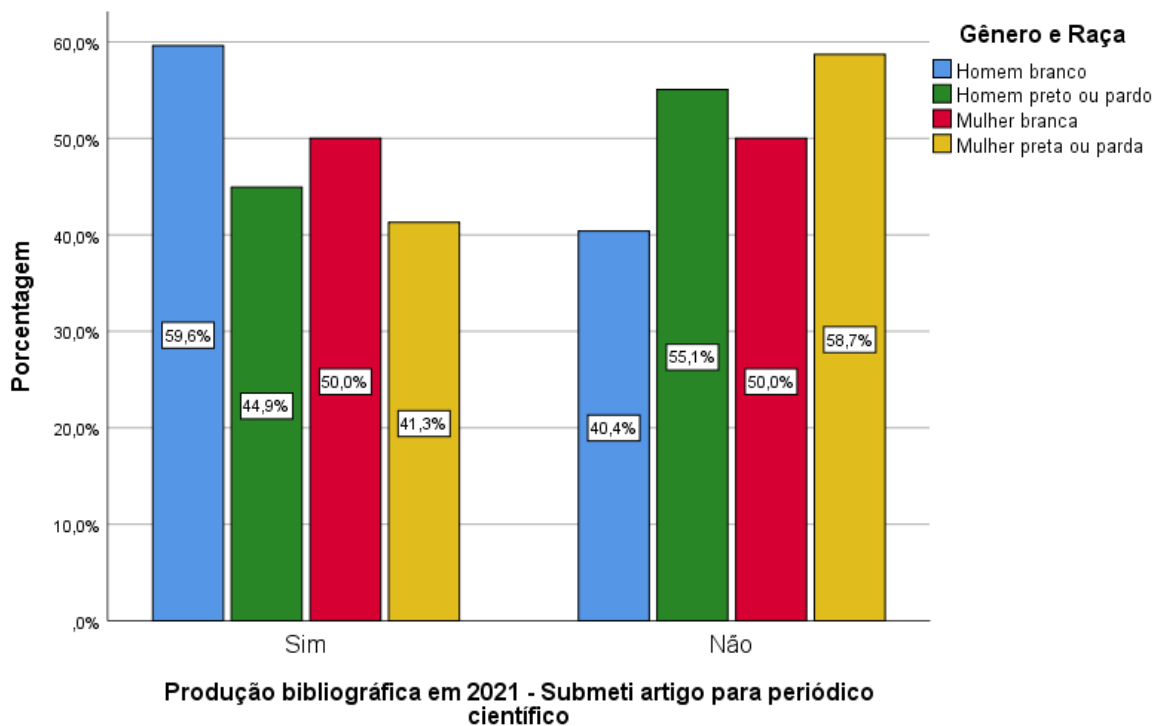
Gráfico 24: Percepção da deterioração da saúde mental como impacto da pandemia, de acordo com a principal ocupação profissional atual dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Detalhando tópicos sobre a produção científica, dados do survey "Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais" indicam que quanto à produção bibliográfica no ano de 2021 - ano marcado pela forte presença do trabalho remoto em atividades acadêmicas - o marcador raça teve papel chave, sobrepondo o impacto do gênero nesta questão. Homens brancos submeteram mais artigos para periódicos científicos em 2021 do que mulheres brancas, que por sua vez o fizeram mais do que homens pretos ou pardos, que por sua vez o fizeram mais do que mulheres pretas ou pardas. A distribuição completa está no gráfico abaixo:

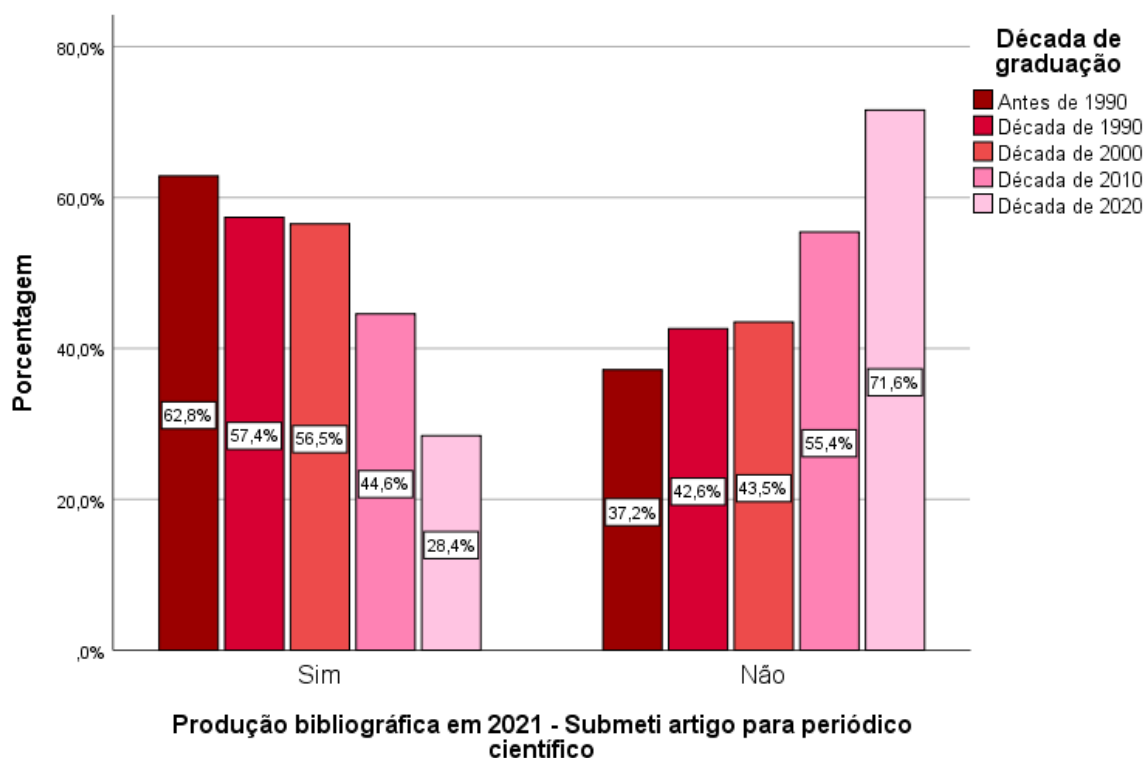
Gráfico 25: Submissão de artigos para periódicos científicos em 2021, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Pessoas diplomadas na graduação antes da década de 1990 pertencem ao grupo que mais declarou ter submetido artigo para periódico científico (62,8%), como demonstrado no **Gráfico 26**.

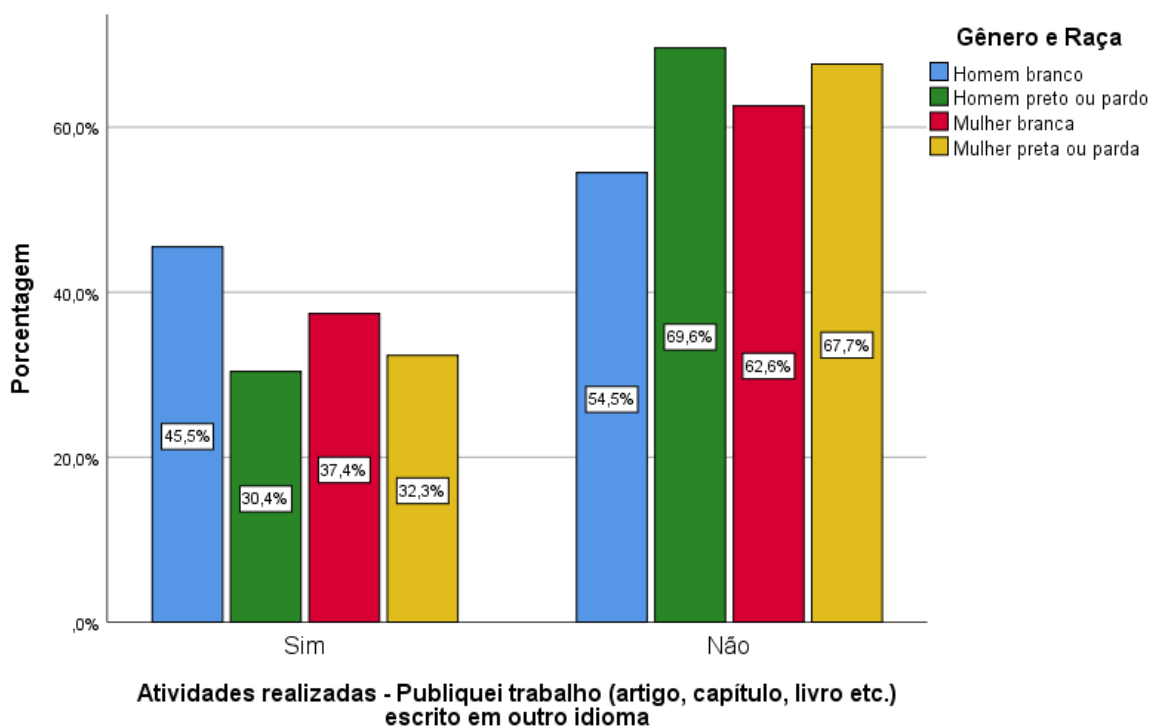
Gráfico 26: Submissão de artigos para periódicos científicos em 2021, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Entre as perguntas referentes à circulação internacional, foi possível observar que o marcador de raça se sobrepõe mais uma vez ao de gênero, mas ambos se articulam, afetando mais os homens pretos ou pardos e privilegiando mais homens brancos. Isso pode ser observado a partir dos dados abaixo (**Gráfico 27**), referentes à pergunta sobre ter publicado trabalho escrito em outro idioma no período 2018-2022.

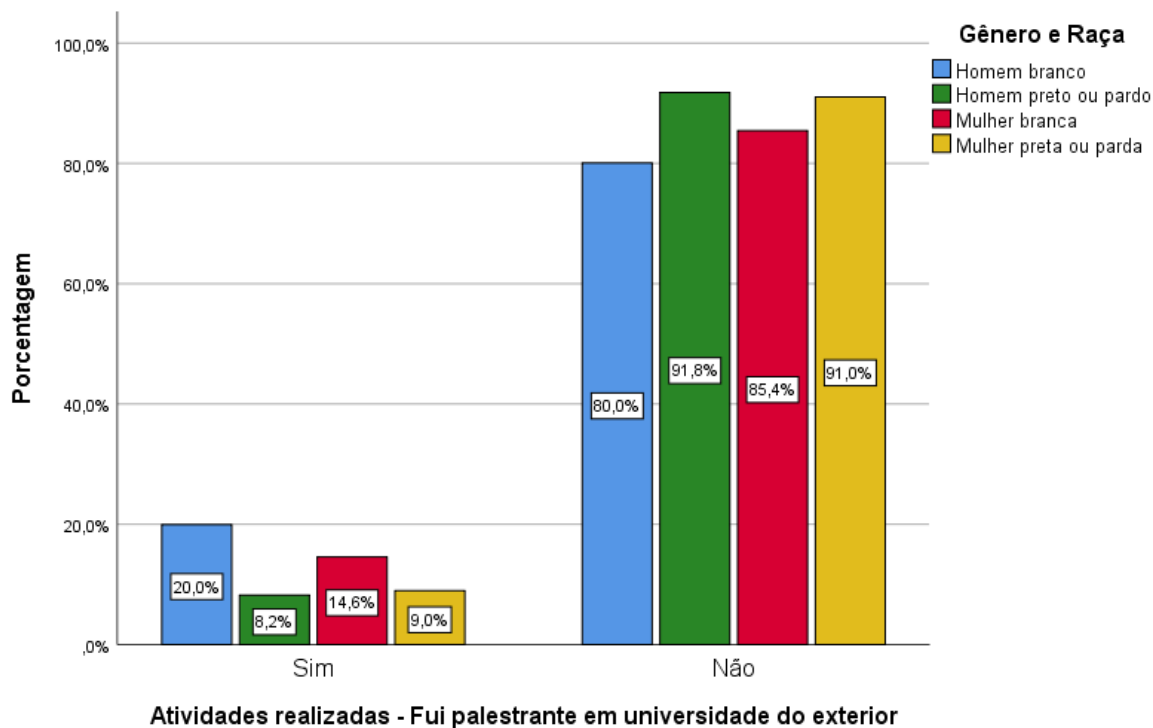
Gráfico 27: Publicação de trabalhos escritos em outro idioma entre 2018 e 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Ainda com referência às atividades de internacionalização, homens pretos ou pardos são aqueles que responderam mais negativamente quando indagados se no período entre 2018 e 2022 haviam sido palestrantes em universidades no exterior (91,8%). O maior percentual de respostas positivas, exposto no **Gráfico 28**, é de homens brancos (20%), seguido por mulheres brancas (14,6%), mulheres pretas ou pardas (9%) e homens pretos ou pardos (8,2%).

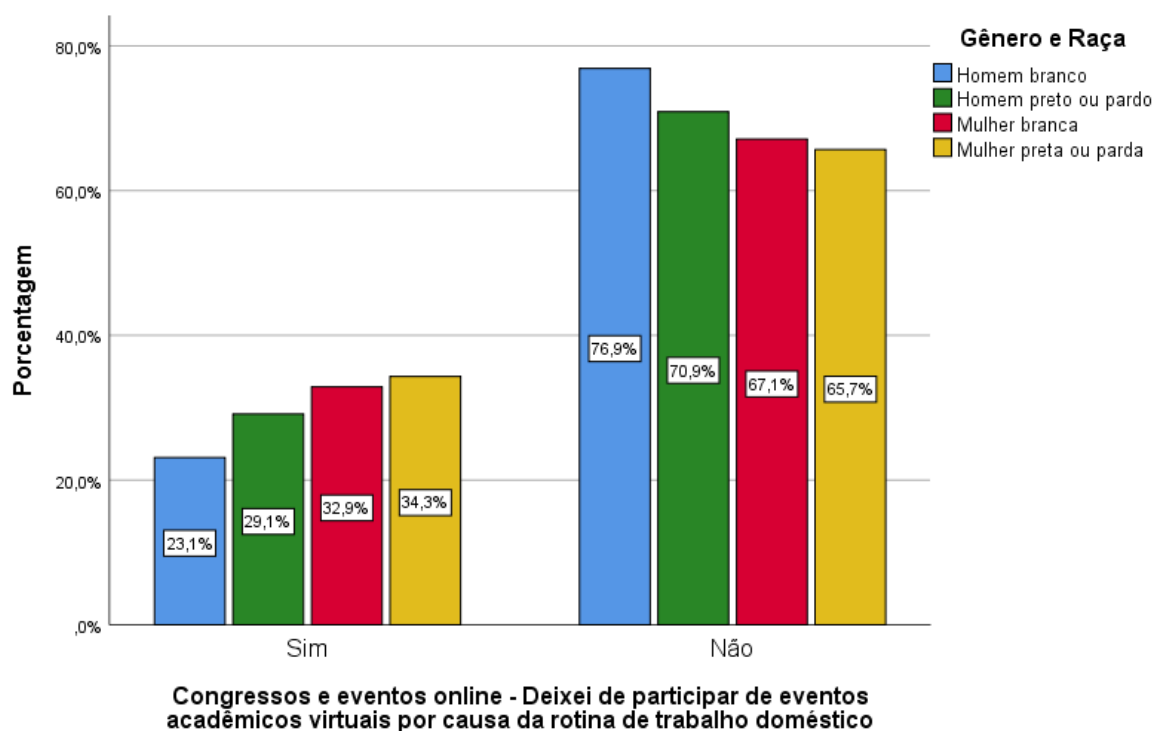
Gráfico 28: Realização de palestras em universidades do exterior entre 2018 e 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Eventos e atividades acadêmicas realizadas virtualmente tornaram-se volumosas no período entre 2020 e 2022. Observando apenas os dados de 2022, vemos que mulheres pretas ou pardas (34,3%) e mulheres brancas (32,9%) são aquelas que mais afirmaram terem deixado de participar de eventos acadêmicos virtuais em função da rotina de trabalho doméstico (**Gráfico 29**). A distribuição completa pode ser observada no gráfico abaixo.

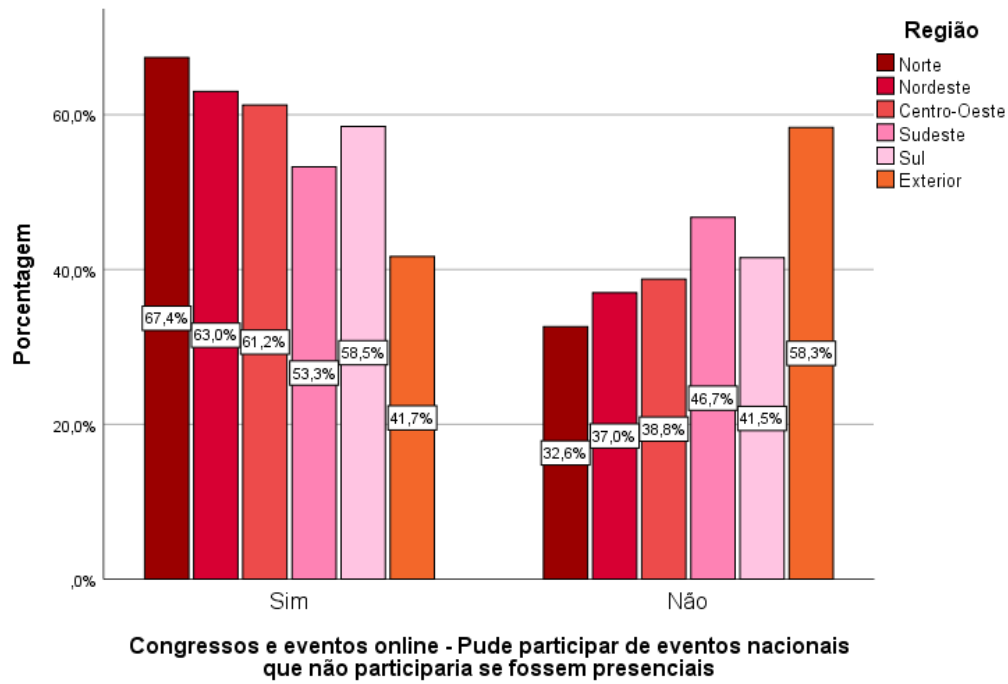
Gráfico 29: Ter deixado de participar de eventos acadêmicos virtuais por causa da rotina de trabalho em 2022, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Em termos de distribuição regional, a maior proporção de pessoas que assinalaram “pude participar de eventos nacionais que não participaria se fossem presenciais” são da região Norte (67,4%), seguido pela região Nordeste (63%), Centro-Oeste (61,2%), Sul (58,5%) e Sudeste (53,3%) - **Gráfico 30**.

Gráfico 30: Respostas à pergunta “Participei de eventos nacionais que não participaria se fossem presenciais”, de acordo com a região dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PARTE 3 -

TRABALHO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE CIENTISTAS SOCIAIS NA ACADEMIA

3.1. Panorama do trabalho acadêmico na área de Ciências Sociais

Este item apresenta dados e análises que procuram (1) conhecer de modo mais abrangente as perspectivas e percepções de cientistas sociais sobre seu trabalho na academia; (2) explorar aspectos da inserção profissional desses cientistas sociais; (3) traçar um panorama sobre o mercado de trabalho acadêmico na área.

MERCADO DE TRABALHO, RENDA E OCUPAÇÃO

Quanto às ocupações de cientistas sociais, a distribuição em nossa amostra é a seguinte:

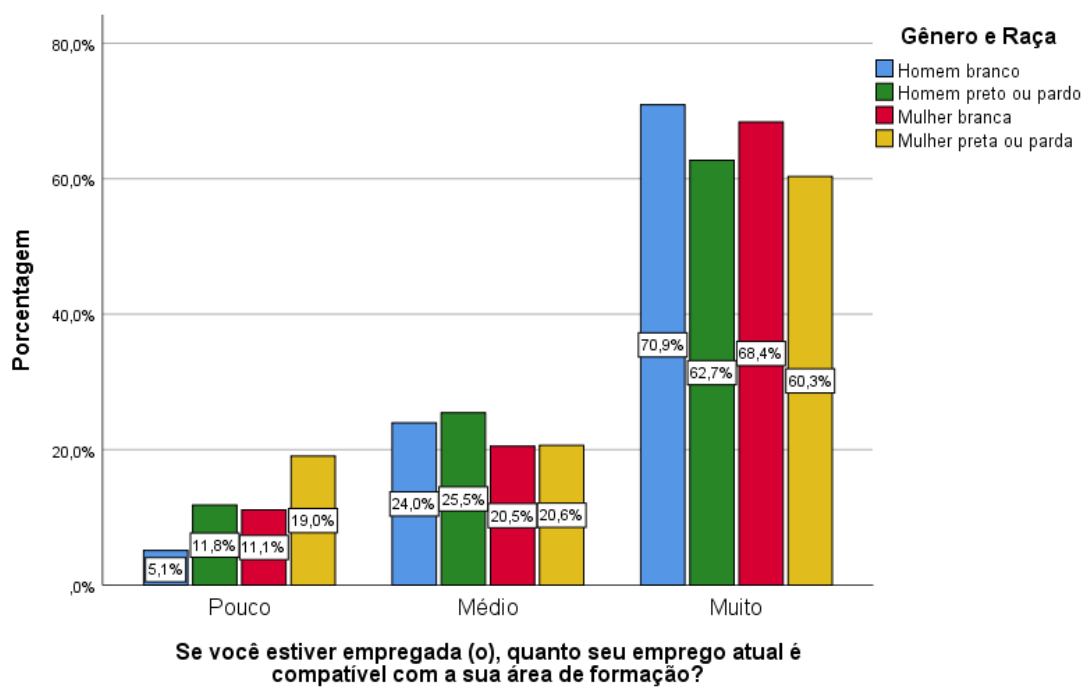
Tabela 11: Distribuição da ocupação principal dos respondentes (%)

Ocupação	%
Estudante de Pós-Graduação	28,26
Docente de Universidade Pública	26,38
Outra	16,08
Pesquisador(a) de pós-doutorado	4,71
Pesquisador(a) freelancer	8,04
Docente de Universidade Privada	5,58
Docente da Educação Básica	4,93
Desempregado(a)	6,01

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Entre aqueles que declararam estarem empregados, a pesquisa indagou sobre a compatibilidade entre o emprego atual dos respondentes e sua área de formação. Na escala de 1 a 7 na qual 1 a 2 é considerada "baixa", de 3 a 5 é "média", de 6 a 7 é "alta", foi possível notar que mulheres pretas ou pardas foram aquelas que declararam a menor compatibilidade, enquanto homens brancos foram os que mais declararam possuir empregos compatíveis com suas formação (**Gráfico 31**).

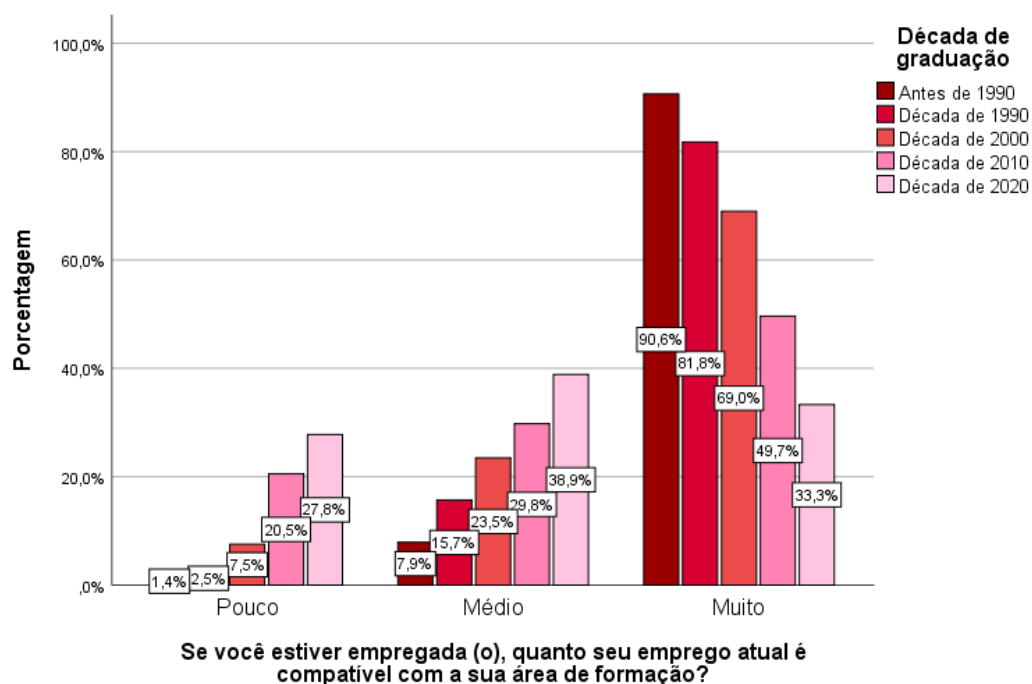
Gráfico 31: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

No quesito geracional por sua vez, também é possível notar que quanto mais experiência possui o grupo, maior a percepção sobre a compatibilidade do emprego atual com a área de formação (**Gráfico 32**).

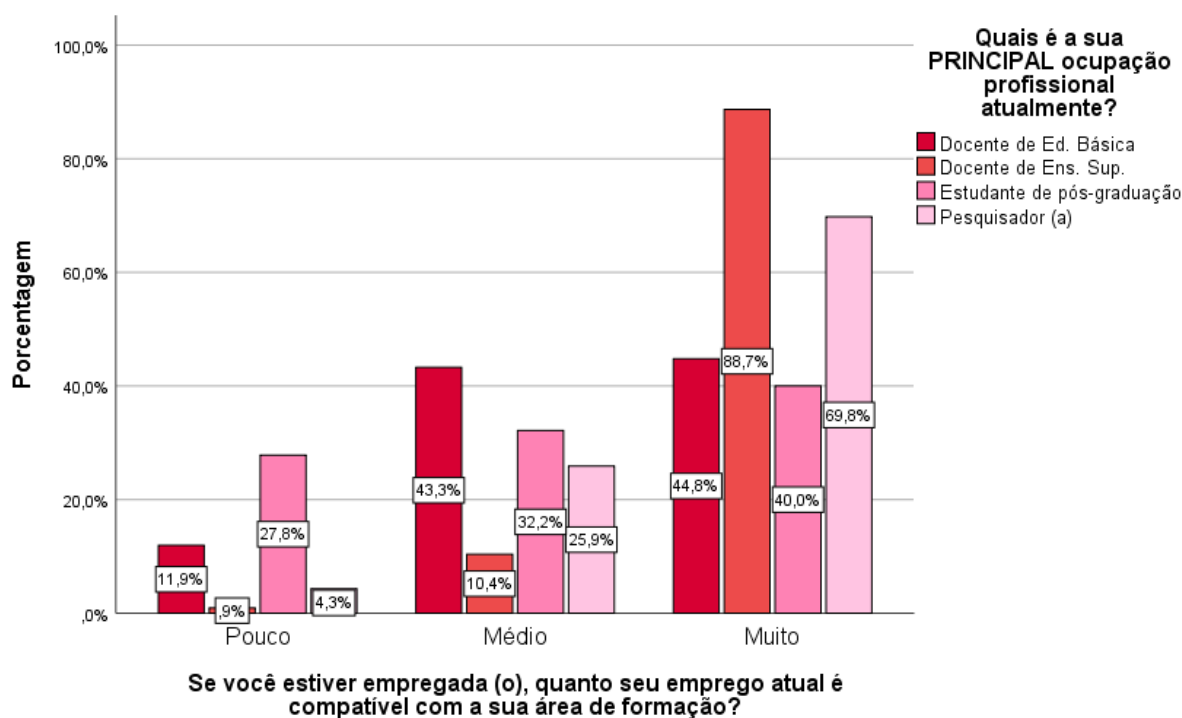
Gráfico 32: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando observamos o recorte de ocupação, exposto no **Gráfico 33**, vemos que há convergência com os resultados para as gerações de cientistas sociais (**Gráfico 32**). Nota-se que estudantes de pós-graduação, ou seja, os mais jovens, estão entre os que mais consideram suas ocupações atuais incompatíveis com suas áreas de formação.

Gráfico 33: Respostas à pergunta “Se você estiver empregada (o), quanto seu emprego atual é compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a principal ocupação atual (%)

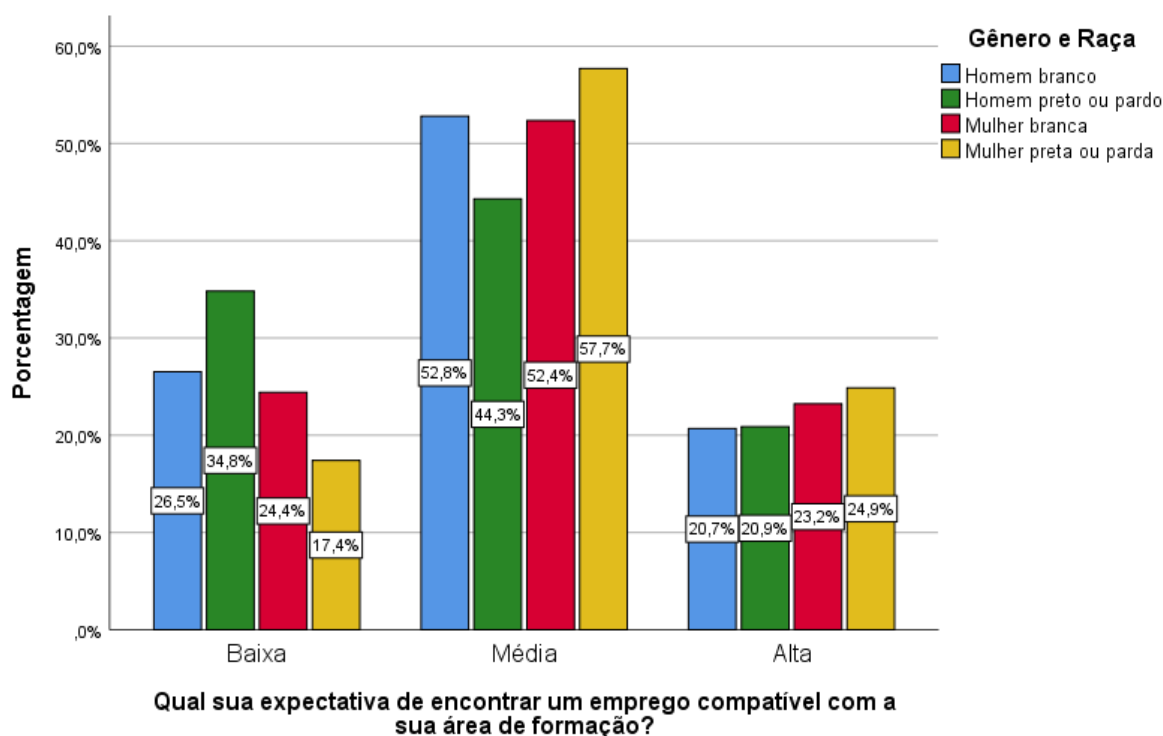


Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Os dados também indicam que a variação na “área de concentração” não se relaciona com a variação na “percepção de empregabilidade” com significância estatística. Ou seja, todas as áreas se comportam de forma mais ou menos semelhante quanto à sua percepção de empregabilidade.

Entre aqueles(as) que declararam estar à procura de emprego, a pesquisa indagou qual seria a expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação. Na escala de 1 a 7 na qual 1 a 2 é considerada "baixa", de 3 a 5 é "média", de 6 a 7 é "alta", temos que a expectativa de encontrar emprego compatível com a área de formação é majoritariamente “média” para todos os grupos. Entretanto, mulheres pretas ou pardas constituem a única categoria que possui mais marcações em “alta” do que em “baixa”, ou seja, trata-se do grupo que demonstra maior otimismo em conseguir um emprego compatível com sua área de formação (Gráfico 34).

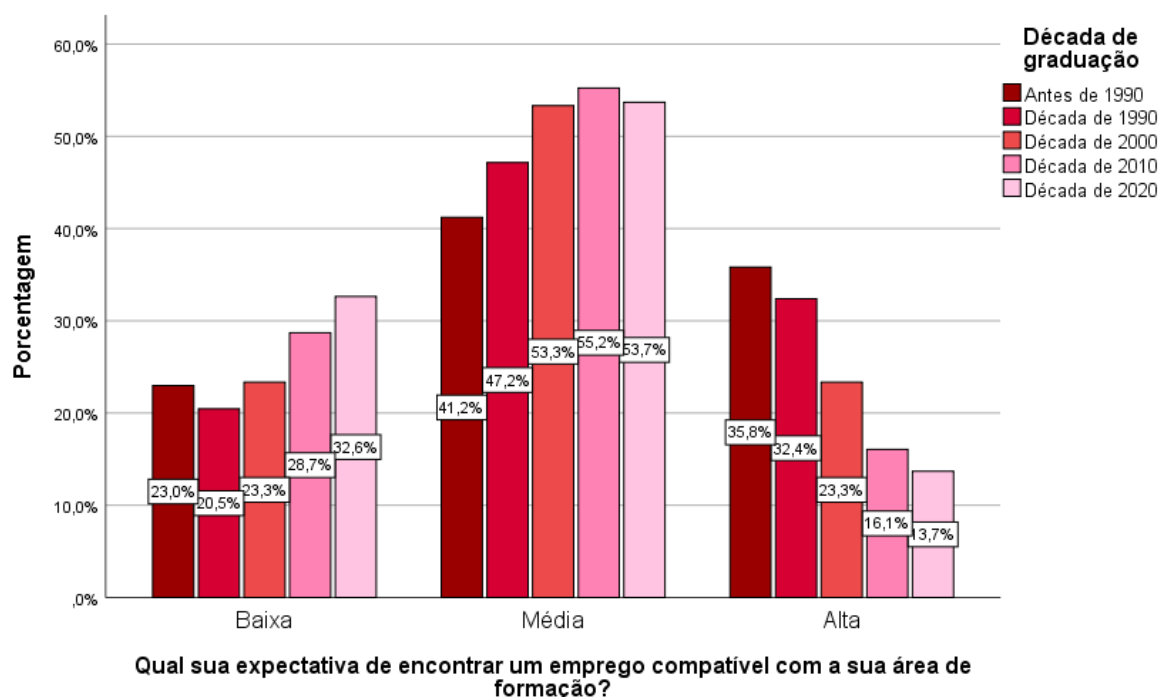
Gráfico 34: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a identificação de raça e gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Os dados também indicam uma pronunciada transição geracional na expectativa de encontrar um emprego compatível com a formação (**Gráfico 35**). Ou seja, quanto mais experiente é o grupo, maior sua expectativa de encontrar um trabalho compatível com sua área de formação. Em contrapartida, grupos menos experientes ou procurando suas primeiras inserções no mercado de trabalho, possuem as expectativas mais baixas de encontrar uma ocupação compatível com sua área de formação.

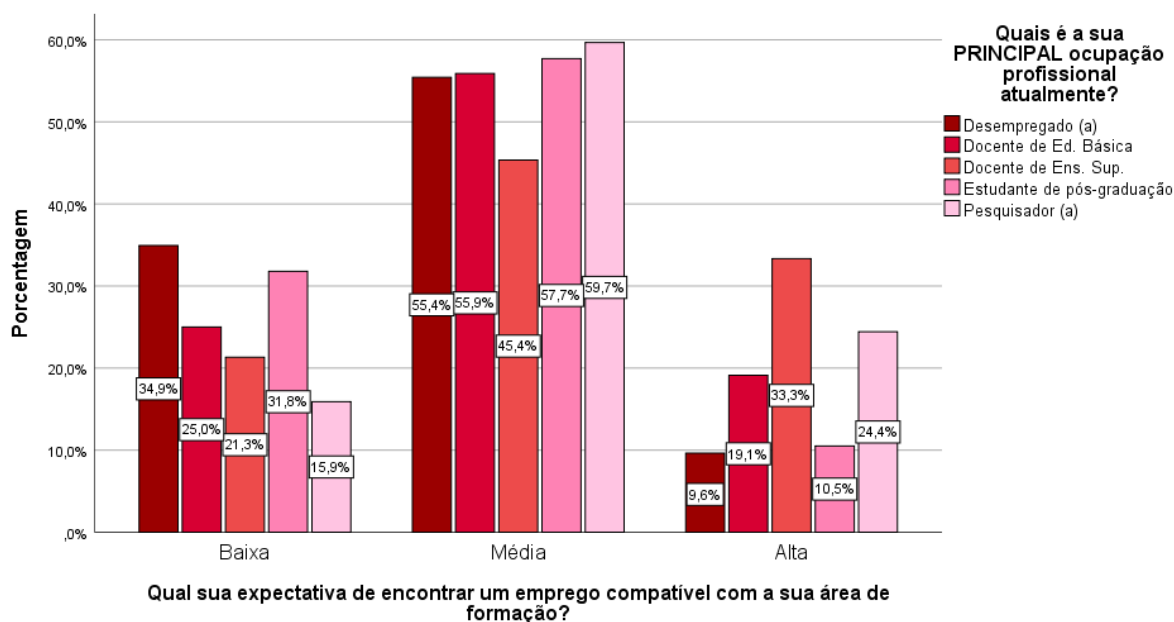
Gráfico 35: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

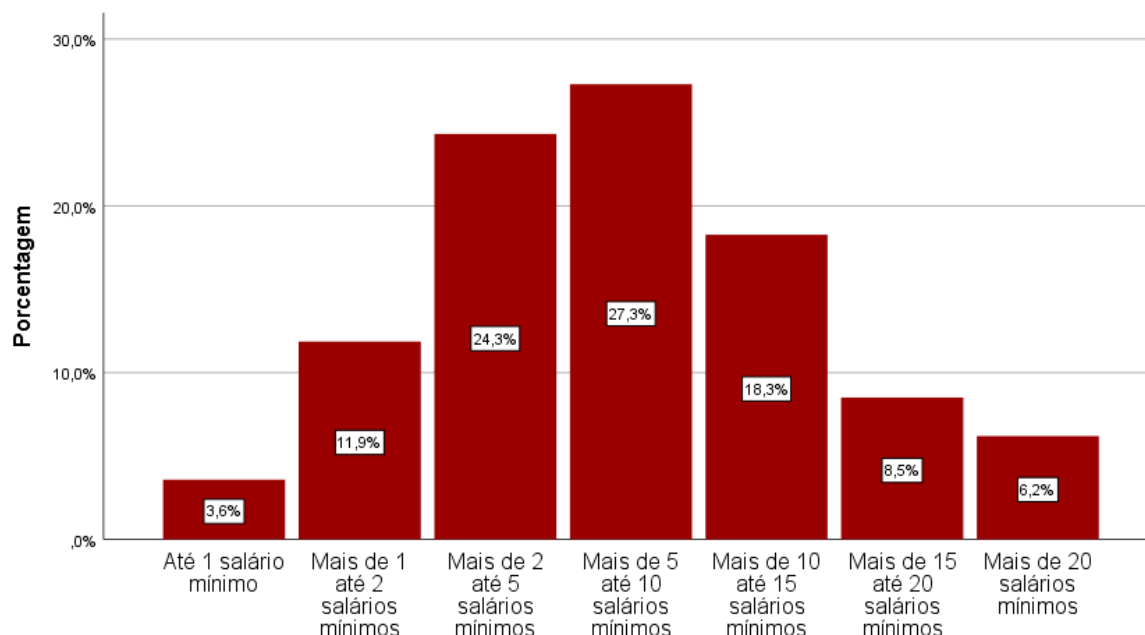
Os grupos menos otimistas na procura por emprego são os que se declararam "desempregados" ou "estudantes de pós-graduação", que sobressaíram entre aqueles que mais indicaram expectativa "baixa" e os que menos pronunciaram expectativa "alta" (**Gráfico 36**).

Gráfico 36: Respostas à pergunta “Qual sua expectativa de encontrar um emprego compatível com a sua área de formação?”, de acordo com a principal ocupação atual (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Para o conjunto da amostra, a renda domiciliar mensal concentra-se na faixa entre 5 e 10 salários-mínimos (27,3%). A segunda faixa com maior número de respondentes é a que compreende rendimentos entre 2 e 5 salários-mínimos (24,3%), seguida pela faixa entre 10 e 15 salários-mínimos (18,3%). Declararam receber até 1 salário-mínimo 3,8% dos respondentes; enquanto 6,2% declararam receber mais de 20 salários-mínimos. A distribuição completa está disponível no **Gráfico 37**.

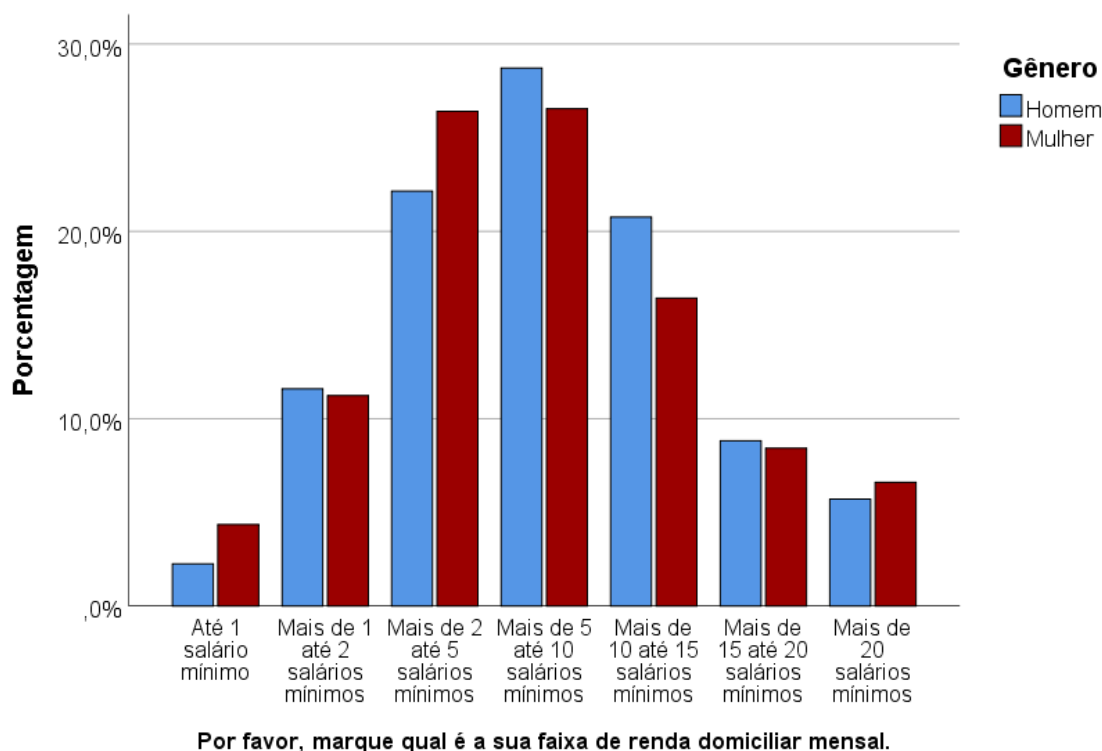
Gráfico 37: Faixa de renda domiciliar mensal dos respondentes (%)

Por favor, marque qual é a sua faixa de renda domiciliar mensal.

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando observamos a renda a partir do recorte de gênero, temos, nas duas faixas principais de rendimentos, que mulheres são maioria na faixa entre 2 e 5 salários-mínimos (26,4% de mulheres frente a 22,1% dos homens) e minoria na faixa entre 5 e 10 salários-mínimos (26,5% frente a 28,7%). O número de mulheres também é significativamente maior na faixa que declara receber até 1 salário-mínimo (4,4% frente a 2,2%) e ligeiramente maior na faixa acima de 20 salários-mínimos (6,6% frente a 5,7%). A distribuição completa está disponível no **Gráfico 38**.

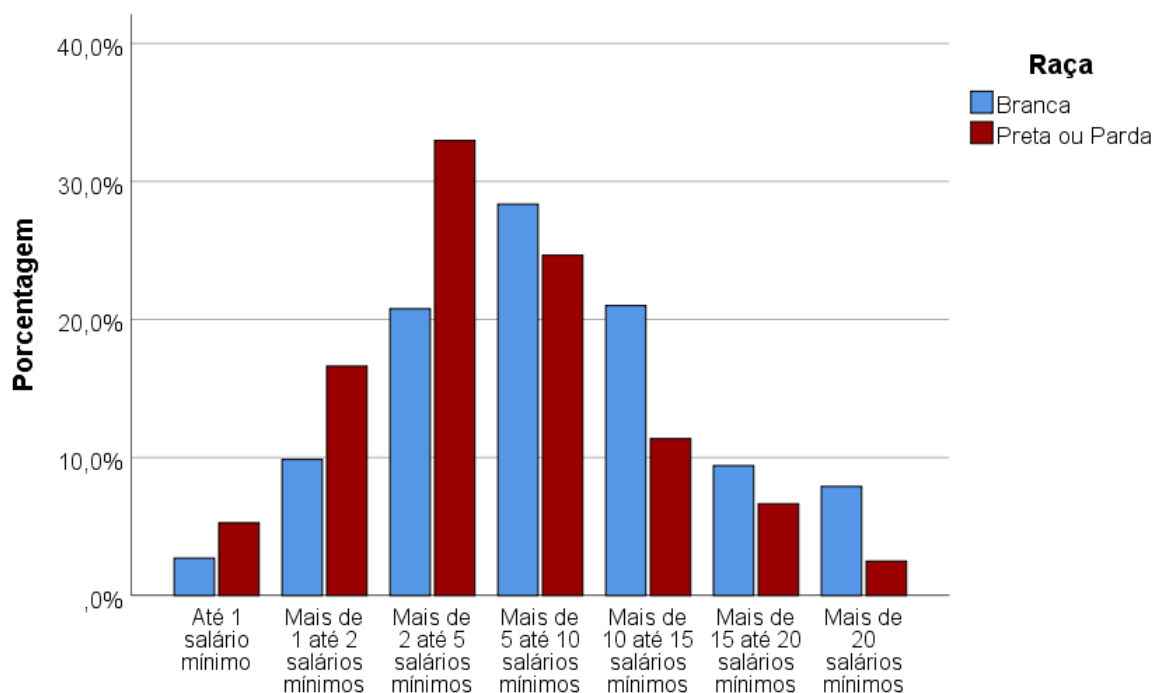
Gráfico 38: Faixa de renda domiciliar mensal de acordo com a identificação de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Quando observamos a renda a partir do recorte racial (**Gráfico 39**), temos que pretos ou pardos são maioria em todas as faixas até 5 salários-mínimos, sendo que 5,3% deles ganham até 1 salário-mínimo, frente a 2,7% de brancos, e minoria em todas as demais. 33% dos pretos ou pardos ganham entre 2 e 5 salários-mínimos, frente a 20,8% de brancos. Já na faixa entre 5 e 10 salários-mínimos, pretos ou pardos são minoria, com 24,7%, frente a 28,4%, diferença percentual que vai se acentuando conforme aumenta-se a renda salarial. Apenas 11,4% dos pretos ou pardos ganham mais de 10 até 15 salários-mínimos, frente a 21% dos brancos.

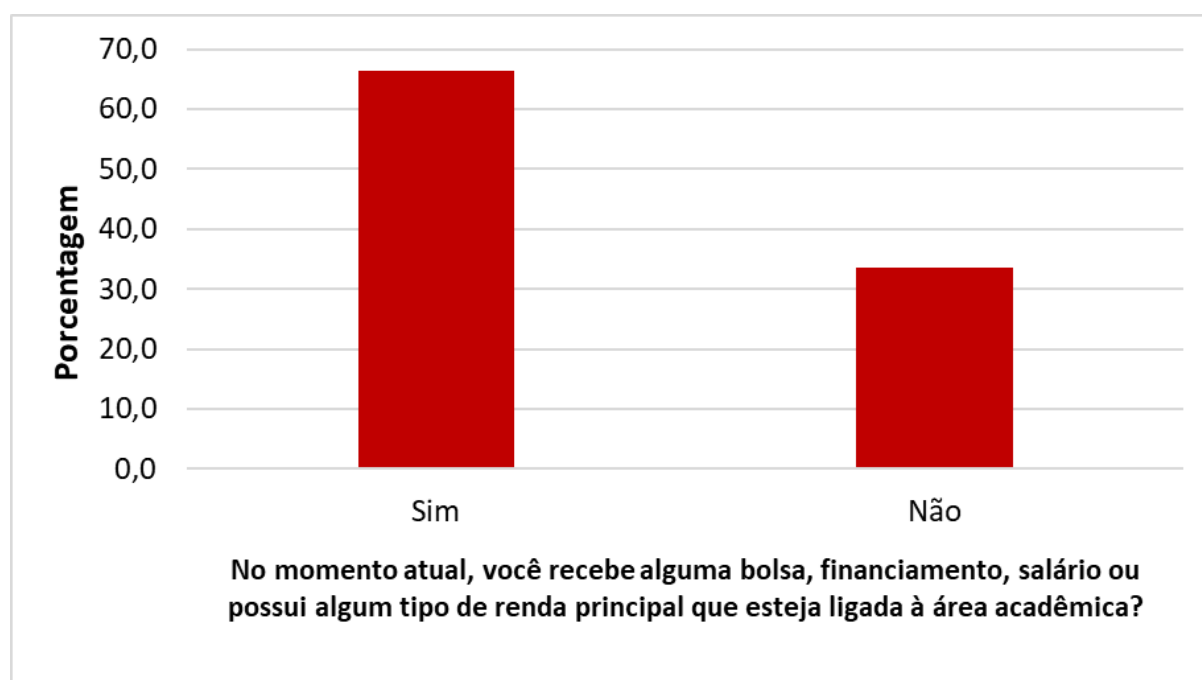
Gráfico 39: Faixa de renda domiciliar mensal de acordo com a identificação racial dos respondentes (%)



Por favor, marque qual é a sua faixa de renda domiciliar mensal.

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Gráfico 40: Respostas à pergunta “No momento atual, você recebe alguma bolsa, financiamento, salário ou possui algum tipo de renda principal que esteja ligada à área acadêmica?” (%)



No momento atual, você recebe alguma bolsa, financiamento, salário ou possui algum tipo de renda principal que esteja ligada à área acadêmica?

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Tabela 12: Distribuição das respostas à pergunta “Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?”, de acordo com a identificação racial dos respondentes (%)

Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?	% Branca	% Preta ou Parda
Não	29,8%	34,6%
Iniciação Científica	11,2%	11,5%
Mestrado	20,0%	22,5%
Doutorado	23,9%	23,6%
Pós-Doutorado	8,5%	5,9%
Financiamento para Pesquisa no Exterior	7,5%	4,3%
Bolsa de produtividade	9,0%	4,6%
Prêmio (em dinheiro)	2,1%	1,3%
Fomento Instituição privada nacional	16,6%	11,5%
Fomento Instituição pública nacional	2,5%	2,7%
Fomento Instituição pública internacional	2,7%	3,5%
Fomento Instituição privada internacional	3,4%	0,5%
Outras	3,7%	8,3%

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

34,5% dos respondentes pretos ou pardos responderam não ter recebido nenhuma bolsa ou financiamento de pesquisa desde 2018, enquanto apenas 29,8% dos respondentes brancos o fizeram. Ao observarmos o recorte de gênero, temos que 34,3% dos homens responderam não ter recebido nenhuma bolsa ou financiamento de pesquisa desde 2018, enquanto apenas 28,8% das mulheres o fizeram. Em compensação, homens são ligeira maioria entre os que receberam bolsas de pós doc (7,7% frente a 7,2%), financiamento para pesquisas no exterior (6,5% frente a 6,3%) e bolsa de produtividade (8,6% frente a 7,2%), conforme detalhado na **Tabela 16**, disponível abaixo.

Detalhando os dados sobre bolsa de produtividade em pesquisa, dentre aqueles(as) que declararam ter usufruído de bolsa de produtividade em pesquisa entre os anos de 2018 e 2022, a

desigualdade racial se mostra muito pronunciada. Entre os (as) bolsistas, 44,3% são mulheres brancas, 31,7% dos homens brancos, 12,5% mulheres pretas ou pardas e 11,5% homens pretos ou pardos (**Tabela 13**).

Tabela 13: Identificação racial e de gêneros dos respondentes que disseram ter usufruído de bolsa de produtividade em pesquisa entre os anos de 2018 e 2022 (%)

Gênero e Raça	%
Homem Branco	31,7
Homem Preto ou Pardo	11,5
Mulher branca	44,3
Mulher Preta ou Parda	12,5

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Tabela 14: Distribuição das respostas à pergunta “Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?”, de acordo com a identificação de gênero dos respondentes (%)

Desde 2018, você recebeu alguma bolsa ou financiamento de pesquisa?	% Homem	% Mulher
Não	34,3%	28,8%
Iniciação Científica	9,8%	12,4%
Mestrado	18,8%	22,0%
Doutorado	22,1%	25,2%
Pós-Doutorado	7,7%	7,2%
Financiamento para Pesquisa no Exterior	6,5%	6,3%
Bolsa de produtividade	8,6%	7,2%
Prêmio (em dinheiro)	1,9%	1,8%
Fomento Instituição privada nacional	16,7%	14,8%
Fomento Instituição pública nacional	3,0%	2,1%
Fomento Instituição pública internacional	2,6%	3,2%
Fomento Instituição privada internacional	2,6%	2,7%

Outras	3,7%	5,8%
--------	------	------

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Para aqueles que trabalham em instituições de ensino e pesquisa, a pesquisa indagou sobre as funções que desempenharam entre os anos de 2018 e 2022, os respondentes indicaram terem exercido as atividades listadas na **Tabela 15**.

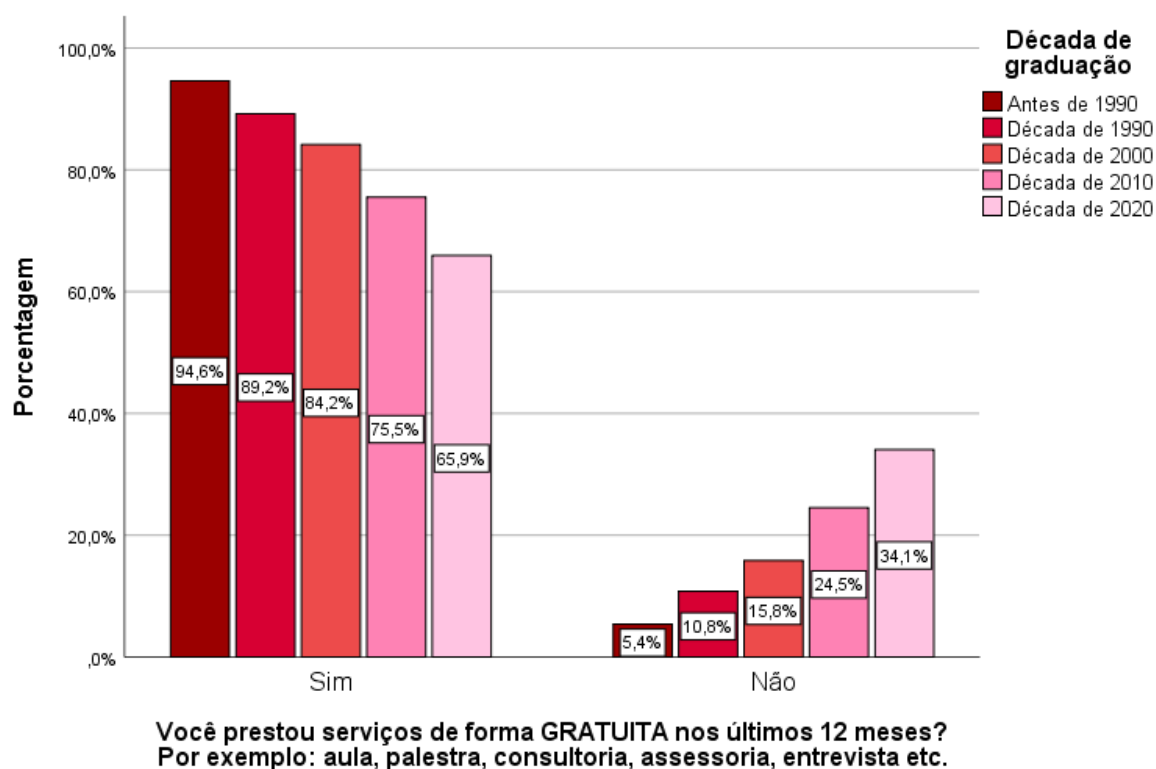
Tabela 15: Distribuição das funções desempenhadas pelos respondentes entre os anos de 2018 e 2022 (%)

Função	%
Editor(a) de revista periódica	20,72
Editor(a) de livros	11,81
Bolsista de produtividade acadêmica	14,64
Coordenador(a) de extensão	7,82
Coordenador(a) de graduação ou pós-graduação	12,10
Chefe de departamento	5,29
Diretor(a) de unidade acadêmica	2,02
Pró-reitor(a)	0,72
Reitor(a)	0,72
Representante em associação científica	8,19
Outra(s) atividade(s) administrativa(s) na universidade e/ou instituição de ensino e pesquisa	22,18

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A pesquisa indagou sobre a prestação de serviços de forma gratuita nos últimos 12 meses. Quanto mais experiência, maior a taxa de respondentes que afirmou ter prestado serviço gratuito nos 12 meses anteriores. Variações de raça e gênero não apresentaram significância estatística.

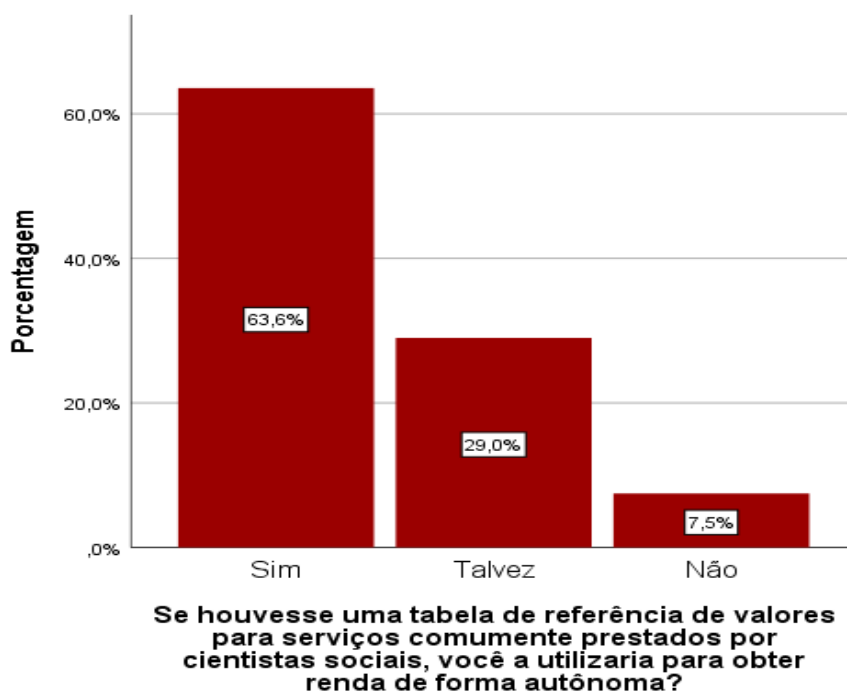
Gráfico 41: Respostas à pergunta “Você prestou serviços de forma GRATUITA nos últimos 12 meses?” de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A pesquisa também indagou se caso houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, os respondentes considerariam a utilizar para obter renda de forma autônoma. A ideia é aceita de forma geral.

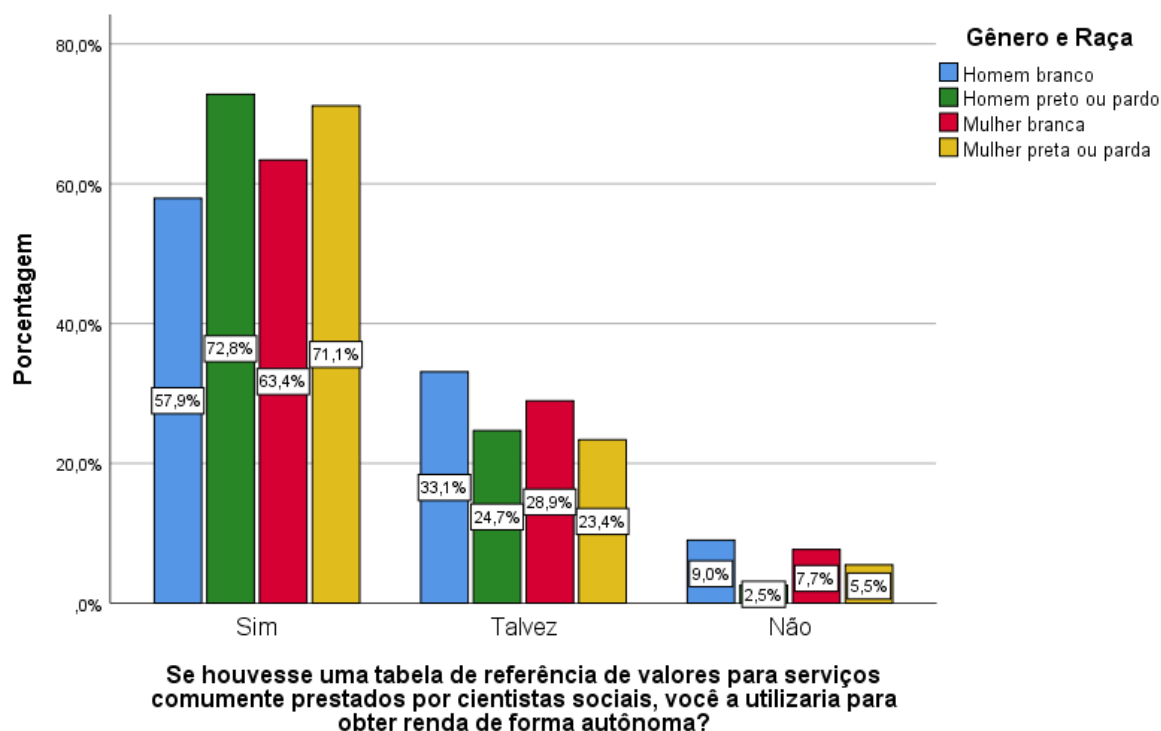
Gráfico 42: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Considerando a distribuição de gênero e raça, pode-se notar que homens pretos ou pardos foram o grupo que mais aceitaria aderir ao uso da tabela de valores, ao contrário de homens brancos.

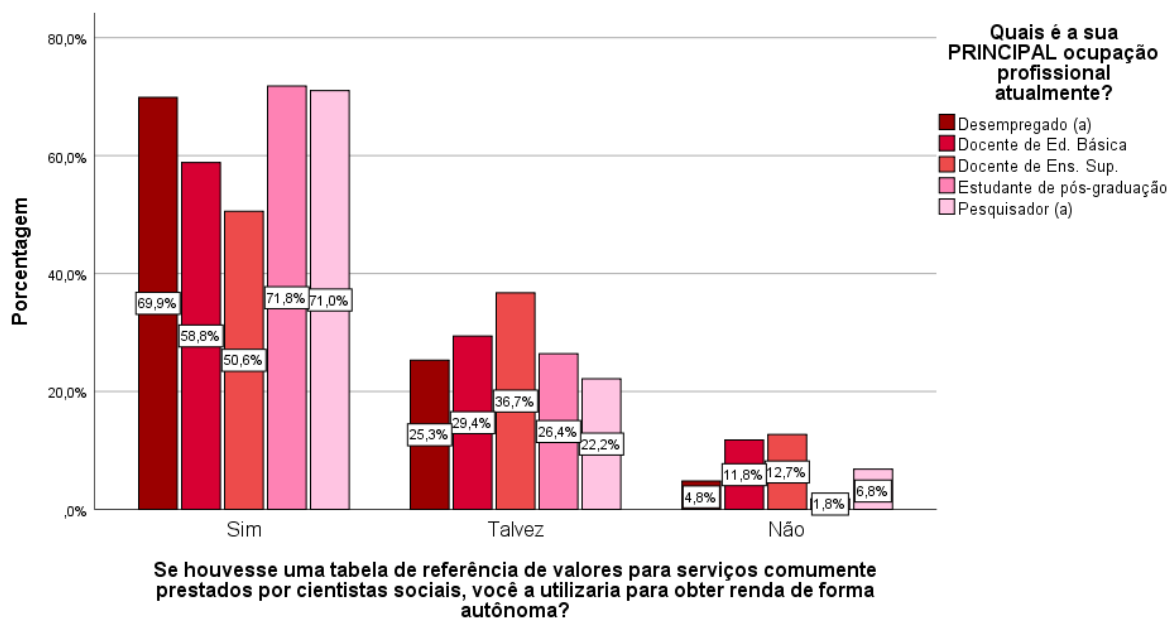
Gráfico 43: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Desempregados, estudantes de pós-graduação e pesquisadores(as) dizem mais que usariam uma tabela de referência de valores.

Gráfico 44: Respostas à pergunta “Se houvesse uma tabela de referência de valores para serviços comumente prestados por cientistas sociais, você a utilizaria para obter renda de forma autônoma?” de acordo com a principal ocupação atual dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A pesquisa também indagou sobre a desistência da carreira acadêmica. Para o conjunto da amostra, 24,64% de respondentes declararam nunca ter considerado desistir da carreira acadêmica. O percentual é seguido de perto por duas importantes questões: uma de caráter mais conjuntural e outra mais recorrente no conjunto dos dados da pesquisa. 20,9% dos respondentes declararam já terem cogitado desistir da carreira em função dos cortes de recursos em Educação e CT & I. Já as dificuldades de encontrar oportunidades na área foi apontada por 22,32% como razão para cogitar a desistência da carreira.

Outro dado que merece destaque é o alto percentual de respondentes (13%) que apontam a pressão por produtividade como um dos motivos que já os fizeram pensar em desistir da carreira acadêmica. Este percentual é um pouco maior entre estudantes de pós-graduação (16,4%) e docentes de ensino superior (14,5%). A sobrecarga de trabalho administrativo é apontada como motivo por apenas 3,3% dos respondentes, sendo prevalente no grupo de docentes do Ensino Superior (6,3%), a maior taxa entre os grupos de ocupação.

Quando observamos a questão da desistência da carreira acadêmica por ocupação, encontramos um alto índice de respostas positivas especialmente entre três grupos: estudantes de pós-graduação (91,8%), docentes da Educação Básica (77,9%) e docentes do Ensino Superior (51%).

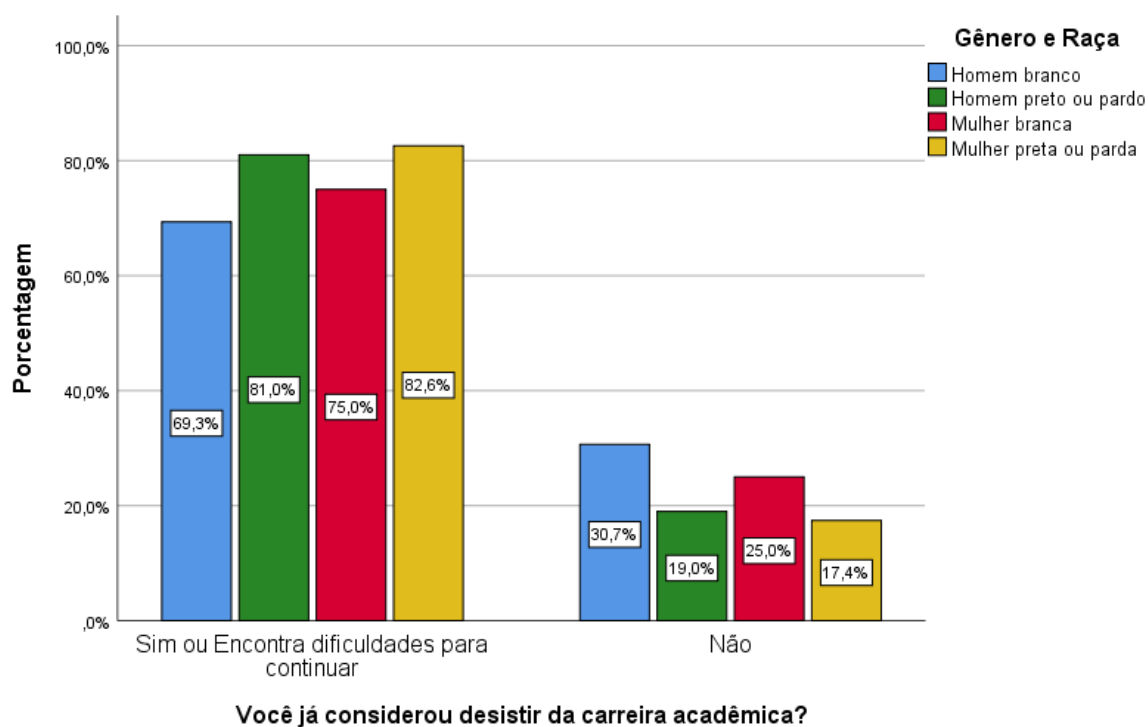
Tabela 16: Distribuição das respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” (%)

Motivo	%
Embora não considere desistir da carreira acadêmica, tem sido difícil encontrar oportunidades na área	22,32
Passei a considerar desistir da carreira acadêmica em função dos cortes de recursos para CT&I e Educação nos últimos anos	20,9
Nunca considerei desistir da carreira acadêmica	24,64
Já considerei desistir da carreira acadêmica em função da alta pressão por produtividade	13
Desisti da carreira acadêmica após dificuldades de alocação profissional na área	5,14
A carreira acadêmica nunca foi minha prioridade	3,04
Já considerei desistir da carreira acadêmica em função da sobrecarga de trabalho administrativo	3,33
Passei a considerar desistir da carreira acadêmica em função da migração para o ensino/trabalho remoto durante a pandemia	1,23
Outro	6,38

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

No que se refere à possibilidade de desistir da carreira acadêmica, o marcador de raça se sobrepõe ao de gênero, mas ambos se articulam, afetando mais as mulheres pretas ou pardas e privilegiando mais os homens brancos.

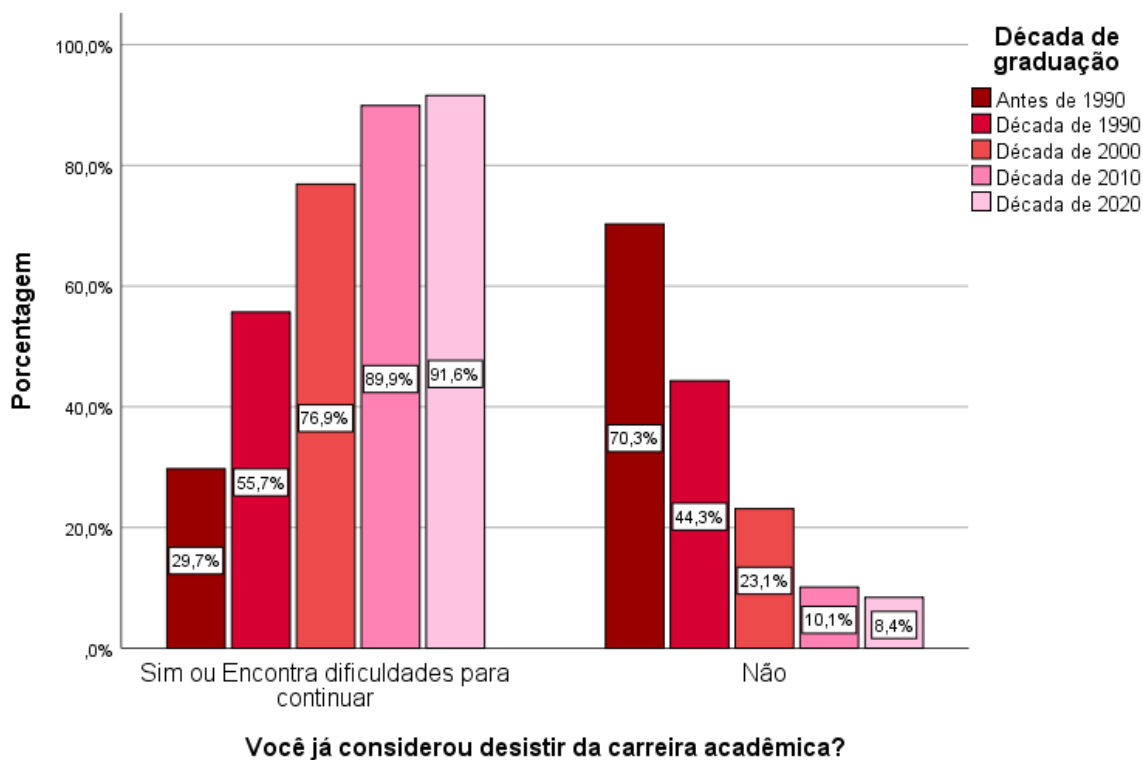
Gráfico 45: Respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” recategorizada em "Não" e "Sim/Encontra dificuldades", de acordo com identificação racial e de gênero dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Além disso, quanto menos experiente o grupo, mais tende a dizer que já cogitou desistir da carreira acadêmica, conforme é possível visualizar no **Gráfico 46**. Os respondentes que se graduaram antes da década de 1990 são os que menos afirmaram já ter considerado desistir da carreira acadêmica (29,7% frente a 91,6% dos que se graduaram na década de 2020).

Gráfico 46: Respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” recategorizada em “Não” e “Sim/Encontra dificuldades”, de acordo com a década de titulação na graduação dos respondentes (%)



Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Explorando a variação interna do grupo “estudantes de pós-graduação” a partir da pergunta “ter ou não ter bolsa”, foi possível verificar que a variação em “ter bolsa ou não ter bolsa” não se relaciona com a variação em “já ter cogitado desistir da carreira acadêmica”. Ou seja, a questão sobre a desistência da carreira acadêmica é mais ampla que somente a valorização financeira especialmente para o grupo de estudantes de pós-graduação; e parecem se relacionar a um conjunto mais amplo de questões como inserção em vagas estáveis e com remuneração adequada, como será explorado especialmente no item 3.2 deste relatório.

3.2. Ciências Sociais como profissão: escolha pela área e estratégias de construção de carreiras acadêmicas para recém-doutores(as)

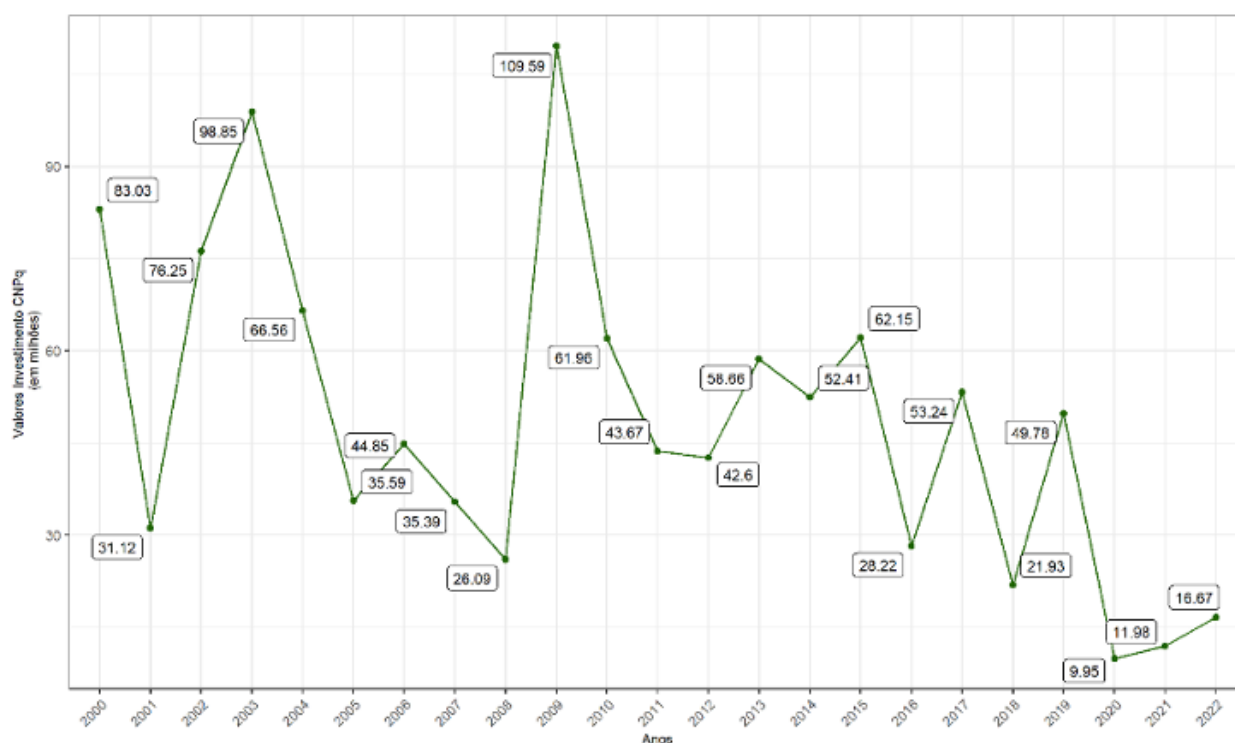
Este item apresenta dados e análises que exploram três questões centrais: (1) percepções do grupo de recém-doutores(as) sobre os elementos determinantes de sua escolha pela carreira acadêmica na área de Ciência Sociais; (2) semelhanças e diferenças de trajetórias acadêmicas e inserção no mercado de trabalho acadêmico; (3) contextualização da conjuntura de cortes as

políticas de Ciência & Tecnologia no Brasil, no período 2015-2022, com atenção às consequências pronunciadas nas expectativas e trajetórias deste grupo.

Como indicado anteriormente, definimos como recém-doutores(as) aquelas pessoas que obtiveram a titulação de doutorado em Antropologia, Ciência Política, Ciências Sociais, Sociologia entre janeiro de 2015 e março de 2022. Em nosso survey, este grupo corresponde a 314 respondentes. Também conduzimos 29 entrevistas em profundidade com tal grupo geracional.

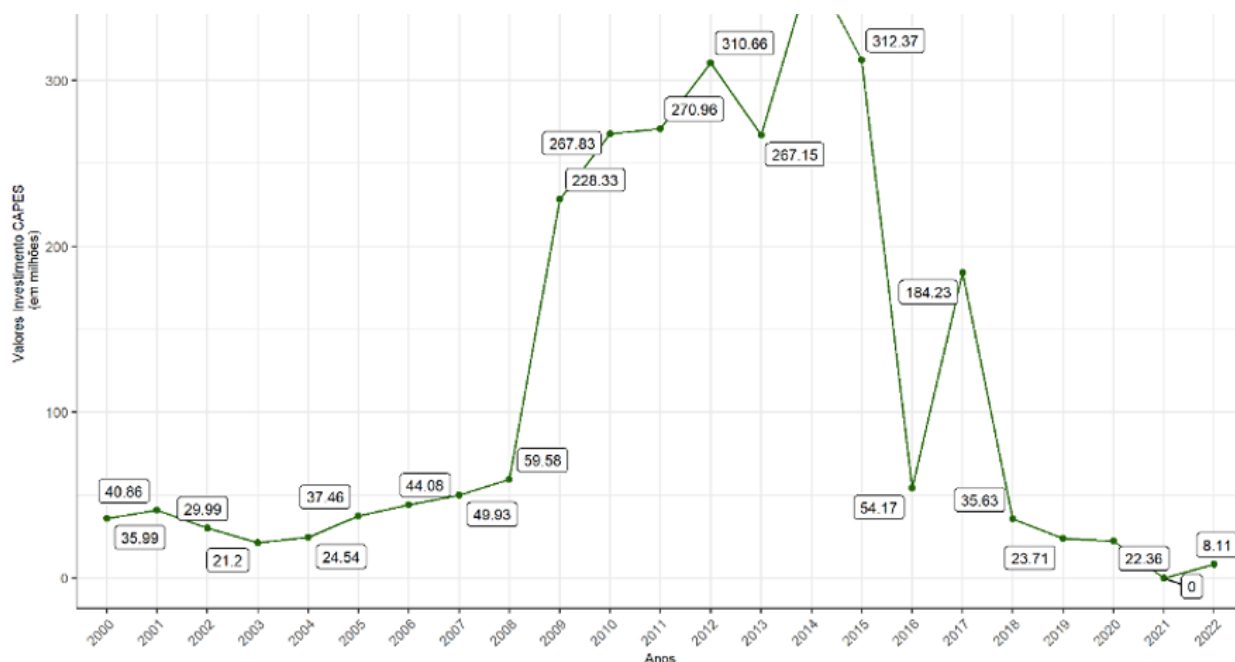
Quanto ao arco temporal de 7 anos do recorte, este acompanha a delimitação como recém-doutores realizada por algumas agências de fomento no país, como a Fapesp⁸, bem como acompanha o período de retração recente nos investimentos na Pós-Graduação e em CT & I no país, conforme dados disponibilizados abaixo (**Gráficos 47 e 48**).

Gráfico 47: Valores de Investimentos do CNPq (2000-2022)



FONTE: OBL/A4 a partir de dados Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento

⁸ <https://fapesp.br/bolsas/pd>

Gráfico 48: Valores de Investimentos da CAPES (2000-2022)

FONTE: OBL/A4 a partir de dados Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento

No caso do CNPq, a quantidade de recursos alocados ao longo dos anos varia muito. De qualquer forma, a tendência geral foi de queda acentuada especialmente a partir de 2018, numa tendência que se consolida no período do Governo Bolsonaro. Em 2020, por exemplo, o órgão recebeu apenas 9,9 milhões, passando para 11,9 milhões em 2021 e chegando aos 16,67 milhões em 2022 – valores bem inferiores à média de 48,72 milhões para 2000-2020. Já no caso da CAPES, em 2021, por exemplo, o órgão não recebeu nenhum recurso para a área de investimento. O recurso aprovado para 2022 foi o menor valor já destinado para investimentos em 20 anos: R\$ 8,11 milhões⁹.

Como a exposição a seguir aponta, este cenário de sucessivos cortes é fundamental para a compreensão das percepções e expectativas profissionais do grupo de recém-doutores(as) na

⁹ Para mais informações e dados sobre cortes em Educação e CT&I no Brasil, consultar boletins produzidos pela parceria entre OBL (Observatório do Legislativo Brasileiro - IESP-UERJ) e A4 (Articulação das Ciências Sociais): <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques-2/2726-boletim-17-cortes-na-educacao>; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-02-Boletim9-A4.pdf; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-02-nota-orcamento-educacao.pdf; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-02-nota-orcamento-cnpq.pdf; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-02-nota-orcamento-MCTI.pdf; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-02-nota-orcamento-capes.pdf; https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2021-10-Nota10_PLN-16.pdf;

área acadêmica. Embora esta pesquisa tenha iniciado tendo a pandemia como um de seus enfoques centrais para avaliar novos desafios às rotinas de trabalho dos cientistas sociais, o que as entrevistas revelaram foi que o peso da conjuntura política era muito maior entre as novas gerações do que outros possíveis problemas.

Uma ponderação importante a ser feita é que esta parcela de jovens pesquisadores(as) usualmente está mais sujeita à falta de estabilidade não só econômica, mas também de moradia. Isso dificulta a consolidação de arranjos familiares que geralmente possuem mais peso na análise de gerações mais velhas. A sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado, por exemplo, não apareceu muito entre os entrevistados(as).

No presente relatório, apresentamos uma análise preliminar dessas conversas, que serão futuramente objeto de estudos mais estruturados. Explorando os dados das entrevistas, foi possível traçar um panorama geral das opções pela área de Ciências Sociais nos cursos de graduação. Em quase todos os casos, o conteúdo das conversas revelou o pouco conhecimento sobre a área no momento de ingresso na faculdade. Esse desconhecimento refere-se tanto aos componentes curriculares e conteúdo do curso de graduação, quanto à atuação profissional de cientistas sociais. Ou seja, seja como estudo formativo, seja como prática profissional, o curso de Ciências Sociais no nível da graduação não parece bem definido para a maioria daqueles que nele ingressam¹⁰.

De todo modo, agrupamos algumas linhas que orientaram a escolha pelo curso de graduação na área: (1) contato com a disciplina de Sociologia na etapa da Educação Básica; (2) possibilidade de obtenção de diploma de nível superior numa universidade pública; (3) influência familiar difusa. Parte desta geração também manifestou que as Ciências Sociais representavam um desejo de transformação da sociedade, a chance de promover melhorias nas vidas das pessoas e de propagar mudanças positivas para o mundo.

No caso do item 1, foram destacados o interesse inicial pela área, ainda que a disciplina não tenha sido capaz de responder “o que faz um cientista social”. A admiração pelos(as) professores(as) dessas disciplinas aparece como importante. Já a opção pelo curso vista como uma possibilidade de acesso ao Ensino Superior foi uma condicionante que apareceu de modo mais pronunciado entre aqueles cujos pais não frequentaram o Ensino Superior. São importantes aqui questões como (a) oferecimento do curso de graduação em universidades próximas ao local

¹⁰ Entre os (as) entrevistados(as), 7 fizeram graduação em outras áreas como Jornalismo, Direito e Turismo, por exemplo. Nesses casos, a opção pelas Ciências Sociais se deu apenas na pós-graduação e está bastante ligada a interesses pessoais de aprofundamento em temas ou problemas sociais que haviam sido objeto de debate ou interesse na área original de formação.

de residência; (b) maior facilidade de ingresso via SISU. Quanto à influência familiar, nenhum dos(as) entrevistados(as) possuem pais ou parentes cientistas sociais (ainda que 3 tenham pais professores universitários em outras áreas do conhecimento). Menos do que uma lógica de diplomação semelhante à dos pais, aqueles que fizeram referência à influência deles, destacam um ambiente familiar no qual se discutia muito política ou de país com atuações em sindicatos e/ou movimentos sociais.

Para o conjunto dos(as) entrevistados(as), a melhor compreensão tanto dos componentes das Ciências Sociais, quanto da profissão passou pela possibilidade de acesso a bolsas de iniciação científica ou iniciação à docência durante o curso de graduação. Sobretudo para estudantes que integram a primeira geração familiar a cursar o Ensino Superior, o acesso a grupos de pesquisa e ao financiamento de suas atividades mostrou-se fundamental para dar contornos mais nítidos à carreira e as suas possibilidades de profissionalização na área. Uma das entrevistadas, por exemplo, sintetizou em sua fala tais questões:

Eu sabia que precisava da universidade para ter uma carreira, então eu fiz a escolha pelas Ciências Sociais. É, na verdade eu nem sabia o que fazia um cientista social. E quando eu passei eu fiquei um ano tentando descobrir o que fazia um cientista social. Eram muitas leituras e era uma desconstrução de mundo a cada semestre, né? Só que isso foi em 2005. E foi bem no início do REUNI¹¹ [...] uma política pública que deu uma alavancada nas universidades. E no curso de Ciências Sociais não foi diferente. Então, começaram a entrar professores novos e a gente ganhou um prédio novo e professores novos. E um desses professores, ele fez [...] uma seleção de bolsista [...] E eu passei. Então, a partir desse ano, eu comecei a descobrir... é, enfim, que não era fácil e que eu teria que, sim, estudar, fazer o mestrado, fazer o doutorado se eu quisesse continuar na área (Entrevista 2, mulher branca, pais sem nível superior).

Mercado de trabalho, renda e ocupação

Nossos dados indicam que 64% das pessoas tituladas com doutorado desde 2015 trabalham na docência ou na pesquisa em instituições de Ensino Superior. Para este grupo, a característica mais presente é o movimento permanente de trabalhar e buscar trabalho. São duas as razões principais: (1) contratos de curta duração - entre 6 e 12 meses -, com possibilidades desiguais de renovação; (2) baixa remuneração desses contratos, exigindo também muitos trabalhos como freelancer, por exemplo.

¹¹ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, lançado em 2007. Foi responsável pela expansão do número de vagas docentes e discentes nas universidades federais brasileiras, com a abertura de novas universidades e cursos em todo o país.

O detalhamento das ocupações de recém-doutores(as) pode ser encontrado na tabela abaixo:

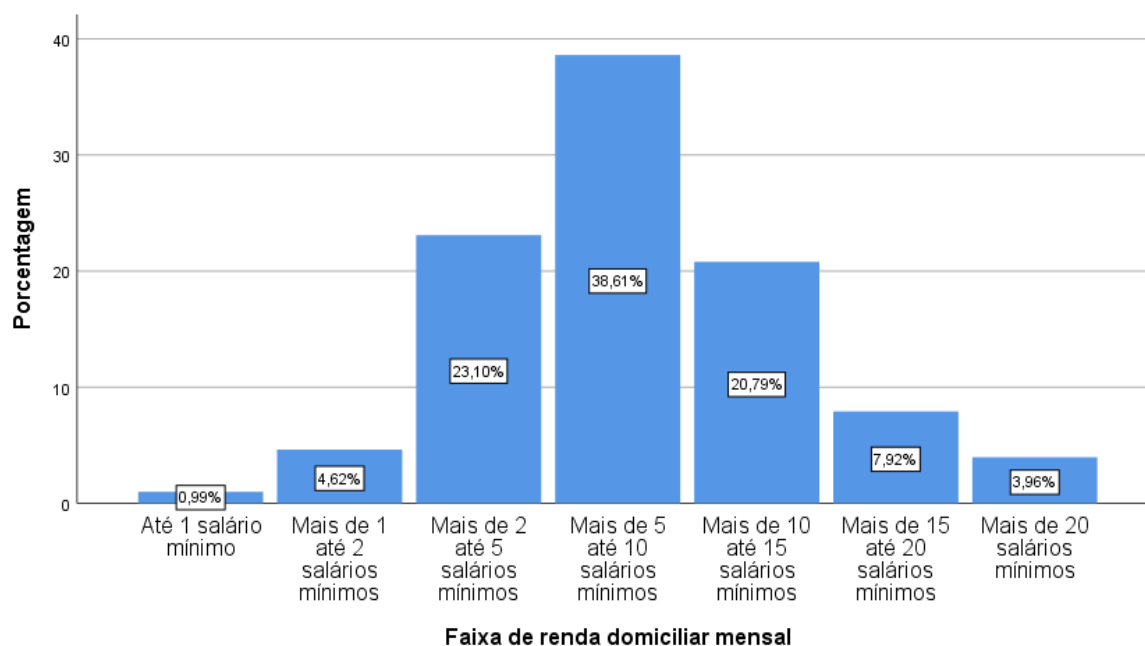
Tabela 17: Distribuição das ocupações dos recém-doutores(as) (%)

Ocupação	%
Docente de Universidade Pública	24,8%
Outra	23,2%
Pesquisador de pós-doutorado	17,8%
Pesquisador freelancer	11,8%
Docente de Universidade Privada	9,6%
Docente da Educação Básica	4,8%
Desempregado	8%

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Dados do survey apontam para uma taxa de desemprego no grupo de 8%¹². Entre aqueles que declararam estarem à procura de emprego, 20% afirmaram que a busca se limita exclusivamente à área de formação e 4% declararam que buscam trabalho apenas fora da área de formação. 68%, no entanto, afirmam priorizar a área de formação, mas não limitar a busca a ela. Quanto à composição da renda, as principais faixas de renda domiciliar mensal são: 23,1% entre 2 e 5 salários-mínimos e 38,61% entre 5 e 10 salários-mínimos.

¹² No 1º trimestre de 2022 [data da pesquisa] a taxa de desemprego no Brasil segundo a PNAD contínua era de 11,1%. Para o grupo etário que concentra a maioria dos recém-doutores(as) a taxa era de 10,2%. Fonte: [IBGE/PNAD Contínua](#)

Gráfico 49: Faixa de renda domiciliar mensal dos recém-doutores(as) (%)

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Cerca de 77,7% dos respondentes do survey afirmaram que o título de doutorado teve impacto positivo em sua trajetória profissional; sendo o título indiferente para 17,8%. A maioria dos recém-doutores(as) demonstrou que suas expectativas profissionais após o doutoramento foram ou estão sendo cumpridas, embora 28,7% tenham declarado que suas expectativas profissionais após o doutoramento não foram e não serão cumpridas. Para 9,9% dos respondentes, as expectativas foram cumpridas.

Mesmo com uma avaliação geral positiva sobre a titulação e suas expectativas profissionais após o doutoramento, quando indagados se já pensaram em desistir da carreira acadêmica, 80,3% responderam positivamente. As motivações estão indicadas na tabela abaixo.

Tabela 18: Distribuição das respostas à pergunta “Você já considerou desistir da carreira acadêmica?” por recém-doutores(as) (%)

Motivo	%
Embora não considere desistir da carreira acadêmica, tem sido difícil encontrar oportunidades na área	27,1%
Passei a considerar desistir da carreira acadêmica em função dos cortes de recursos para CT&I e Educação nos últimos anos	22%

Nunca considerei desistir da carreira acadêmica	19,7 %
Já considerei desistir da carreira acadêmica em função da alta pressão por produtividade	9,9%
Desisti da carreira acadêmica após dificuldades de alocação profissional na área	6,1%
A carreira acadêmica nunca foi minha prioridade	3,2%
Já considerei desistir da carreira acadêmica em função da sobrecarga de trabalho administrativo	3,2%
Passsei a considerar desistir da carreira acadêmica em função da migração para o ensino/trabalho remoto durante a pandemia	1,3%

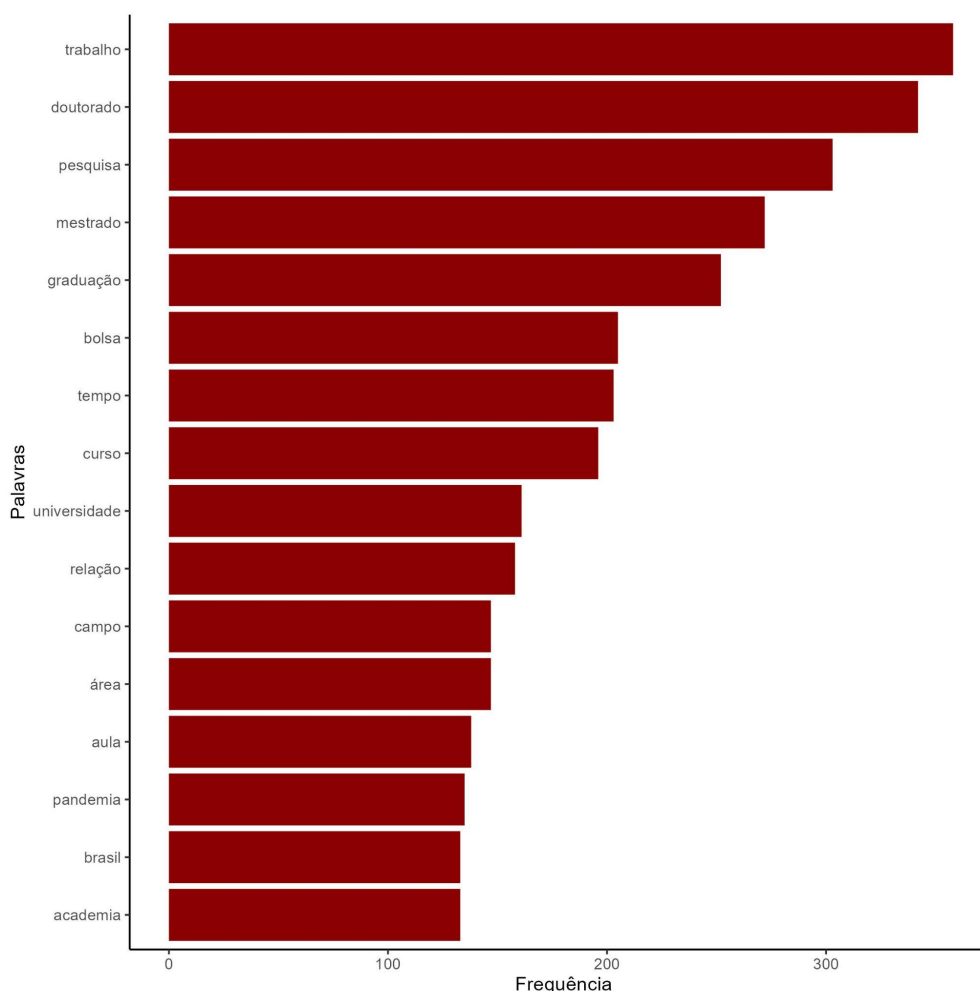
Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

3.3 Recém-doutores(as) e mercado de trabalho: balanço a partir das entrevistas.

Dados quantitativos e qualitativos da pesquisa apontam que parte substantiva das incertezas em relação aos futuros profissionais entre recém-doutores(as) estão concentradas em preocupações quanto à inserção estável e duradoura no mercado de trabalho. Como descreve uma das entrevistadas:

Acho que, de forma geral, quem vai seguir na carreira acadêmica, vai ser por pura insistência ou porque tem realmente recursos materiais e psicológicos para tanto. A não ser que o contexto mude [...] que volte os investimentos, né? Eu vejo muito na academia essa descrença coletiva de colegas, é como se fosse uma ansiedade coletiva, um desespero coletivo literalmente, porque as pessoas tiveram que reformular a sua visão de trabalhar numa universidade, de trabalhar com ciência. (Entrevista 1, mulher branca).

Alusões a este estado de "ansiedade coletiva" abordada pela entrevistada foram comuns na quase totalidade das entrevistas. Como demonstra o gráfico de frequência das palavras mais utilizadas pelos 29 entrevistados(as) (**Gráfico 50**), "trabalho", "doutorado" e "pesquisa" aparecem de modo recorrente nas falas e indicam como o período após a finalização do doutorado tem se mostrado bastante desafiador em termos de inserção no mercado de trabalho.

Gráfico 50: Palavras mais frequentes nas entrevistas com recém-doutores

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Para além das inseguranças associadas ao período de transição profissional, esta geração vem enfrentando um cenário que combina restrições de oportunidades em postos estáveis e intensificação das atividades laborais em contratos de curta ou média duração nos setores público e privado. Foram frequentes nas entrevistas diálogos como o transcrito abaixo:

Entrevistado: Então, eu tô atualmente (...) como professor temporário [em uma universidade] e sou pós-doutorando [em outra universidade].

Entrevistadora: O seu contrato de temporário é por quanto?

Entrevistado: (...) dez meses. Eu estava com um contrato antes (em outra universidade), pois no período remoto pude manter dois contratos. É a excepcionalidade do remoto. Então, mantive dois contratos temporários.

Entrevistadora: O outro foi por quanto tempo?

Entrevistado: Um ano.

Entrevistadora: E o pós-doc é sem bolsa?

Entrevistado: É sem bolsa. Sem bolsa. Estou há um ano e meio já.

(Entrevista 10, homem branco)

Na conjunção dos efeitos tanto da adoção do trabalho remoto em função da pandemia de Covid-19, da Reforma Trabalhista de 2017, bem como dos sucessivos cortes no financiamento ao Ensino Superior ao menos nos últimos sete anos, as entrevistas demonstraram a intensificação de formas flexíveis de contratação do contingente de recém-doutores(as), especialmente no Setor Público, usualmente menos aberto a contratações nessas modalidades. Os contratos de trabalho, seja para professores ou para pesquisadores, geralmente de curta duração, têm se revelado um elemento importante na percepção de instabilidade, pois torna permanente a necessidade de procura por outros concursos ou oportunidades.

Justamente por essa razão, como o mesmo **Gráfico 50** demonstra, "tempo" é outra das palavras frequentemente acionadas para falar sobre as possibilidades de construção da carreira. Pressionados seja pela alta carga didática que assumem como docentes substitutos (as), por exemplo; ou pelas múltiplas atividades laborais que desempenham simultaneamente, parte considerável dos (as) entrevistados (as) demonstrou preocupação com o tempo disponível tanto para a vida pessoal, quanto para o desenvolvimento de pesquisa e/ou produção científica no período após a titulação. Como ressalta uma das entrevistadas que atua como professora substituta:

No primeiro semestre [como professora] foi insuportável (...) eu caí meio de paraquedas (...) peguei o semestre andando e [uma] disciplina que eu não conhecia. Então, foi muito caótico. E eu mudo de disciplinas quase todo semestre. Como acho que todos os professores substitutos no Brasil [risos]. Então, isso é uma coisa que me deixa um pouco angustiada. De que eu não consigo ter aulas preparadas que funcionem pro semestre seguinte. Então, todo semestre eu sinto que eu estou correndo atrás da máquina (...) E as poucas disciplinas que eu repeti, eu também resolvo sempre mudar o programa, porque eu tenho que ver o que que funcionou, o que que não funcionou. Então eu sinto que eu invisto muito tempo preparando aula, lendo coisas mais recentes, pensando em como conectar com outros debates. Isso faz com que eu me sinta um pouco triste, às vezes (...) porque é isso. Eu gostaria de estar publicando, eu gostaria de estar estudando pra concursos. Aliás, pros raros concursos [risos] que abrem no Brasil. Mas acho que de um de uns tempos pra cá eu consegui me organizar um pouco melhor, porque eu tava sentindo de mim mesma uma cobrança muito grande de não estar publicando, não participar de pesquisa e agora, também com retorno ao presencial, eu consegui ingressar num grupo de pesquisa bem legal daqui [a universidade onde atua como substituta]. (Entrevista 14, mulher branca).

Às dificuldades iniciais comuns a todos que ingressam na prática docente, como o longo período de tempo despendido para a preparação de aulas, por exemplo, são acrescentadas

preocupações com o tempo disponível para "construir currículo" visando postos de trabalho mais estáveis. Na mesma entrevista de número 10, o entrevistado observa:

Então o professor substituto, a princípio, ele é pra substituir uma vaga que está em aberto, uma coisa temporária (...) e ele vai substituir pra dar aula. Só que cada universidade apresenta seus problemas, suas dificuldades e você acaba tendo que preencher algumas lacunas, às vezes administrativas. Mas, também, por conta da exigência do produtivismo da CAPES, CNPq, enfim, de fazer currículo, você também precisa estar ali, participando ativamente. A questão com relação ao professor substituto é uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo que ela é importante, porque possibilita a gente ter essa vivência dentro do campo da docência - e que o estágio docente, ele não dá conta disso de forma alguma - mas, ao mesmo tempo, é uma situação extremamente precária, porque você precisa estar ali fazendo currículo, você precisa estar ali querendo fazer a docência, mas você esbarra em barreiras institucionais, porque você não é efetivo, né (...) Por exemplo, se a gente pensar a questão de propor um projeto de pesquisa, você precisa propor um projeto pesquisa, é, que seja coadunado com o tempo do seu contrato. Então você propor um projeto de pesquisa, por exemplo, de seis meses é uma pesquisa pocket, é quase que impossível fazer. Mas muitas vezes (...) esses contratos não são nem de um ano necessariamente, é seis meses com renovação de mais seis meses com renovação mais de seis meses. Então, já cria uma dificuldade pra pensar em projeto de pesquisa, por exemplo. E pra ser orientador, existe toda a dificuldade da questão do contrato. Por exemplo, teve universidade que eu fui orientador, mas o meu contrato terminou antes de terminar a orientação (...) E aí como é que fica o estudante? Ele fica ali à míngua e daqui a pouco ele vai ter que se virar pra encontrar outro [docente]. São esses limites que fazem o trabalho ficar extremamente precário (Entrevista 10, homem branco).

Trata-se de uma geração que iniciou sua trajetória docente em ambientes de aulas virtuais, com baixa inserção na vida acadêmica presencial das universidades e contatos esparsos com os demais colegas de profissão. Como consequência, temos uma geração de profissionais marcada por um movimento permanente de trabalhar e buscar trabalho. Os efeitos dessa dupla jornada sobre os entrevistados apresentaram resultados variados, sobressaindo-se a frustração pelo pouco tempo dedicado à pesquisa e à escrita, bem como os impactos de tal limitação para a construção de currículos acadêmicos mais competitivos para as raras vagas permanentes abertas no mercado.

mobilizada a escolher disciplinas, a buscar um apartamento, uma casa nessa outra cidade pra me mudar, depois de três meses, eles descobriram que tinha [uma norma interna] que não estava clara no edital e me dispensaram (...) Nisso, nessa mesma semana, a pandemia estourou, eu perdi o meu emprego onde era substituta, porque mandaram todos os substitutos embora e eu tinha negado uma oportunidade de trabalho porque estava na expectativa de assumir o concurso. Foi uma situação muito difícil, veio a pandemia, um ano sem nenhum concurso. Em 2021, tentei outro concurso, fiquei em terceiro lugar, e agora estou me preparando pra mais um (...) E o esforço físico e emocional é muito grande e o esforço financeiro também é muito grande, porque pra fazer cada um desses concursos, gasto por volta de dois mil a três mil reais, porque preciso pagar minha alimentação, preciso pagar meu transporte e só eventualmente tem alguém que recebe na casa (...) Para mim, é um esforço descomunal para continuar na área, sabe? Então, me sinto meio idiota às vezes, sendo bem franca. Eu me sinto meio, meio otária (Entrevista 3, mulher branca)

A percepção sobre as dificuldades da construção da vida profissional na área após a titulação no doutorado é recorrente. Neste aspecto reflexões sobre a academia se mostraram bastante comuns, como demonstra outro entrevistado:

Estou ganhando a minha grana, estou pagando minhas contas, tudo bem. Mas, eu também percebo em mim uma crescente insatisfação profissional (...) minha trajetória pessoal coincidiu com um momento, coletivo, social, político de criação de oportunidades, eu peguei a porta fechando. Acho que o último grande concurso que teve na minha área, foi justamente o que eu fui aprovado, em 2017, 2018, pelo menos aqui na região nordeste. De maneira geral, tentando me distanciar, objetivar minha opinião, acho a área das Ciências Sociais uma área extremamente difícil, extremamente ingrata e eu tenho dúvidas até, se eu indicaria para alguém (Entrevista 16, homem pardo)

"Difícil" é também uma das palavras em destaque no Gráfico 53, também conectada à palavra "percepção". Em linhas gerais, as entrevistas demonstram que para o conjunto dos recém-doutores que estão inseridos ou buscam inserção como professores (as) do Ensino Superior a percepção de que se trata de uma carreira difícil já aparecia desde - ao menos - o período de mestrado. No entanto, uma conjuntura política, econômica e social bastante adversa e - de certa maneira - hostil à Educação pública e ao financiamento da área de CT&I tornou a inserção profissional ainda mais incerta, acarretando ônus substantivos em diversos aspectos da vida pessoal e profissional, como também demonstram, por exemplo, o **Gráfico 23** sobre as percepções acerca da saúde mental no grupo geracional, bem como a **Tabela 20** e as ponderações sobre a desistência da carreira acadêmica.

CONCLUSÕES

Sem pretender ser exaustivo, este relatório apresentou um panorama sobre o trabalho acadêmico na área de ciências sociais, observando algumas das assimetrias de gênero, raça e geração que o marcam contemporaneamente. Como era esperado, trata-se de um universo laboral marcado pela centralidade do Setor Público, tanto no percurso de formação - ao menos no nível do Ensino Superior -, quanto nas carreiras de ensino, pesquisa e extensão.

Desde ao menos 2016, o Estado brasileiro - sobretudo o governo federal - passou a restringir a quantidade de vagas concursadas no serviço público, reduzindo os postos de trabalho ou optando por formas temporárias e/ou flexíveis de contratação. Trata-se de um movimento mais amplo que, no caso do Ensino Superior, acabou por promover dois efeitos básicos registrados pela pesquisa: (1) dificuldades quanto à primeira inserção profissional na área para as gerações tituladas especialmente a partir de 2015; (2) intensificação do trabalho para as gerações já inseridas, sobretudo para grupos que se encontram nas faixas intermediárias da carreira.

Como efeito, temas como saúde mental, a não remuneração de um conjunto de tarefas e atividades que marcam a profissão acadêmica, o estabelecimento de valores padrões para certos serviços apareceram de modo pronunciado na pesquisa, indicando a necessidade de debates sobre a profissionalização e remuneração adequada do trabalho.

Em linhas gerais, o trabalho acadêmico remunerado é considerado exigente e marcado por renúncias pessoais substantivas. Ao mesmo tempo, a carreira é vista de modo positivo por aqueles que nela estão ou buscam nela ingressar. Os resultados da pesquisa permitem observar, portanto, que os profissionais tendem a promover separações entre a carreira e suas potencialidades e o contextos específicos sociais, econômicos e políticos específicos.

De qualquer modo, é possível notar como ao longo das gerações, os pactos e expectativas em torno do que seriam carreiras dignas dentro da academia se alteram, havendo uma pressão substantiva hoje para debates que levem em conta temas como sobrecarga de trabalho, a alta gama de atividades não remuneradas, a intensificação dos processos de burocratização implicadas no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, a pressão por produtividade, por exemplo.

Como primeiro esforço de sondagem e produção de dados, a pesquisa aponta para a importância de ampliar debates nas seguintes direções:

- Debater as múltiplas possibilidades de profissionalização dos cientistas sociais;
- Evitar a naturalização de processos de expulsão das carreiras acadêmicas;

- Conhecer de modo mais abrangente o mercado de trabalho para cientistas sociais, evitando respostas coladas num mercado altamente flexível e precarizado.
- Promover políticas científicas de reconhecimento da pluralidade e da diversidade da comunidade de cientistas sociais;
- Expandir e recompor o orçamento de CT&I a partir de uma políticas científicas de redistribuição;
- A partir dos itens anteriores, repactuar noções de mérito acadêmico e científico.

REFERÊNCIAS

Abrantes, P., Banha, R., Ramos, M., Aníbal, A., & Urze, P. (2022). Inserções, identidades e competências dos sociólogos em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 100. Disponível em: <https://journals.openedition.org/spp/11314>

Baltar, R., & Siqueira Baltar, C. (2017). A Sociologia como profissão. *Revista Brasileira de Sociologia-RBS*, 5(10). doi.org/10.20336/rbs.213

Bonelli, M. da G. (1993). As ciências sociais no sistema profissional brasileiro. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (36). Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/139>

Candido, M. R., Catelano, O. Z., Chaguri, M., Marques, D., Elias de Oliveira, V., & Biroli, F. (2023). Inequalities Among Political Scientists: Race and Gender Relations During the COVID-19 Pandemic. *PS: Political Science & Politics*. doi: [10.1017/S1049096523000197](https://doi.org/10.1017/S1049096523000197)

Candido, M. R., & Chaguri, M. (2022, January 10). Desafios da pandemia para o futuro do trabalho nas ciências sociais. *Folha de São Paulo*.

Candido, M., Marques, D., Elias de Oliveira, V., & Biroli, F. (2021). As Ciências Sociais na Pandemia da Covid-19: rotinas de trabalho e desigualdades. *Sociologia & Antropologia*, 11. doi: doi.org/10.1590/2238-38752021v11esp2

Catelano, O. Z.; de Freitas, G.; Candido, M. R.; Chaguri, M.; Amaral, O.; Inácio, M.; Castro, B.; Marques, D.; Elias de Oliveira, V.; Biroli, F. (2023). *Futuros do Trabalho nas Ciências Sociais*, <https://doi.org/10.7910/DVN/CLPGAA>, Harvard Dataverse, V1.

Morais, E. M. de. (2022). Formação em Ciências Sociais e sentidos da profissão docente constituídos por estudantes universitários: caminhos, perspectivas e movimentos formativos (Doutorado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Retrieved from <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48534>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES - AUTHORS CONTRIBUTION

Mariana Miggiolaro Chaguri - coordenação geral da pesquisa; formulação do survey; condução das entrevistas; manipulação dos dados; redação de análises.

Géssica de Freitas - edição, manipulação e disponibilização dos dados; redação de análises

Marcia Rangel Candido - proposta da pesquisa; formulação do survey; formulação do roteiro das entrevistas; condução das entrevistas; redação de análises.

Otávio Z. Catelano - formulação e execução do survey; edição, manipulação e disponibilização dos dados, redação de análises.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado no Harvard Dataverse) e pode ser acessado em: <https://doi.org/10.7910/DVN/CLPGAA>

O questionário utilizado no survey pode ser acessado em: https://anpocs-my.sharepoint.com/:b:/g/personal/cloud_anpocs_org_br/Ed8AXw4CM8BOqBL-MEKaTq8Bshs4GbYe6wNyTZ48zGUB5A?e=PwWxoD

A coleta de dados foi aprovada pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética - CAAE: 54141021.4.0000.8142, emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de Campinas (CEP-CHS/Unicamp).

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi financiado pela Ford Foundation.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

As(os) autoras(es) declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

ANEXO I

Dada a baixa quantidade de respondentes em nossa amostra de pessoas amarelas (9 respondentes) e indígenas (6 pessoas), optamos por não incluir os dois grupos nas análises anteriores pois os números não eram suficientes para verificar variações intragrupo. Qualquer variação identificada poderia ressaltar características que não refletem a realidade de ambos os grupos, apenas as pessoas respondentes. No entanto, apresentamos a seguir algumas análises descritivas que permitem conhecer informações gerais sobre ambas as populações.

Pessoas autodeclaradas amarelas

PERFIL DE GÊNERO

Quando indagados sobre com qual gênero se identificavam, a distribuição encontrada foi a seguinte:

Tabela 1: Distribuição da identificação de gênero dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Com qual gênero você se identifica?	%
Mulher cisgênero	44,44
Homem cisgênero	55,56
Prefiro não responder	0
Mulher transgênero	0
Homem transgênero	0
Pessoa não-binária	0
Pessoa agênero	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PERFIL ETÁRIO E PANORAMA GERACIONAL

Quanto à faixa etária, a distribuição completa está indicada na tabela abaixo:

Tabela 2: Distribuição da faixa etária dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Qual é a sua faixa etária?	%
18 a 24 anos	0
25 a 34 anos	11,11
35 a 44 anos	55,56
45 a 54 anos	33,33
55 a 64 anos	0
65 anos ou mais	0
Prefiro não responder	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A partir do perfil etário acima descrito e para traçar um panorama geracional geral da amostra, reagrupamos as respostas sobre o ano de conclusão do curso de graduação em 5 categorias: graduados antes da década de 1990, graduados na década de 1990, graduados na década de 2000, graduados na década de 2010 e graduados na década de 2020. A distribuição encontrada foi a seguinte:

Tabela 3: Distribuição da década de titulação na graduação dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Década de titulação na graduação	%
Antes de 1990	0
Década de 1990	11,11
Década de 2000	77,78
Década de 2010	11,11
Década de 2020	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL

Quanto à distribuição regional, as pessoas autodeclaradas amarelas moram e trabalham nas seguintes regiões:

Tabela 4: Distribuição regional dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Região	%
Norte	11,11
Nordeste	0
Centro-oeste	11,11
Sudeste	55,56
Sul	22,22

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

DISTRIBUIÇÃO POR ÁREA

Quando indagados sobre sua principal área de concentração dentro das Ciências Sociais, encontramos a seguinte distribuição¹⁴:

Tabela 5: Distribuição da área de concentração dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Área de Concentração	%
Antropologia	33,33
Ciência Política	22,22
Ciências Sociais	22,22
Sociologia	22,22
Relações Internacionais	22,22
Outras	11,11

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

¹⁴ Para o cálculo das porcentagens foi levado em consideração o total de respondentes autodeclarados amarelos (9). Como algumas pessoas disseram se concentrar em mais de uma área, estas foram contabilizadas em mais de uma área, de modo que a soma total das porcentagens é maior que 100%

OCUPAÇÃO

O detalhamento das ocupações pode ser encontrado na tabela abaixo:

Tabela 6: Distribuição da ocupação principal dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Ocupação	%
Docente de Universidade Pública	33,33
Docente de Universidade Privada	22,22
Outra	11,11
Pesquisador (a) com vínculo formal	11,11
Docente da Educação Básica	11,11
Desempregado	11,11
Pesquisador de pós-doutorado	0
Estudante de Pós-Graduação	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Tabela 7: Distribuição da renda domiciliar mensal dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Renda	%
Até 1 salário-mínimo	11,11
Mais de 1 até 2 salários-mínimos	0
Mais de 2 até 5 salários-mínimos	22,22
Mais de 5 até 10 salários-mínimos	33,33
Mais de 10 até 15 salários-mínimos	22,22
Mais de 15 até 20 salários-mínimos	11,11
Mais de 20 salários-mínimos	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

CUIDADO

Quando indagados se cuidavam de algum familiar, encontramos a seguinte distribuição

Tabela 8: Distribuição das respostas à pergunta “Você cuida de algum familiar?” dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Você cuida de algum familiar?	%
Outro	22,22
Prefiro não responder	22,22
Sim, filho/a (s)	11,11
Sim, idoso/a (s)	11,11
Sim, cuidado de familiar (es) que é (são) Pessoa Com Deficiência	11,11
Não	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PARENTALIDADE

Delimitando as questões ligadas à parentalidade, a distribuição está sintetizada na tabela abaixo.

Tabela 9: Distribuição das respostas à pergunta “Quantos (as) filhos (as) você tem?” dos respondentes que se autodeclararam amarelos (%)

Quantos (as) filhos (as) você tem?	%
Não tenho filhos	55,56
1 filha (o)	11,11
2 filhas (os)	11,11
3 filhas (os)	11,11
4 filhas (os) ou mais	0
Prefiro não responder	11,11

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

Pessoas autodeclaradas indígenas

PERFIL DE GÊNERO

Quando indagados sobre com qual gênero se identificavam, a distribuição encontrada foi a seguinte:

Tabela 10: Distribuição da identificação de gênero dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Com qual gênero você se identifica?	%
Mulher cisgênero	16,67
Homem cisgênero	50
Prefiro não responder	0
Mulher transgênero	0
Homem transgênero	0
Pessoa não-binária	33,33
Pessoa agênero	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PERFIL ETÁRIO E PANORAMA GERACIONAL

Quanto à faixa etária, a distribuição completa está indicada na tabela abaixo:

Tabela 11: Distribuição da faixa etária dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Qual é a sua faixa etária?	%
18 a 24 anos	16,67
25 a 34 anos	33,33
35 a 44 anos	0
45 a 54 anos	33,33
55 a 64 anos	16,67
65 anos ou mais	0
Prefiro não responder	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

A partir do perfil etário acima descrito e para traçar um panorama geracional geral da amostra, reagrupamos as respostas sobre o ano de conclusão do curso de graduação em 5 categorias: graduados antes da década de 1990, graduados na década de 1990, graduados na década de 2000, graduados na década de 2010 e graduados na década de 2020. A distribuição encontrada foi a seguinte:

Tabela 12: Distribuição da década de titulação na graduação dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Década de titulação na graduação	%
Antes de 1990	0
Década de 1990	16,67
Década de 2000	16,67
Década de 2010	66,66
Década de 2020	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL

Quanto à distribuição regional, as pessoas autodeclaradas indígenas moram e trabalham nas seguintes regiões:

Tabela 13: Distribuição regional dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Região	%
Norte	33,33
Nordeste	16,67
Centro-oeste	0
Sudeste	50
Sul	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

DISTRIBUIÇÃO POR ÁREA

Quando indagados sobre sua principal área de concentração dentro das Ciências Sociais, encontramos a seguinte distribuição¹⁵:

Tabela 14: Distribuição da área de concentração dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Área de Concentração	%
Antropologia	33,33
Ciência Política	16,66
Ciências Sociais	16,66
Sociologia	33,33
Relações Internacionais	16,66
Outras	16,66

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

OCUPAÇÃO E RENDA

Os detalhamentos das ocupações e da renda podem ser encontrados nas tabelas abaixo:

Tabela 15: Distribuição da ocupação principal dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Ocupação	%
Estudante de Pós-Graduação	50
Docente de Universidade Privada	16,67
Desempregado	16,67
Outra	16,66
Pesquisador (a) com vínculo formal	0
Pesquisador de pós-doutorado	0
Docente da Educação Básica	0
Docente de Universidade Pública	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

¹⁵ Para o cálculo das porcentagens foi levado em consideração o total de respondentes autodeclarados indígenas (6). Como algumas pessoas disseram se concentrar em mais de uma área, estas foram contabilizadas em mais de uma área, de modo que a soma total das porcentagens é maior que 100%

Tabela 16: Distribuição da renda domiciliar mensal dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Renda	%
Até 1 salário-mínimo	16,67
Mais de 1 até 2 salários-mínimos	33,33
Mais de 2 até 5 salários-mínimos	0
Mais de 5 até 10 salários-mínimos	33,33
Mais de 10 até 15 salários-mínimos	0
Mais de 15 até 20 salários-mínimos	0
Mais de 20 salários-mínimos	0
Prefiro não responder	16,67

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

CUIDADO

Quando indagados se cuidavam de algum familiar, encontramos a seguinte distribuição

Tabela 17: Distribuição das respostas à pergunta “Você cuida de algum familiar?” dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Você cuida de algum familiar?	%
Sim, filho/a (s)	50
Não	33,33
Sim, idoso/a (s)	16,67
Sim, cuidado de familiar (es) que é (são) Pessoa Com Deficiência	0
Outro	0
Prefiro não responder	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

PARENTALIDADE

Delimitando as questões ligadas à parentalidade, a distribuição está sintetizada na tabela abaixo.

Tabela 18: Distribuição das respostas à pergunta “Quantos (as) filhos (as) você tem?” dos respondentes que se autodeclararam indígenas (%)

Quantos (as) filhos (as) você tem?	%
Não tenho filhos	50
1 filha (o)	16,67
2 filhas (os)	16,67
3 filhas (os)	0
4 filhas (os) ou mais	16,66
Prefiro não responder	0

Elaboração própria a partir de Catelano et al (2023).

ANEXO II

Roteiro das entrevistas

Tópico	Detalhamento
1. Trajetória de formação	Explorar como se deu a formação da pessoa e quais as motivações que determinaram a escolha pela área acadêmica em todos os seus estágios (graduação, mestrado e doutorado)
2. Carreira e organização da vida privada	Explorar como a pessoa organiza sua rotina de trabalho em articulação com a vida privada
3. Origem social	Explorar qual a origem social da pessoa a partir de perguntas sobre a formação e a profissão de familiares, bem como a existência de modelos que influenciaram a escolha do trabalho acadêmico
4. Percepção sobre o campo profissional	Explorar como a pessoa percebe o campo de trabalho acadêmico nas Ciências Sociais e se a percepção dela se alterou ao longo do tempo
5. Impacto da pandemia	Explorar como a pandemia mudou percepções da pessoa sobre a carreira
6. Desafios de carreira	Explorar quais os maiores desafios que a pessoa enxerga na carreira acadêmica. Na sequência, indagar se alguma vez ela já pensou em desistir ou em migrar para outro país
7. Aspectos positivos do trabalho acadêmico	Explorar quais fatores a pessoa analisa como positivos na carreira acadêmica e o que motiva ela a continuar neste setor

8. Melhorias almejadas para as Ciências Sociais	Explorar quais aspectos a pessoa acha que podem ser melhorados nas relações e espaços profissionais das Ciências Sociais
--	--

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.